

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA ÁREA DE
CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

“A GEOGRAFIA EM UM CONTEXTO DE CRISE CIENTÍFICA E
PROPAGAÇÃO DE TEORIAS CONSPIRATÓRIAS”

JOÃO VITOR NUNES ANDRADE

UBERLÂNDIA/MG

MAIO, 2022

JOÃO VITOR NUNES ANDRADE

**“A GEOGRAFIA EM UM CONTEXTO DE CRISE CIENTÍFICA E
PROPAGAÇÃO DE TEORIAS CONSPIRATÓRIAS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Educação Geográfica e Representações Sociais

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Freire Sampaio

Uberlândia/MG

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A553g
2022

Andrade, João Vitor Nunes, 1997-

A geografia em um contexto de crise científica e propagação de teorias conspiratórias [recurso eletrônico] / João Vitor Nunes Andrade. - 2022.

Orientador: Antonio Carlos Freire Sampaio.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Geografia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5522>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Geografia. I. Sampaio, Antonio Carlos Freire, 1955-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

Rejâne Maria da Silva
Bibliotecária-Documentalista – CRB6/1925

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H35 - Bairro Santa Monica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4381/3291-6304 - www.ppgeo.ig.ufu.br - posgeo@ufu.br

**ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

Programa de Pós-Graduação em:	GEOGRAFIA				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico; Número 522, PPGEO				
Data:	15 de julho de 2022	Hora de início:	14h:00m	Hora de encerramento:	17h:30m
Matrícula do Discente:	12012GEO010				
Nome do Discente:	JOÃO VITOR NUNES ANDRADE				
Título do Trabalho:	A GEOGRAFIA EM UM CONTEXTO DE CRISE CIENTÍFICA E PROPAGAÇÃO DE TEORIAS CONSPIRATÓRIAS				
Área de concentração:	DINÂMICAS TERRITORIAIS E ESTUDOS AMBIENTAIS				
Linha de pesquisa:	EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se no Anfiteatro [On-line], Campus [Mconf RNP], da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em GEOGRAFIA, assim composta: Professores Doutores: Carlos Alberto Póvoa - UFTM/MG; Túlio Barbosa - IG/UFU e Antônio Carlos Freire Sampaio - IG/UFU orientador do candidato. Em função da Pandemia COVID-19, todos os membros participaram de forma on-line.

Iniciando os trabalhos o Presidente da mesa, Dr. Antônio Carlos Freire Sampaio - IG/UFU, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Devendo realizar as sugestões feitas pela Banca

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Carlos Freire Sampaio, Professor(a) do Magistério Superior**, em 15/07/2022, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **CARLOS ALBERTO POVOA, Usuário Externo**, em 15/07/2022, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tulio Barbosa, Membro de Comissão**, em 15/07/2022, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3726444** e o código CRC **41CCFAA0**.

AGRADECIMENTOS

Realizar os agradecimentos de um trabalho que, devido aos anos de pandemia, foi realizado quase em sua totalidade em isolamento social, é um pouco incomum. Esse período confuso e contraditório foi ao mesmo tempo um período de solidão e de convivência. O contato físico restrito a poucas pessoas foi difícil, de fato, mas as novas amizades feitas virtualmente, proporcionando horas de chamadas de vídeo não me deixaram sentir que eu estava sozinho nesta caminhada.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Marco Antônio e Jackeline e a minha irmã Ana Luiza pelo suporte durante esse tempo, que por força maior, foi de presença ininterrupta. Agradeço também a Laura por sua companhia e pelo seu carinho durante todo esse tempo. Não poderia deixar de agradecer e homenagear a minha cachorrinha Sophia, que por muitas vezes foi a única companhia durante as muitas horas de estudo, sempre companheira e carinhosa, me ajudou a superar as dificuldades do isolamento, mas que infelizmente nos deixou durante essa caminhada.

Agradeço aos familiares, que mesmo distantes se fizeram presentes, aos velhos e novos amigos pelas horas de conversas e jogos online que me permitiram descansar mesmo de frente ao computador, em especial aos encontros de sábado nas chamadas do Discord. Agradeço aos meus companheiros de graduação e pós-graduação pelas contribuições durante a caminhada.

Por fim, agradeço aos docentes e técnicos do Instituto de Geografia da UFU, em especial o meu orientador Prof. Dr. Antonio Carlos Freire Sampaio pela paciência, ao Prof. Dr. Tulio Barbosa pelas discussões no grupo de Geografia Anticolonial, a Profa. Dra. Adriany de Ávila Melo Sampaio pelos colóquios do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia na Perspectiva do Ser Humano Integral. Agradeço também aos integrantes do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão – Geografia e Educação Popular de Montes Claros pela oportunidade de contribuir durante as atividades.

João Vitor Nunes Andrade

A Ciência Geográfica em um contexto de Crise Científica e
Propagação de Teorias Conspiratórias

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Educação Geográfica e Representações Sociais, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 15 de julho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antônio Carlos Freire Sampaio - IG/UFU

Prof. Dr. Carlos Alberto Póvoa – UFTM/MG

Prof. Túlio Barbosa – IG/UFU

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - COMPUTADOR ENIAC (1946)	30
FIGURA 2 - COMPUTADOR UNIVAC-1 (1951)	30
FIGURA 3 - COMPUTADOR MACINTOSH (1984)	31
FIGURA 4 - PERSONAL COMPUTER (1981)	31
FIGURA 5 - TUBO DE WILLIAMS (1947)	32
FIGURA 6 - TAMBOR DE MEMÓRIA (1936)	34
FIGURA 7 - COMPUTADOR RAMAC 350	34
FIGURA 8 - DISQUETE DE 3½	35
FIGURA 9 - COMPACT DISC (CD)	35
FIGURA 10 - SSD DA EMPRESA ESTADUNIDENSE KINGSTON	36
FIGURA 11 - PLANO PRÉ-PAGO DA EMPRESA VIVO EM 14 DE MARÇO DE 2022.....	70
FIGURA 12 - PLANO PRÉ-PAGO DA EMPRESA CLARO EM 14 DE MARÇO DE 2022.....	71
FIGURA 13 - PLANO PRÉ-PAGO DA EMPRESA TIM EM 14 DE MARÇO DE 2022.....	71
FIGURA 14 - SEDES DA AÇÃO INTEGRALISTA E DO PARTIDO NAZISTA DIVIDINDO O MESMO PRÉDIO EM RIO DO SUL (SC) NA DÉCADA DE 1930.....	91
FIGURA 15 – Ilustração do experimento realizado por Eratóstenes no século III a.C.....	98
FIGURA 16 – Integrantes da primeira conferência brasileira de terraplanista “FLAT COM BRASIL 2019” em São Paulo.....	101
FIGURA 17 – Imagem Retirada do Grupo de Facebook “ B R Brasil Terra Plana B R ”	103
FIGURA 18 - Imagem Retirada do Grupo de Facebook “ B R Brasil Terra Plana B R ”	104

FIGURA 19 - Imagem Retirada do Grupo de Facebook “ B R Brasil Terra Plana B R ”	105
FIGURA 20 – Homem utilizando uma camisa em alusão a teoria conspiratória “Qanon” durante invasão do Capitólio em 2021.....	109
FIGURA 21 – Jacob Anthony Angeli Chansley, o “Xamã do Qanon” durante invasão do Capitólio em 2021.....	109
FIGURA 22 – Julio Monteiro, a versão brasileira do “Xamã do Qanon” durante manifestação em Niterói em 2022.....	110

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Origem nacional das empresas compradoras e empresas alvo de compra ou fusão entre os anos de 1993 a 2000.....	56
TABELA 2 - Origem do capital da internet brasileira e porcentagem de participação por empresa	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFD – Alternative für Deutschland

AGNU - Assembleia-Geral das Nações Unidas

AIM - AOL Instant Messenger

ARPA - Advanced Research Projects Agency

AT&T - American Telephone and Telegraph

BBS - Bulletin Board System

C&T - Ciência e Tecnologia

CD - Compact Disc

CIA – Central Intelligence Agency

DNS - Domain Names System

EPL - Estudantes Pela Liberdade

EVA – Estrutura Virtual de Acumulação

FAPESP - Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo

FISC - Foreign Intelligence Surveillance Court

FOMO – Fear Of Missing Out

GB – Gibabyte

GCHQ - Government Communications Headquarters

HD - Hard Disk

HTML - Hypertext Markup Language

HTTP - Hipertext Transfer Protocol

IBM - Business Machines Corporation

ICANN – Internet Corporation for Assigned Names and Numbers

IG - Internet Grátis e, posteriormente Internet Group

IOT - Internet of Things

IP - Transmission Control Protocol ou Protocolo de Controle de Transmissão

IRC - Internet Relay Chat

ISO - International Standards Organization

ISOC - Internet Society

KB - Kilobyte

KB/s - Kilobytes por segundo

LNCC - Laboratório Nacional de Computação Científica

MB - Megabyte

MB/s - Megabytes por segundo

MBL - Movimento Brasil Livre

MIT - Massachusetts Institute of Technology

NSA - National Security Agency

NSFNET - National Science Foundation Network

NVMe - Non-Volatile Memory express

OMC - Organização Mundial do Comércio

OSI - Open System Interconnection

PC - Personal Computer

PP - Partido Progressistas

PRB - Partido Republicanos

PSC - Partido Social Cristão

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSYOP – Psychological Operation

PT - Partido dos Trabalhadores

RNP - Rede Nacional de Pesquisa

RPM - rotações por minuto

SFL - Students For Liberty

SMS - Short Message Service

SSD - Solid State Drive

TB - Terabyte

TCP - Transmission Control Protocol ou Protocolo de Controle de Transmissão

UOL - Universo Online

W3C - World Wide Web Consortium

WWW - World Wide Web

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - O DESENVOLVIMENTO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: SURGE UM NOVO CENÁRIO	15
1.1 O ciberespaço como categoria de análise;	15
1.2 Desenvolvimento da informática como pressuposto para o surgimento da internet.	26
1.3 A origem da internet e sua implementação no Brasil.	38
1.4 A consolidação das redes sociais online no século XXI.	45
CAPÍTULO 2 - AS RELAÇÕES DE PODER NO CYBERESPAÇO.	51
2.1 As Tecnologias da Informação Como Instrumento de Poder.	51
2.2 As Redes Sociais Como Ferramenta De Manipulação de Pessoas.	62
2.3 As Redes Sociais Como Ferramenta de Manipulação de Processos Eleitorais.	74
CAPÍTULO 3 – Os Desafios do Conspiracionismo em Rede.	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	118

INTRODUÇÃO

É evidente que, neste início do século XXI, com os recentes avanços das tecnologias da informação, e com a popularização das redes sociais, tem-se popularizado algumas formas de narrativa que não possuem vínculo ou compromisso com a realidade e negam alguns dos conhecimentos tidos como básicos da ciência: são as chamadas teorias da conspiração. A internet possibilitou uma nova maneira para que esse tipo de conteúdo fosse, de forma crescente, disseminado livremente pelo mundo. A temática que essas teorias abordam são amplas, questionando desde a forma do Planeta Terra, até a validade do uso de vacinas.

Este presente trabalho busca compreender de que maneira a internet contribui para o aumento da disseminação das teorias conspiratórias. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha em 2019, aponta que cerca de 11 milhões de brasileiros acreditam que o formato da Terra pode ser plana (GARCIA, 2019). Em contraste a isso, uma busca sobre o tema em repositórios de teses e dissertações do Brasil demonstra que a produção acadêmica sobre o crescimento de apoiadores deste tipo de narrativa é muito pequena. A aparente estratégia adotada pela comunidade científica de não reverberar tais assuntos sob a premissa de não oferecer mais um meio de divulgação dessas ideias não tem se mostrado eficiente para que este tipo de pensamento mistificador seja freado. Portanto, esse trabalho se justifica por propor trazer a luz a forma com que as narrativas conspiratórias foram construídas e a forma com que elas são disseminadas, para que desta maneira seja possível estabelecer um combate efetivo a estas teorias anticientíficas.

As fake News e as teorias conspiratórias, que cada vez mais tem alcançado relevância na política dos grandes Estados, têm se mostrado um grande desafio a ser enfrentado pela humanidade. Não à toa o termo “Pós-verdade” foi eleito como palavra do ano pelo dicionário da Universidade de Oxford em 2016, muito em função da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos da América e a decisão do Reino Unido de sair da União Europeia. Pós-verdade é definido pelo dicionário de Oxford como circunstâncias onde os fatos objetivos são menos influentes para a

opinião pública do que os apelos emocionais e as crenças pessoais. (OXFORD, 2016).

Para Silva (2010) as teorias da conspiração estão associadas a explicações fantasiosas para os fatos, buscando questionar a versão tida como “oficial” e suportada pelas instituições dotadas de credibilidade. A teoria da terra plana, por exemplo, parte do pressuposto de que todos os estudos e experimentos que comprovam ou consideram a forma da Terra como um geóide estão completamente equivocados, e que toda pesquisa espacial realizada pela humanidade, seja ela organizada de forma estatal ou privada, em qualquer espectro político ou ideológico possível, seria, na verdade, nada mais do que falsificações da realidade, e que a comunidade científica estaria conscientemente inserida na conspiração ou completamente alienada.

A importância deste trabalho consiste em denunciar os projetos pseudocientíficos de manipulação, que têm atuado, com uma ousadia ímpar na história, em negar e desmentir os dados científicos. É importante demonstrar historicamente como se fundam essas narrativas que propõem uma forma de organização social onde a ciência e todo conhecimento produzido por ela não possuem fundamento verdadeiro, mas agem no sentido de validar uma construção do real a partir das crenças pessoais. Esta tentativa de ruptura com tudo que é científico consiste em um discurso alienante e extremamente prejudicial para a construção de uma realidade democrática, que deve ter como fundamento o pensamento crítico que se baseia no real. Este trabalho visa defender a construção da ciência geográfica como uma forma de conhecimento voltada para realidade e para a busca da verdade.

O trabalho possui como objetivo geral compreender o contexto atual de crise da autoridade científica, com enfoque em como se configura o fenômeno da disseminação das teorias conspiratórias através das redes sociais e qual o impacto causado sobre a legitimidade científica em nossa sociedade, em especial da ciência geográfica.

Os objetivos específicos consistem em compreender a forma com que as redes sociais foram e desenvolvidas e de que maneira sua estrutura é utilizada para a disseminação do conspiracionismo; buscar os

principais veículos de divulgação destas teorias conspiratórias atualmente, a fim de compreender o comportamento de seus agentes, quais plataformas de propagação e quais modelos e métodos utilizados; Demonstrar e descrever as principais teorias conspiratórias que afetam diretamente a Geografia e identificar qual é a raiz na qual estas teorias se baseiam, buscando contextualizar o seu desenvolvimento histórico.

No primeiro capítulo, dedicado a explicar como se deu o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, iniciamos apresentando o conceito de ciberespaço como uma possível categoria de análise da geografia, desempenhando um importante papel para a compreensão do espaço geográfico atual. Forjado a partir da expansão da internet pelo mundo, compreendemos o ciberespaço em sua relação primordial com o espaço geográfico, sendo, portanto, parte integrante dele. Posteriormente, analisamos como o desenvolvimento da informática, fortemente atrelado ao militarismo estadunidense, criou as bases para o surgimento de uma rede mundial de computadores, a internet. Por fim compreendemos o processo de surgimento da internet e sua mundialização, e de como foi mantida diversas características herdadas da estrutura militar dos Estados Unidos, ressaltando seu caráter centralizador.

Na sequência, no segundo capítulo, iniciamos com uma discussão acerca das relações de poder que envolvem as tecnologias da informação, a partir desta característica de centralização, que consistem em um elemento que fortalece as relações de dependência imperialista dos países pobres frente aos países centrais do capitalismo. Desta forma, analisamos o processo de mundialização da internet e de que maneira ele contribuiu para a implementação de políticas neoliberais onde o controle de tais tecnologias ficam concentradas nas mãos de grandes conglomerados de tecnologia oriundos dos países centrais do capitalismo, o que favorece, por exemplo, processos de espionagem entre países.

Posteriormente, discutimos sobre como as redes sociais, que se tornaram os sites ou aplicativos mais utilizados da internet, possuem uma estrutura feita para manter os usuários engajados em suas plataformas pelo maior tempo possível, causando vícios. O fato de que o tempo em

que passamos conectados atualmente ter se tornado praticamente ininterrupto, faz com que diversas pessoas utilizem as redes sociais como sua principal fonte de informação, o que facilita a propagação de notícias falsas e teorias conspiratórias, devido ao que consideramos como “efeito bolha” e a limitação de checagem de fatos que por diversas vezes é estimulada pela forma com o que as companhias de telefonia vendem o acesso à internet móvel. Por fim, neste capítulo analisamos a forma com que as redes sociais são capazes de manipular pessoas e sobre como esta capacidade foi explorada por campanhas eleitorais recentes, que utilizando estratégias voltadas para as redes sociais, desafiaram os métodos “tradicionais” de se fazer campanhas. A partir disso, analisamos a forma com que as redes sociais contribuíram para o avanço do pensamento conservador em diversos países, com enfoque nos Estados Unidos com o uso do *Facebook* e do Brasil com o uso do *WhatsApp*.

Por fim, no último capítulo, discutimos especificamente acerca das teorias conspiratórias, analisando como seu conceito foi construído ao longo da história e sobre como as conspirações estiveram presentes na história da humanidade por um longo período. Consideramos, neste trabalho, as teorias conspiratórias como um processo que, embora não seja uma novidade na história da humanidade, vem adquirindo novas características a partir da popularização da internet, especialmente no que se refere a forma como elas são disseminadas pelos seus defensores. Ademais, consideramos o pensamento conspiracionista como uma forma conservadora e reducionista de compreender a realidade em sua complexidade, especialmente quando os indivíduos se defrontam com cenários de intensas mudanças na sociedade e prognósticos pessimistas por parte da ciência. Posteriormente, analisamos especificamente como são construídas três teorias conspiratórias atuais, o terraplanismo, o “QAnon” e o globalismo, buscando compreender suas origens e os seus impactos na atualidade.

CAPÍTULO 1 - O DESENVOLVIMENTO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: SURGE UM NOVO CENÁRIO

1.1 O ciberespaço como categoria de análise;

Moreira (2019) faz uma análise ontológica acerca do ser na sua necessidade de especializar-se, e o faz parodiando Freud em seu escrito denominado “Mal-Estar na Civilização”, identificando um problema ontológico de caráter geográfico. Esse problema trata-se de um mal-estar espacial na civilização, que acomete a cultura ocidental em seu modo de ser e estar no espaço ao final do século XX. “Tal mal-estar é uma mistura de desenraizamento e manipulação do imaginário que hoje se põem (sic) em evidência na forma das guerras de destruição, violência generalizada e perdas de referência humana.” (MOREIRA, 2019 p. 133).

Para Freud (2010), o sofrimento humano possui basicamente três fontes: a prepotência da natureza, a fragilidade do corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na sociedade. Contudo, frente às duas primeiras fontes, é inevitável não as reconhecer e se render à sua inevitabilidade. Pois “Nunca dominaremos completamente a natureza, e nosso organismo, ele mesmo parte dessa natureza, será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho” (FREUD, 2010 p. 29). Desta forma, nessas duas fontes, é possível trabalhar em prol da mitigação do sofrimento. Entretanto, sobre a civilização como fonte de sofrimento, compreendendo-a como tudo aquilo que foi criado no intuito de nos proteger das ameaças e demais fontes de sofrimento, nos afastando da vida dos nossos antepassados:

Esta não queremos admitir, não podendo compreender por que as instituições por nós mesmos criadas não trariam bem-estar e proteção para todos nós. Contudo, se lembrarmos como fracassamos justamente nessa parte da prevenção do sofrimento, nasce a suspeita de que aí se esconderia um quê da natureza indomável, desta vez da nossa própria constituição psíquica. (FREUD, 2010 p. 29-30).

Na concepção freudiana, as privações causadas pela sociedade são causas de neuroses entre os homens¹, o poder do indivíduo é

¹ “O trabalho psicanalítico nos ensinou que são justamente essas frustrações da vida

substituído pelo poder da comunidade, pois o instinto de agressão, representante maior do instinto de morte, deve ser controlado. Desta forma, os membros da sociedade limitam sua possibilidade de gratificação em prol da garantia de uma ordem que se coloca como Direito, buscando operar pelo princípio da justiça. A civilização se ergue a partir da renúncia dos instintos que se inicia na infância, o que gera uma frustração entre os homens, causando hostilidades.

Ademais, a dualidade cartesiana de mente/corpo, ser/objeto presente na concepção de *res cogitans* e *res extensa*² funda uma ontologia baseada na separação entre homem e espaço. Os corpos não são espaciais, mas estão no espaço. “[...] tudo no mundo é espacial, exceto o eu [...]”. (MOREIRA, 2019 p. 133). Segundo a concepção cartesiana:

E, por certo, a ideia que tenho do espírito humano, na medida em que é uma coisa que pensa, e não extensa em comprimento, largura e profundidade, e que em nada participa daquilo que pertence ao corpo, é incomparavelmente mais distinta do que a ideia de alguma coisa corporal (DESCARTES, 2005 p. 83).

Desta forma, a realidade espacial se dá de forma exterior ao ser. A partir dessa condição de externalidade “espaço-homem” se ergue a base de grande parte da Geografia moderna, que cresce vinculada à expansão capitalista, relacionando a lógica de produção e reprodução do espaço segundo a lógica de reprodução do capital. Segundo a concepção do autor, a alienação do homem do espaço ocorre a partir de três processos: Desnaturalização, desterrreação e desterritorialização.

Podemos compreender a desnaturalização como a “[...] quebra do elo do homem com a natureza que se instaura através do mito bíblico da expulsão do paraíso e que ganha foro de filosofia desde o seu

sexual que os indivíduos chamados de neuróticos não suportam. Eles criam, com seus sintomas, gratificações substitutivas, que, no entanto, causam sofrimento ou tornam-se fonte de sofrimento, ao lhes criar dificuldades com o ambiente e a sociedade.” (FREUD, 2010 p. 46).

² A *res cogitans* é a existência espiritual do homem sem nenhuma ruptura entre pensar e ser, é a alma humana como realidade pensante que é pensamento em ato, e como pensamento em ato que é realidade pensante. A *res extensa* é o mundo material (compreendendo obviamente o corpo humano), do qual, justamente, se pode predicar como essencial apenas a propriedade da extensão. (ROSA, 2017 n.p.)

nascimento na Antiguidade” (MOREIRA, 2019 p. 135). A concepção judaico-cristã que é desenvolvida a partir do Primeiro Concílio de Niceia, convocado pelo Imperador Constantino durante o século IV, criando as bases de uma doutrina profundamente enraizada na sociedade ocidental, une humanidade e divindade através do espírito, promovendo uma exclusão do corpo, séculos antes dos escritos de René Descartes. Ao afirmar que nós humanos não somos deste mundo e que, na realidade, pertencemos ao reino dos céus, aprofunda-se a aespacialidade do homem, pois o espaço da Terra e o corpo que ocupa esse espaço se tornam apenas uma realidade passageira a ser superada pela vida no paraíso. Fora do pensamento religioso, é possível perceber a desnaturalização na ciência positivista, em especial na física, que separa corpo físico de corpo vivo, levando em conta nas suas análises apenas o corpo físico como parte da natureza, o conceitualizando como um corpo inerte sujeito às leis físico-matemáticas.

Posteriormente há o processo de desterração, que é concebido pelo autor como um “[...] movimento histórico que expropria e expulsa o campesinato de sua relação orgânica com a terra. E que radicaliza a descorporeidade instituída pela desnaturalização ao cortar o último elo que o homem mantinha com a natureza” (MOREIRA, 2019 p. 136). Aqui, o processo de alienação espacial ganha uma dimensão material político-econômica, com a retirada forçada do homem da terra em que habitava e retirava seu sustento, se tornando agora escravo ou trabalhador assalariado.

Por fim, há o processo de desterritorialização, que é concebido pelo autor da seguinte forma:

A desterritorialização é a quebra definitiva da relação de corpo que o homem mantinha com o chão e o cosmos, levando a níveis ainda mais profundos a alienação corpórea trazida pela desnaturalização e o desenraizamento trazido pela desterração, quebrando literalmente a relação identitária que mantinha o homem como habitante da superfície terrestre através do seu lugar de morada, tornando-o um migrante permanente. (MOREIRA, 2019 p. 137).

Esse processo iniciado a partir da denominada acumulação primitiva do capital, transformou o camponês em proletário, obrigando-o a buscar uma reterritorialização nas cidades, enraizando-se na através da moradia e emprego. Aqui é importante ressaltar a influência da moralidade cristã, consolidando a ideia de que a posse material da terra era dispensável, devido ao fato de o homem não pertencer ao mundo. Desta maneira, devido a mundialização do mercado de trabalho, o trabalhador moderno é obrigado a diversas vezes se desterritorializar novamente, mudando de *habitat* em busca de melhores condições de emprego, tornando-se um eterno migrante. (MOREIRA, 2019).

Segundo esta lógica, os homens estão no espaço, e se organizam nele através da técnica, que permite, enfim, a atuação do homem portador da razão sobre a natureza. Desta forma o homem é capaz de perceber o espaço, entretanto

O homem vê o espaço nos objetos espaciais. Identifica seu cotidiano com eles. Mas não se vê com raiz neles. Vê-se especializado, mas não se compreende como espaço. Sente uma sensação de falta. Um vazio de pertencimento. Há um mal-estar (MOREIRA, 2019 p. 141)

Portanto, a veiculação de *fake news* e teorias conspiratórias, embora se utilizem das angústias reais, são propiciadas por meio de uma alienação dos processos e relações materializados no espaço, onde os sujeitos alienados e distanciados da realidade, e, portanto, do espaço material e da produção de espacialidades, não conseguem discernir entre o verdadeiro e o falso. A ontologia social do ser, sob uma perspectiva materialista, depende de uma capacidade de compreender como ser e de reproduzir-se o ser social. Segundo Duayer (2015, livro digital):

Bem, a prática dos seres humanos é uma prática finalística, usando uma nomenclatura lukacsiana – é teleológica, ou seja, tem um fim. Ela envolve a consciência que apreende as circunstâncias do mundo real, as que estão conectadas com essa prática. Contudo, para que a prática seja finalística, tem de conhecer o mínimo das coisas, seus nexos, suas relações e suas propriedades, a fim de que possa conseguir aquilo que planeja e pretende. Por essa razão, a verdade é absolutamente central na práxis humana. (DUAYER 2015, posição 2378)

Portanto, não é possível a realização da práxis humana plena de uma ontologia social a partir de uma percepção alienada da realidade, pois desta forma, o homem perde sua capacidade de intervenção no espaço, ou seja, é tolhido de sua capacidade de produção efetiva de espacialidades, sendo afetado ontologicamente. Isto posto, a veiculação de teorias conspiratórias se torna um instrumento ideológico de manipulação destes indivíduos alienados, por não conseguirem efetivamente discernir a verdade da mentira, portanto aceitando como verdade, formas de narrativa que não possuem vínculos com os fatos, sendo incapazes de se conectar à realidade material, aqui pensada como fenômeno de manifestação espacial.

Assim como na concepção freudiana, o mal estar espacial surge da incapacidade dos indivíduos de realizar-se plenamente nas suas intervenções no espaço, obrigando-os a agir não segundo suas vontades e baseado em seus afetos, mas sim seguindo uma lógica e se submetendo a um tempo alheio a eles, que é a lógica da globalização, que homogeneíza e ignora as subjetividades e anseios. Desta forma, as espacialidades construídas pela civilização e que entram em conflito com os desejos dos sujeitos, operam na lógica das fontes do sofrimento apontadas por Freud.

Finalmente, a partir das inovações em tecnologia da informação e comunicação, nas quais discutiremos com mais detalhes posteriormente, a relação homem-espaço, através da técnica, alcança outro nível. É apenas a partir da técnica que é possível se falar em ciberespaço, pois se considerarmos o ciberespaço como uma dimensão do espaço possibilitada pela popularização do acesso à internet, fica clara a vital dependência da técnica para sua existência. Para Silva (2013, p. 87) “A técnica é para o ciberespaço, o mesmo que é para o espaço: um elemento de coerência externa que possibilita o entendimento do objeto ciberespaço como categoria passível de diálogo dentro das ciências humanas e sociais.”

A ampla modificação que o desenvolvimento das tecnologias de informação promoveu, e seguem promovendo, no século XX e XXI trouxeram para a análise e discussão acerca do espaço, principal objeto

da Geografia, uma nova dimensão. Surge e se populariza desta forma o conceito de ciberespaço. Para Lévy (1999) se trata do novo meio de comunicação que surge a partir da interconexão mundial dos computadores, abrangendo não apenas a estrutura material, mas também todo o oceano de informações abrigado e todas as pessoas que o navegam.

A palavra *cyber*, da qual surge o termo ciberespaço, é derivada da palavra grega *Kyber* que significa navegar. Desta forma, é possível compreender etimologicamente o ciberespaço como um espaço navegável via internet. (PIRES, 2009). Contudo, o termo ciberespaço surge em 1984 com o lançamento do livro de ficção científica *cyberpunk*³ denominado *Neuromancer*, do escritor estadunidense William Gibson. Na obra, o ciberespaço é uma dimensão imaterial acessada pela mente humana através de um “deck de ciberespaço customizado que projetava sua consciência desincorporada na alucinação consensual que era a matrix” (GIBSON, 2016 p.24). O mundo virtual acessado nada tem a ver com a localização física dos *decks*. No livro, o protagonista *cowboy* denominado Case sofre por não conseguir mais acessar o ciberespaço após sofrer um ataque onde teve seu sistema nervoso danificado por uma toxina.

O processo de alienação espacial também se aplica a relação estabelecida pelo homem com o ciberespaço, tendo em vista que o ciberespaço, por uma questão lógica, já nasce externo ao homem a partir de uma relação de externalidade que ele tem com o próprio espaço a partir da técnica. No caso do livro, fica clara a relação de externalidade entre homem e ciberespaço a partir da descorporeidade.

³ “O termo cyberpunk aparece para designar um movimento literário no gênero da ficção científica, nos Estados Unidos, unindo altas tecnologias e caos urbano sendo considerado como uma narrativa tipicamente pós-moderna. [...] Assim, o termo cyberpunk é, ao mesmo tempo, emblema de uma corrente da ficção científica e marca dos personagens do submundo da informática. [...] A ficção cyberpunk ambienta-se em um futuro próximo, distópico, no qual a tecnologia foi tomada pelas ruas, se desvirtuou da *one best way* e não resolveu nenhum dos problemas sociais que prometia, sendo, assim, o contrário da utopia moderna. Para a modernidade, a ciência e a tecnologia seriam os principais fatores de melhoria das condições de existência da humanidade. Não deu certo. O futurismo da tecnocultura moderna transformou-se no presenteísmo da cibercultura pós-moderna”.

Levar em consideração o ciberespaço como objeto de estudo da ciência geográfica consiste em um esforço recente que vem se consolidando, baseado na necessidade de se estabelecer as bases conceituais que melhor expliquem a estrutura de rede que, após a popularização da internet, modificou diversos parâmetros da dinâmica territorial.

Contudo, é preciso compreender que o ciberespaço não é algo a parte do espaço e que surge para contrapor a ele, ou algo meramente virtual e que está além da realidade material humana. Pelo contrário, o ciberespaço é algo que está contido no espaço e, da mesma forma que o espaço deve ser compreendido socialmente e historicamente, assim também devemos analisá-lo. Não deve ser ignorado que a existência do ciberespaço é fundamentalmente dependente de elementos físicos⁴, como microprocessadores, cabos de rede e discos rígidos, e que a existência desses elementos é dependente das relações políticas e econômicas. Sobre isso, Israel (2019) aponta:

Contudo, a Internet, base técnica do espaço virtual, não opera no vazio. A Internet é uma tecnologia de compressão espaço-tempo que depende, e é o resultado, da fixidez espacial do mundo concreto através dos pontos de acesso, da fisicalidade e da materialidade dos cabos oceânicos que conectam os continentes. Como argumentamos anteriormente, embora o aspecto gráfico, a resiliência e a instantaneidade da informação façam parecer que os dados parem atrás da tela, não há nada no ciberespaço que não esteja situado e armazenado em algum computador, ou seja, localizado em coordenadas geográficas precisas. O tamanho da resiliência e ubiquidade do espaço virtual é, desse modo, a medida exata da distribuição geográfica dos aparatos técnicos que subjazem a ele. (ISRAEL, 2019 p. 312)

O ciberespaço surge a partir do desenvolvimento de tecnologia militar estadunidense durante a guerra fria, em um esforço de promover

⁴ O conceito de arquivos que estão “na nuvem” por exemplo, apesar de passar uma impressão de a espacialidade do armazenamento de dados, devido a possibilidade de acesso a qualquer lugar do globo, sem que os arquivos estejam previamente gravados em uma mídia física local, depende fundamentalmente de grandes servidores de armazenamento de dados que estão “no chão” da materialidade e não “nas nuvens”.

uma comunicação instantânea a descentralizada dos setores militares. A Geografia, ao analisar o ciberespaço, possui o desafio de desfetichizar a dialética da articulação entre o espaço real e o espaço virtual e desvendar a lógica de reprodução do capital. Pois, o mesmo consiste em um território de articulação e estruturação da primazia das estruturas sociais de acumulação, pois não se trata, embora inicialmente tenha sido, de um “espaço público”, mas sim de redes privatizadas. (PIRES, 2009)

Sobre a constituição do ciberespaço, Silva (2013) aponta:

[...] O ciberespaço emerge não como uma dimensão além humana e, por isso, muito além natureza. O ciberespaço constitui na verdade, uma dimensão da realidade complexa que as sociedades humanas contemporâneas construíram a partir de sua relação com a natureza. De certa forma, estudar o ciberespaço é estudar a questão das técnicas, enquanto elemento cultural de intervenção no espaço e ponte entre o humano e o natural. No histórico das intervenções humanas no espaço natural, o ciberespaço é mais uma intervenção, como uma paisagem modelada pela ação humana, como uma porção do espaço natural apropriado politicamente, como uma área dotada de características comuns que se relacionam a um todo e que está interconectada aos outros elementos que constituem este todo. (SILVA, 2013, p. 46).

Ao depender da técnica para acessá-lo (computadores, *smartphones*, eletrodomésticos sob a lógica do “*internet of things*” ou IOT⁵), o homem estabelece uma relação de simbiose com as máquinas, especialmente com a popularização dos *smartphones*, onde a relação com o ciberespaço não se dá apenas em alguns períodos do dia, como ocorria quando os computadores eram a principal forma de acesso, mas permeia toda a vida de grande parte das pessoas, se tornando quase como uma extensão do corpo humano, num processo de transformação

⁵ “A Internet das Coisas, em poucas palavras, nada mais é que uma extensão da Internet atual, que proporciona aos objetos do dia-a-dia (quaisquer que sejam), mas com capacidade computacional e de comunicação, se conectarem à Internet. A conexão com a rede mundial de computadores viabilizará, primeiro, controlar remotamente os objetos e, segundo, permitir que os próprios objetos sejam acessados como provedores de serviços.” (SANTOS, Bruno P. et al, 2016).

em ciborgues que muda a forma como nos relacionamos com a realidade⁶ (VIAN, 2021).

O que ocorre no ciberespaço surge a partir do espaço geográfico. Contudo, as relações sociais que nele ocorrem, repercutem e se concretizam no mundo real, modificando desta maneira o espaço em si (FIGUEIREDO, 2020). A questão da materialidade das relações do ciberespaço é apontada por Silva e Tancman (1999):

Quando se fala em ciberespaço é comum pensar em algo que não nos é palpável, imaterial, um lugar distante de nossa realidade, onde relações sociais, culturais, econômicas ao se estabelecerem se fazem no imaginário, “algo de outro mundo”, um ambiente futurístico, um divertido desenho animado dos Jetsons. Essa é uma visão idealista do tempo e do espaço. Algumas tentativas de explicar o ciberespaço esbarram numa postura idealista, com todos os seus matizes, ou seja, procuram negar a realidade objetiva do espaço como forma de existência da matéria. (...) O ciberespaço é, então, um ambiente que permite inúmeras possibilidades do mundo real. O mundo virtual caracteriza-se não propriamente pela representação, mas pela simulação. Esta simulação é, na verdade, apenas uma das possibilidades do exercício do real. Desse modo, podemos afirmar que o ciberespaço não está desconectado da realidade. (SILVA; TANCMAN, 1999, p. 56-58).

Contudo, se o ciberespaço não está alheio ao que ocorre no espaço e é produzido pelas relações que ocorrem no espaço e, a partir disso, produz mudanças no espaço, estabelecendo uma relação de interação constante, ele carrega consigo, assim como amplifica, todas as desigualdades e conflitos presentes no espaço geográfico. Se há luta de classes sendo travada no espaço, ela possui sua dimensão ciberespacial, sendo ao mesmo tempo influenciada pelo espaço e um elemento de

⁶ Embora consideramos a relação de dependência dos aparelhos eletrônicos, fazendo com que *smartphones* se tornem quase uma extensão do corpo humano, permeando quase todas as esferas da vida de diversos indivíduos, criando sérias formas de dependência, rejeitamos neste trabalho a concepção pós-moderna de pós-humanismo ao analisar as relações ciborgues, muito influenciada pela ficção científica, em especial no livro *Neuromancer*, de William Gibson, e que se refere a seres humanos modificados de forma genética, mental ou robótica que, embora seja um tema interessante para discussões de ficção científica, não é o objeto de pesquisa deste trabalho. Para mais informações, ler ASSIS (2010).

influência para com ele. O ciberespaço é intrinsecamente dependente das relações de poder do espaço, e não uma realidade paralela que visa suplantar a realidade material, conforme diversas vezes é fetichizado. Pires (2009. p. 10), questionando as concepções que consideram o ciberespaço como o espaço do imaterial e do virtual aponta que “[...] o que cada vez mais constatamos, contrariando esta e algumas afirmações é que o ciberespaço possui um vínculo indissociável com o espaço e suas relações sociais de produção”.

Nas relações de poder que são travadas no espaço de uma cidade, diversos direitos são negados a uma parte da população, como direito à moradia e/ou o direito de se frequentar certos espaços, seja por meio de normas jurídicas ou seja por meio de elementos culturais, como o racismo estrutural que faz com que pessoas pretas tenham o acesso a diversos lugares negados por ser quem são. O acesso ao ciberespaço carrega consigo as marcas dessa desigualdade, pois depende, primordialmente, de um aparelho eletrônico que seja capaz de acessar a internet e um serviço de provedor, seja de redes móveis, seja de internet discada ou de banda larga fixa. Contudo, “Mais amplo que a internet, o ciberespaço é o fruto da combinação das redes de comunicação e de informação, as infovias. Sua estrutura se assemelha a imagem de um “rizoma” ou a uma forma de Inteligência Coletiva.” (PIRES, 2009 p. 11).

Segundo dados do IBGE da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019, cerca de 82,7% dos domicílios particulares permanentes possuíam algum tipo de acesso à internet, sendo que em área urbana esse número sobe para 86,7% e em área rural cai para 55,6%. Desses domicílios, cerca de 99,5% possuíam acesso a internet via *smartphone*, 45,1% via microcomputador, 31,7% via televisão e apenas 12% via *tablet*. O fato de os *smartphones* serem a forma de acesso à internet mais difundida coincide com os dados de rendimento real *per capita* dos domicílios em que havia utilização da internet por equipamento utilizado, revelando que o rendimento médio de quem acessa a internet por essa via é o mais baixo em relação aos demais, sendo de R\$1.526,00 contra R\$2.339 de quem acessa via

microcomputador, R\$ 2.399,00 de quem acessa via televisão e 3.223,00 de quem acessa via *tablet*.

Essa discrepância dos números fica exacerbada quando se analisa regionalmente os dados de acesso à internet por domicílio por equipamento utilizado. Enquanto na Região Sul do Brasil 99,3% dos domicílios que acessam a internet o fazem via *smartphone*, 52,8% via microcomputador, 40,7% via televisão e 12,7% via *tablet*, na Região Norte 99,7% dos domicílios que acessam a internet o fazem via *smartphone*, 28,8% via microcomputador, 15,9% via televisão e 6,7% via *tablet*.

Portanto, é possível concluir que o acesso do brasileiro ao ciberespaço não se dá de forma homogênea. Para uma fatia considerável da população, cerca de 17,3% dos domicílios, não existe forma de acesso à internet, e dentre aqueles que possuem o acesso, grande parte o fazem apenas via *smartphone*, ou seja, possui seu acesso limitado às possibilidades permitidas pelo dispositivo utilizado. Além disso, 9,2% dos que utilizam serviço de rede móvel celular para telefonia ou internet no domicílio, relataram que o serviço não funciona.

Analisando a população urbana, entre os motivos de não haver utilização da internet no domicílio, 37,4% responderam que não havia interesse em acessar a internet, 27,9% que nenhum morador do domicílio sabia usar a internet, 26,7% que o serviço de acesso à internet era caro, 4,2% que o equipamento eletrônico necessário para acessar a internet era caro, 0,6% que o serviço de acesso à internet não estava disponível na área do domicílio e 3,2% relataram outro motivo.

Quanto a população rural, entre os motivos de não haver utilização da internet no domicílio, 25,2% relataram que o serviço de acesso à internet era caro, 24,1% que falta interesse em acessar a internet, 21,4% que nenhum morador sabia usar a internet, 19,2% que o serviço de acesso à internet não estava disponível na área do domicílio, 6,6% que o equipamento eletrônico necessário para acessar a internet era caro e 3,5% relataram outro motivo.

Toda essa desigualdade presente nos dados ficou escancarada com a chegada ao Brasil da pandemia de covid-19 em 2020. Com a obrigação de se paralisar as atividades presenciais em praticamente

todas as modalidades de ensino, a desigualdade de acesso às tecnologias de comunicação se tornou o principal obstáculo para uma implementação justa, eficiente e inclusiva de um ensino remoto emergencial.

Nascimento et al (2020) aponta que, analisando da pré-escola até a pós-graduação, cerca de 12% dos estudantes brasileiros não possuem acesso à internet em banda larga ou 3G/4G em casa. Entre os estudantes que estão na pré-escola, cerca de 15% não possui acesso a internet em casa, o que equivale a cerca de 800 mil pessoas, sendo que 720 mil inseridas em instituições públicas de ensino. Entre os estudantes do Ensino Fundamental – anos iniciais, esse número chega a cerca de 16%, assim como entre os estudantes do Ensino Fundamental – anos finais, o que equivale a cerca de 2,40 milhões e 1,95 milhão de pessoas, respectivamente. Desses grupos, Ensino Fundamental – anos iniciais e Ensino Fundamental – anos finais, 2,32 milhões e 1,91 milhão estudam em instituições públicas, respectivamente. Entre os estudantes de Ensino Médio, cerca de 10% não possui acesso a internet, o que equivale a cerca de 780 mil pessoas, sendo que 740 mil são estudantes de instituições públicas. Quanto aos números obtidos no ensino superior, o problema é um pouco menor, mas ainda persiste. Cerca de 2% dos estudantes de graduação não possuem acesso à internet, equivalendo a cerca de 190 mil pessoas. Já entre os estudantes de pós-graduação, menos de 1% não possui acesso à internet, equivalendo a menos de 2 mil pessoas.

1.2 Desenvolvimento da informática como pressuposto para o surgimento da internet

O surgimento do ciberespaço só foi possível devido ao acúmulo de inovações tecnológicas que ocorreram durante o século XX, em especial durante a sua segunda metade. As redes sociais, um elemento de fundamental importância para se compreender as dinâmicas de propagação de teorias conspiratórias, só nascem e se popularizam por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. É sobre essas novas tecnologias e o seu contexto de surgimento que vamos nos ater agora.

Para Castells (2020), sem o desenvolvimento das tecnologias de informação⁷, o modelo de capitalismo globalizado, ou “capitalismo informacional” como prefere chamar o autor, como conhecemos não seria possível, ou seria extremamente limitado. Para o autor, que pode ser enquadrado entre um dos utopistas da internet, as tecnologias de informação foram, assim como outrora foi o carvão e a eletricidade, a força motriz de uma revolução de mesma importância que a Revolução Industrial do século XVIII, devido às inúmeras descontinuidades geradas por ela.

Segundo Santos (2006), a própria ideia de meio geográfico é inseparável da ideia de técnica. Desta forma, o meio geográfico da atualidade é o meio técnico-científico-informacional, onde os objetos são elaborados pela ciência através de uma técnica informacional dotada de intencionalidades. Este novo meio surge após a segunda guerra mundial e se consolida na década de 70, impondo uma união entre técnica e ciência submetida ao mercado, que, através da ciência e da técnica, se torna global. A informação se torna vetor fundamental do processo social, sendo necessária para a realização das ações e o território se equipa para facilitar sua circulação.

Castells (2020), em sua obra “A Sociedade em Rede”, nos apresenta uma cronologia dos desenvolvimentos tecnológicos que propiciaram a criação da internet, analisando como as tecnologias de geração, processamento e transmissão de informações foram se modificando ao longo do século XX. O autor aponta que, embora este não seja seu início, as primeiras descobertas tecnológicas fundamentais em eletrônica ocorreram durante e logo após a Segunda Guerra Mundial, o transistor e o primeiro computador programável.

A história do desenvolvimento do transistor passa, primeiramente, pela história do uso do Silício para o desenvolvimento de novas tecnologias. Segundo Mehl (s/d), a invenção do transistor tem sua origem

⁷ “Entre as tecnologias da informação, incluo, como todos, o *conjunto convergente* de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/radiofusão, e optoeletrônica. Além disso, diferentemente de alguns analistas, também incluo nos domínios da tecnologia da informação a engenharia genética e seu crescente conjunto de desenvolvimentos e aplicações” (Castells, 2020 p. 87).

em estudos ocorridos na década de 1940 sobre o uso de cristais de germânio e silício como detectores de radar, estando ligada diretamente a empresa *Bell Laboratories*, onde atuava o engenheiro estadunidense George Southworth, pioneiro nas pesquisas com cristais para como detectores de radar. Lançando as bases para os estudos que viriam a seguir. Sobre a invenção do transistor, Castells (2020) aponta:

O transistor, inventado em 1947 na empresa *Bell Laboratories* em *Murray Hill*, no estado de *Nova Jersey*, pelos físicos Bardeen, Brattain e Shockley (ganhadores do Prêmio Nobel pela descoberta), possibilitou o processamento de impulsos elétricos em velocidade rápida e em modo binário de interrupção e amplificação, permitindo a codificação da lógica e da comunicação com e entre as máquinas: esses dispositivos têm o nome de semicondutores, mas as pessoas costumam chamá-los de chips (na verdade, agora constituídos de milhões de transistores). (CASTELLS, 2020 p.95, grifo nosso)

Contudo, foi a partir da invenção do processo plano pela empresa Fairchild Semiconductors e do circuito integrado por Jack Kilby, da empresa *Texas Instruments* e Bob Noyce (cofundador da *Fairchild*), possibilitando a construção miniaturizada de componentes, que as tecnologias puderam evoluir exponencialmente, com o preço dos semicondutores caindo 85% entre 1959 e 1962, com a produção aumentando em vinte vezes. (CASTELLS, 2020). Sobre a demanda de dispositivos mais compactos, Mehl (s/d) reforça:

Ao contrário do que se pode imaginar, o transistor não foi uma invenção do acaso. A empresa-mãe do *Bell Labs* (AT&T), atuando em telefonia e dominando uma expressiva parcela do mercado norte-americano na ocasião, via com preocupação o crescimento da complexidade das centrais telefônicas. Utilizava-se nessas centrais milhares de relés e outros interruptores eletromecânicos, sendo que sua substituição pela válvula a vácuo era inconveniente. Dessa forma, a empresa demandava do seu laboratório um novo dispositivo que fosse compacto e pudesse substituir os relés eletromecânicos. No entanto, a invenção do transistor foi uma feliz coincidência da disponibilidade do material certo (no caso, cristais de germânio que haviam sido usados nos radares)

aliado a pesquisadores com conhecimentos teóricos apropriados. (MEHL, s/d p. 4)

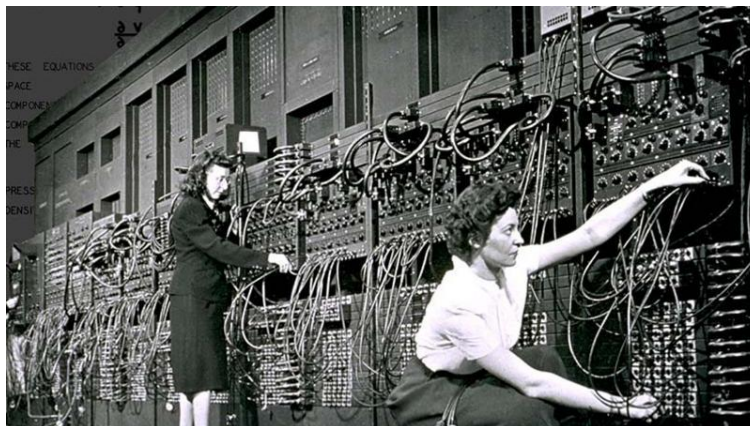
O desenvolvimento dos chips alcança outro nível quando, no início da década de 70, Marcian Edward Hoff (MEHL, s/d), engenheiro da Intel no Vale do Silício, ao trabalhar em um projeto de calculadora para uma empresa japonesa e buscando reduzir o custo da produção, propõe o que viria a ser o primeiro microprocessador. Eram quatro circuitos integrados onde o primeiro seria uma

memória de acesso aleatório (RAM), outro uma memória de conteúdo fixo (ROM), o terceiro uma unidade de lógica e aritmética e o quarto um registrador de deslocamento (*shift register*) para atuar como interface de entrada e saída (MEHL, s/d p. 11)

O circuito poderia ser considerado um computador em si, porém de tamanho muito menor do que os demais computadores da época.

Embora houvesse ferramentas desenvolvidas para uso bélico, o primeiro computador de uso geral surge apenas em 1946, quando, na Filadélfia, Mauchly e Eckert (CASTELLS, 2020), pesquisadores do Instituto de Tecnologia de *Massachusetts* (MIT) desenvolvem, com patrocínio do exército estadunidense, o ENIAC (calculadora e integrador numérico eletrônico), uma máquina que pesava 30 toneladas e possuía 2,75 metros. (FIGURA 1) “[...] tinha 70 mil resistores e 18 mil válvulas a vácuo e ocupava a área de um ginásio esportivo. Quando ele foi acionado, seu consumo de energia foi tão alto que as luzes da Filadélfia piscaram.” (CASTELLS, 2020 p. 97).

FIGURA 1 – COMPUTADOR ENIAC (1946)



FONTE: FRANZÃO (2021)

Posteriormente, foi construída, em 1951, a primeira versão comercial de um computador, o UNIVAC-1 (FIGURA 2), sendo utilizado no processamento dos dados obtidos pelo Censo dos Estados Unidos de 1951. Em 1964, a *International Business Machines Corporation* (IBM) lança o mainframe 360/370, se colocando à frente das empresas concorrentes e dominando a indústria dos computadores. Em 1976 surge uma das empresas que irá rivalizar com a IBM, a *Apple Computers*, especialmente com o lançamento do aparelho Macintosh (FIGURA 3) em 1984. Antes disso, em 1981, a IBM lançou seu microcomputador com o nome de *Personal Computer* (PC) (FIGURA 4), cuja sigla se tornou praticamente um sinônimo de computador. (CASTELLS, 2020).

FIGURA 2 – COMPUTADOR UNIVAC-1 (1951)



FONTE:
LASAR
(2011)

FIGURA 3 – COMPUTADOR MACINTOSH (1984)



FONTE: ESTES (2014)

FIGURA 4 – PERSONAL COMPUTER (1981)



FONTE: DIAS (2014)

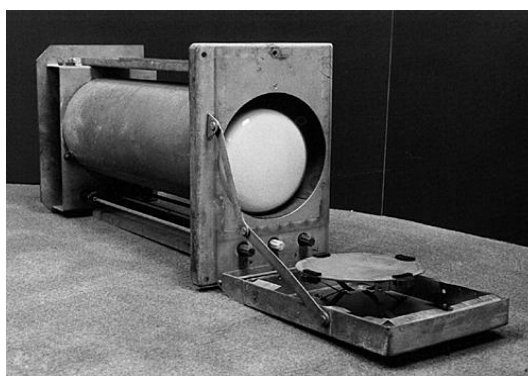
Outro fator que evidencia os grandes saltos que o desenvolvimento das tecnologias de informação se refere à capacidade de armazenamento de dados⁸ e velocidade de leitura dos dispositivos. O computador ENIAC utilizava como método de armazenamento o cartão perfurado, uma tecnologia do século XIX desenvolvida para os teares,

⁸ “Existem vários conceitos sobre dados, embora vários autores diverjam entre si, algumas ideias persistem. Tudo aquilo que possa ser registrado, seja em papel, parede, ou sistemas, é considerado um dado. O número de carros de uma cidade é um dado, assim como a quantidade de habitantes de um país, e todas as informações coletadas de cada cidadão (nome, endereço, CPF, etc.). [...] Para a informática, os dados são informações ou pedaços de informações, conhecimento produzido que precisa ser guardado. Os dispositivos de armazenamento são máquinas ou sistemas capazes de armazenar (guardar, reunir informações), isto é, podem escrever e/ou lê dados num determinado suporte.” (COSTA, 2017 pp. 4-5)

mas que perdurou como principal método na informática até o final da década de 1940, a informação era obtida através de furos que eram feitos ou não em pontos determinados do cartão. Alguns dos primeiros computadores, segundo Costa (2017), utilizavam como método de armazenamento um tubo de raios catódicos denominado de “tubo de Williams” (FIGURA 5), que operava através de memória de acesso aleatório (memória RAM).

Um tubo de aproximadamente 150 cm de comprimento contendo mercúrio, com um cristal de quartzo em cada ponta onde os dados a armazenar passavam pelo mercúrio na forma de vibrações mecânicas e eram reconvertidos na outra ponta. Nesse processo, um elétron percorria sucessivas linhas na face do tubo, pintando pontos e traços de carga elétrica fosforescente na tela para representar os uns e zeros do código binário em forma de vibrações mecânicas e que eram reconvertidos na outra ponta do tubo. (COSTA, 2017 p. 7)

FIGURA 5 – TUBO DE WILLIAMS (1947)



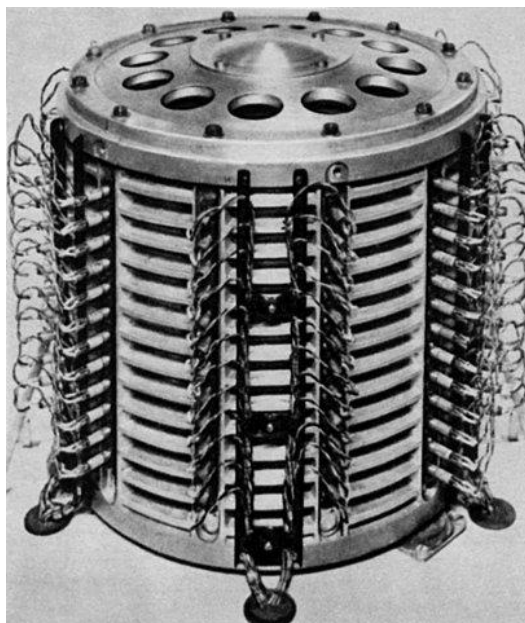
FONTE: (TERAN, 2020)

A unidade de medida utilizada para o armazenamento digital de dados é o *Bit* (*binarydigit* ou dígito binário), podendo assumir apenas dois valores, 0 ou 1, ou ausência ou presença de impulsos elétricos. A cada sequência de oito Bits denomina-se de *Byte*, a cada 1024 bytes obtém-se um *Kilobyte* (KB), a cada 1024 Kilobytes obtém-se um *Megabyte* (MB), a cada 1024 *Megabytes* obtém-se um *Gigabyte* (GB), a cada 1024 Gigabytes obtém-se um *Terabyte* (TB). Existem unidades de medida ainda maiores, como o *Petabyte*, *Exabyte*, *ZettaByte* e *Yottabyte*, contudo não são unidades de comum utilização devido ao seu altíssimo valor.

Outra forma utilizada de armazenamento de memória utilizado pelos primeiros computadores é o denominado “Tambor de Memória”

(FIGURA 6), um cilindro metálico que gira em torno de um eixo vertical e que utiliza ferrites para a gravação de dados, com capacidade de 62,5 KB. Outra forma utilizada era a fita UNISERVO, presente no computador UNIVAC 1, consistindo em uma fita de metal de 1200 metros de comprimento e com capacidade de 3 MB. Posteriormente, em 1956 a IBM lança o computador RAMAC 350 (FIGURA 7), o primeiro que contava com um armazenamento em disco com cabeça de leitura móvel, também conhecido como *Hard Disk* (Disco Rígido, ou HD), uma das formas que, embora tenha sofrido modificações, é muito comum até os dias atuais. A capacidade de armazenamento era de 5 MB e a capacidade de leitura do computador era de 12 *Kilobytes* por segundo. O modelo mais utilizado de HD atualmente surge a partir de 1996, quando a empresa estadunidense *Seagate Technology* lança um HD lacrado, que possui disco de metal recoberto por um material magnético e é capaz de atingir a velocidade de 7000 RPM. OS HDs foram se tornando cada vez mais rápidos, com maior capacidade de armazenamento e com maior velocidade de leitura e gravação de dados, sendo que os modelos atuais mais comuns são contabilizados em *Terabytes* (COSTA, 2017).

FIGURA 6 – TAMBOR DE MEMÓRIA (1936)



FONTE: (TERAN, 2020)

FIGURA 7 – COMPUTADOR RAMAC 350



FONTE: (TERAN, 2020)

Em 1971 é lançado pela IBM o primeiro dispositivo de armazenamento em massa de portáteis, os chamados Disquetes, contudo os primeiros modelos eram muito grandes e não possuíam uma vida útil que permitisse sua viabilidade. Em 1976, a empresa estadunidense *Shugart Associates*, lançou o disquete de 5 1/4", sendo mais compacto que a versão anterior de 8", sendo substituído em meados da década de 1980 pelo disquete de 3 1/2" (FIGURA 8). A capacidade de armazenamento mais comum era de 1,44 MB e a velocidade de rotação era de apenas 300 RPM

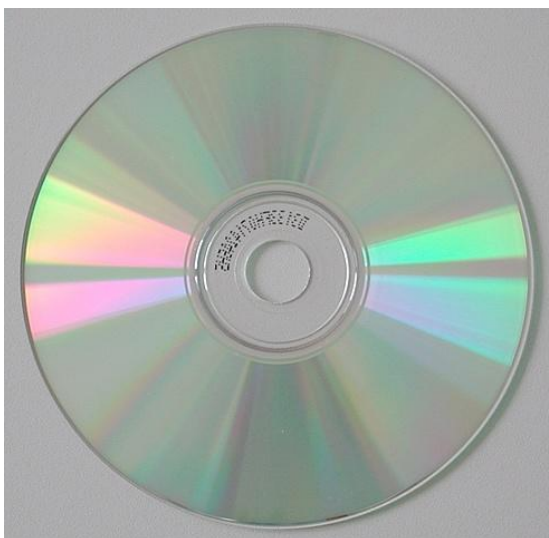
(rotações por minuto). Em 1982 foi criado conjuntamente pelas empresas *Philips* (Países Baixos) e *Sony* (Japão) o *Compact Disc* (CD) (FIGURA 9), um disco feito de plástico policarbonato com 1,2 milímetros e uma camada fina de alumínio onde os dados são armazenados por meio de ranhuras de 500nm nos quais são codificadas trilhas de dados. O modelo mais comum possui 700 MB de capacidade de armazenamento. (COSTA, 2017)

FIGURA 8 – DISQUETE DE 3½



FONTE: (FREIRE, 2019)

FIGURA 9 – COMPACT DISC (CD)



FONTE: (TERAN, 2020)

Atualmente, os HDs são a forma mais utilizada para o armazenamento de dados digitais, contudo, vem crescendo cada dia mais o uso dos chamados SSDs (FIGURA 10) (*Solid State Drive* ou Unidade de Estado Sólido) devido ao seu recente barateamento. Conforme explica Costa (2017), os SSDs utilizam memória flash, uma tecnologia

desenvolvida na década de 1980 pela empresa japonesa *Toshiba Corporation* e que se assemelha a memória RAM e que consiste em chip em que os dados podem ser reescritos e “[...]que, ao contrário de uma memória RAM convencional, não necessita de fonte de alimentação elétrica (não volátil) para preservar o seu conteúdo, permitindo armazenar dados por longos períodos.” (COSTA, 2017 p. 17). Por não depender de motores para funcionar, utilizando apenas um processador para gerenciar a gravação e leitura de dados, os SSDs conseguem atingir velocidades bastante superiores às velocidades dos HDs. Enquanto os HDs atuais operam em uma velocidade de em média 100 MB/s, os SSDs mais lentos que utilizam o modelo SATA⁹ chegam a 500 MB/s. Já os modelos NVMe (*Non-Volatile Memory express* ou memória não volátil express) podem chegar a velocidades de leitura de dados acima de 3.000 MB/s, apresentando um desempenho muito superior aos HDs. (CIPOLI, 2019)

FIGURA 10 – SSD DA EMPRESA ESTADUNIDENSE KINGSTON



FONTE: (TERAN, 2020?)

A massificação dos computadores só foi possível devido ao desenvolvimento de sistemas operacionais. Nesse sentido, podemos destacar a fundação da empresa *Microsoft* em 4 de abril de 1975 por Bill Gates e Paul Allen na cidade estadunidense de Albuquerque no estado do Novo México. A empresa surge com o intuito de criar *softwares* de

⁹ SATA é uma interface de comunicação que permite a dispositivos como discos rígidos, SSDs, unidades de DVD / Blu-ray e afins serem conectados à placa-mãe de um desktop, servidor ou notebook seguindo dois princípios básicos: a de que a conexão seja feita de modo fácil e seguro (impedindo que o conector seja encaixado incorretamente, por exemplo) e de que proporcione boa velocidade de transferência de dados. (ALECRIM, 2020)

interpretação para a linguagem de programação *BASIC* para os computadores Altair. (CASTELLS, 2020).

O MS-DOS, que consiste em um sistema operacional sem interface gráfica e controlado por comandos de texto via teclado, marcou o domínio da empresa no mercado de *softwares*. Posteriormente surge o *Windows*, sistema operacional amplamente utilizado até hoje, como uma interface gráfica para o MS-DOS, permitindo a utilização de *mouse*. Entre as principais versões do sistema operacional *Windows* é possível destacar o *Windows 1.01*, de 1985, desenvolvido para MS-DOS 2.0 e que continha ferramentas como o jogo Reversi, bloco de notas, calendário, relógio, entre outras funções, sendo sucedido pelo *Windows 2.03* e 2.1, com algumas poucas melhorias integradas. Posteriormente, em 1990, é lançado o *Windows 3.x*, se tornando o primeiro sucesso amplo da empresa, apresentando um sistema totalmente modificado, que embora ainda dependesse do MS-DOS, possibilitava a utilização de 16 *Megabytes* em aplicações, indo muito além dos 512 *Kilobytes*, da versão 1.01. (SILVEIRA, 2009)

Em 1995 é lançado o *Windows 95*, um sistema operacional de 32 *bits*¹⁰ que não necessitava do MS-DOS para ser ativado, representando um grande salto para os sistemas operacionais. Em 1998, é lançado o *Windows 98*, corrigindo falhas da versão anterior e garantindo a integração via internet, utilizando o navegador *Internet Explorer 4*. Em 2000, é lançado o *Windows 2000*, um sistema operacional estável, que permitia a utilização por mais de um usuário. Já em 2001 uma grande mudança com o lançamento do *Windows XP*, que apresentava uma nova interface gráfica, muito mais simples e intuitiva e um sistema mais veloz, contudo só poderia ser instalado em máquinas com mais de 128 *Megabytes* de memória disponíveis. (SILVEIRA, 2009)

¹⁰ “Quando nos referimos a processadores de 16 bits, 32 bits ou 64 bits estamos falando dos bits internos do chip - em poucas palavras, isso representa a quantidade de dados e instruções que o processador consegue trabalhar por vez. Por exemplo, com 16 bits um processador pode manipular um número de valor até 65.535. Se certo número tem valor 100.000, ele terá que fazer a operação em duas partes. No entanto, se um chip trabalha a 32 bits, ele pode manipular números de valor até 4.294.967.296 em uma única operação.” (ALECRIM, 2006).

Apenas em 2006, aumentando o tempo entre um lançamento e outro de uma nova versão, é lançado o *Windows Vista*, apresentando mudanças estéticas na interface e outros recursos. Contudo o sistema não foi bem recebido pelos consumidores, fazendo com que muitos permanecessem utilizando a versão anterior. Em 2009 foi a vez do *Windows 7*, sistema operacional que fez mais sucesso que o seu antecessor, apresentando uma interface gráfica mais organizada e um melhor desempenho, além de oferecer suporte a novas tecnologias como as telas *touch screen*. Em 2012 foi lançado o *Windows 8*, que apesar de não ter feito tanto sucesso, foi o primeiro a trazer elementos de integração entre *smartphone* e computador, além de uma mudança radical na interface gráfica. Por fim, em 2015 é lançado o *Windows 10*, a versão mais recente do sistema operacional, aumentando a integração com outros aparelhos, como videogames e tablets, além de possuir uma assistente virtual. Atualmente a versão mais utilizada, estando presente em aproximadamente 66% dos computadores do mundo. Estava previsto para o ano de 2021 o lançamento do *Windows 11*, prometendo grandes mudanças com relação a versão atual (PALMEIRA, 2021).

1.3 A origem da internet e sua implementação no Brasil

O desenrolar do desenvolvimento técnico que culmina na configuração da internet como conhecemos atualmente é um processo de mais de cinco décadas de continuidade e descontinuidades. Muitas vezes é encarada, de forma otimista, como a tecnologia da libertação da humanidade, da livre e veloz circulação de informações de forma horizontal, do fim dos monopólios das mídias de massa, do livre acesso ao conhecimento. Outras vezes é encarada, de forma pessimista, como arma de manipulação, criadora de ambientes hostis e grande mistificadora da realidade. Nem tanto ao céu e nem tanto ao inferno, compreender seu desenvolvimento histórico nos permite compreender que a internet possibilitou diversos avanços em diversas áreas, mas que, em momento algum, seu desenvolvimento esteve desvinculado de ideologias e projetos de poder.

Analisar o surgimento da internet como uma obra iluminada de grandes homens da iniciativa privada é uma ilusão. O crescimento e monopolização das telecomunicações por meio da AT&T, fundada em 1901, não ocorreu sem o aval e incentivo do Congresso estadunidense, que permitiu que a empresa não fosse incluída na lei antitruste. O investimento estadunidense em telecomunicações cresce ainda mais no contexto da Guerra Fria, fazendo parte das medidas de investimento no complexo industrial-militar como estratégia para superar a crise econômica da década de 1970 (PATSHIKI, 2012).

Contudo, a origem da internet data-se de 1966 quando é criada a ARPANET, uma rede de computadores desenvolvida pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA ou *Advanced Research Projects Agency*) com a finalidade de criar um modelo de compartilhamento de informações que fosse descentralizado, podendo ser acessado de diversos pontos, a fim de se proteger de um possível ataque nuclear russo. Desta forma, em 1º de setembro de 1969 a rede é colocada em funcionamento, possuindo “nós” em quatro lugares diferentes, na Universidade da Califórnia em *Los Angeles*, no *Stanford Research Institute*, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah. (CASTELLS, 2020)

Em 1972, a rede já contava com trinta e sete estações espalhadas pelo país. A diminuição dos riscos ao se investir nas novas tecnologias devido ao apoio militar acelerou o avanço da rede e a transferência de tecnologia para as empresas. Ainda durante a década de 1970, a ARPANET “[...]se expande para a comunicação entre pesquisadores vinculados à área de defesa estratégica e em 1975 ela deixa de ser uma rede experimental para ser operacional, iniciando o desenvolvimento do protocolo de comunicação TCP/IP” (PATSHIKI, 2012 p. 69). Em 1983 ocorre a divisão entre a ARPANET, que passou a ser utilizada apenas para fins acadêmicos e a MILNET, que passou a ser a rede de uso exclusivo para fins militares, no mesmo ano foi aprovada no congresso dos Estados Unidos a iniciativa de se construir uma rede de supercomputadores interligados, o que daria origem posteriormente a NSFNET (*National Science Foundation Network* ou Fundação Nacional

da Rede de Ciências). Desta forma o território foi equipado com um *backbone*¹¹ interligando as redes regionais de pesquisa das universidades.

O protocolo de comunicação TCP (*Transmission Control Protocol* ou *Protocolo de Controle de Transmissão*) e IP (*Internet Protocol* ou *Protocolo de Internet*), criado inicialmente para o uso das redes acadêmicas dos Estados Unidos em parceria com as forças armadas, acabou se difundindo internacionalmente como o principal protocolo a ser utilizado nas novas redes. O protocolo possui um número de identificação para cada computador (os IPs) e dispensavam o uso de uma central de rede, dispensando uma hierarquia, ao contrário do protocolo OSI (*Open System Interconnection* ou *Interconexão de Sistemas Abertos*), criado pela Organização Internacional de Normalização (ISO), que era dividido em uma hierarquia de camadas e demandava que as mensagens passassem pelas centrais de computadores das operadoras de internet, de forma semelhante ao modelo vigente até então de telefonia. (SILVA, 2019).

Outro fator importantíssimo para a estruturação da internet foi a criação do conjunto de protocolos denominado WWW (*World Wide Web*), desenvolvido por Tim Berners-Lee no início da década de 1990 com o intuito de facilitar a navegação entre as diferentes páginas da internet. É a partir do WWW que surgem os endereços finalizados em “.com”, os *hyperlinks*¹² e os navegadores da internet.¹³ O formato estabelecido se

¹¹ Os backbones, ou espinhas dorsais em tradução livre, são os sistemas de cabos subterrâneos através dos quais são transmitidos dados, voz e imagem. É o principal suporte de infraestrutura que torna permite a conexão de uma rede de computadores à outra. (SILVA, 2019)

¹² Também conhecidos como *links*, consistem em trechos clicáveis de uma pagina da internet que permite que o usuário vá de uma página para a outra, ou vá para outro trecho de uma página, permitindo desta forma, uma navegação mais rápida.

¹³ “Também conhecidos como web browsers ou, simplesmente, browsers, os navegadores são uma espécie de ponte entre o usuário e o conteúdo virtual da Internet. Basicamente, os navegadores transformam as páginas codificadas em HyperText Markup Language (HTML) para uma visualização compreensível para o usuário comum. O HTML é um padrão de marcação de hipertexto (textos, imagem, vídeo e áudio) que define como os elementos de uma página devem ser exibidos. Assim, ao invés dos usuários de Internet terem que entender o comando navegador (marcação que faz a palavra aparecer em negrito), o navegador exibe a palavra navegador em negrito, facilitando a compreensão dos usuários.” (BOZZA, 2013).

tornou, ao longo dos anos, a própria expressão da internet, sendo fundamental para sua massificação. (SILVA, 2019)

Seus principais protocolos são o HTTP (*Hipertext Transfer Protocol*), que converte um texto em um acesso à outra página na rede de computadores, e o código HTML, *Hypertext Markup Language*) que “desenha” a página na internet de forma a se adequar ao protocolo HTTP. Este protocolo funciona dentro de navegadores web, e tal tecnologia foi fundamental na promoção de interfaces mais simples para a navegação entre páginas de internet, conectando de forma mais direta usuários e servidores. (SILVA, 2019 p. 48 grifo nosso)

Para complementar, foi utilizada a tecnologia de DNS (*Domain Names System* ou Sistema de Nomes de Domínio), desenvolvida por Paul Mockapetris com o intuito de transpor os números dos endereços dos computadores ligados à rede para o código alfanumérico, possibilitando a utilização de palavras para a navegação na internet, definindo os nomes de domínio de forma hierarquizada em um banco de dados, traduzindo-os em endereços de rede. (SEIXAS, 2008)

É durante a década de 1990 que a mundialização da internet ocorre de fato, principalmente devido a criação de instituições responsáveis pela gestão do sistema técnico, dentre elas podemos destacar a *Internet Society* (ISOC), fundada em 1992 com o objetivo de assegurar o desenvolvimento e a expansão das redes, a *World Wide Web Consortium* (W3C), fundada por Tim Berners-Lee em 1994 com o intuito de se criar uma “comunidade internacional tal como a ISOC, que operasse de forma mais contínua em prol do desenvolvimento dessas tecnologias.” (SILVA, 2019 p. 52). E, por fim, a *Internet Corporation for Assigned Names and Numbers* (ICANN), responsável por coordenar a distribuição dos registros de identidades dos domínios e IPs através dos servidores-raiz do DNS. (SILVA, 2019).

A expansão da internet para a América Latina se deu sob forte influência estadunidense, especialmente através de entidades supranacionais como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e Fundo Monetário Internacional que vinculavam a concessão de empréstimos à implantação de modelos neoliberais, como foi o caso da

privatização das telecomunicações na Argentina (PATSCHIKI, 2012). A internet é propagada como um elemento de modernização vinculado ao espírito americano de livre-mercado e que deve, da mesma forma, se manter livre de órgãos controladores do Estado. O controle aqui só é bem visto quando parte dos monopólios das grandes corporações de telecomunicação estadunidenses.

O início da internet no Brasil ocorre, segundo Silva (2019) em três fases distintas:

1. Fase 0 (1987 – 1991): período inicial de desenvolvimento da internet no Brasil, marcado, primeiramente, por tentativas isoladas por parte de instituições de pesquisa, como a Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, que construíram redes que os conectavam a rede estadunidense BITNET¹⁴ (PATSCHIKI, 2012). Outro passo foi a criação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), em 1989, dando o primeiro passo para a construção de um *backbone* brasileiro.
2. Fase 1 (1992 – 1993): Período de implantação do primeiro endereço de IP da RNP e sua seguinte expansão para onze estados e sua conexão com a internet global. Investimentos em telecomunicação para receber a Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Eco 92 no Rio de Janeiro, dando luz a RedeRio.
3. Fase 2 (1994 – 1995): Período de ampliação da RNP, passando de 64 KB/s para 2 MB/s entre Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1995 é criado o Comitê Gestor da Internet e é consolidada a regulamentação para a comercialização da internet no Brasil. A regulamentação era muito próxima

¹⁴ Foi uma rede de computadores criada para a comunicação entre Universidades. Sua primeira ligação ocorreu em 1981 entre a Universidade da Cidade de Nova York e a Universidade Yale. Com a consolidação da internet, acabou caindo em desuso.

dos preceitos sugeridos pelos Estados Unidos, abrindo caminho para a exploração das redes de telecomunicação para as empresas privadas nacionais e internacionais. (SILVA, 2019)

Em 1995, por meio da portaria número 148, de 31 de maio de 1995, O Ministério das Comunicações autorizou o uso da rede pública de telecomunicações para a exploração comercial por parte de agentes corporativos. Dias antes, o Ministério emitiu uma nota na qual defendeu que a comercialização da internet para o público em geral deveria ser, preferencialmente, responsabilidade da iniciativa privada. Desta forma, a *backbone* que havia sido construída pela RNP foi uma grande facilidade para as empresas provedoras de internet, especialmente quando se trata de empresas que atuam no eixo Rio – São Paulo que puderam usufruir de uma infraestrutura mais robusta que das demais localidades. Dos cinquenta municípios com maior teledensidade em 2000, vinte e dois estavam concentrados no estado de São Paulo e das 168 empresas de internet que atuavam no país, 35% estavam localizadas na capital paulista. (SILVA, 2019)

Portanto, a implementação da internet no Brasil esteve diretamente ligada às políticas de modelo neoliberal que marcaram a década de 1990, que visavam promover privatizações de empresas estatais de setores estratégicos. Logo, é importante ressaltar que todo o processo que formou o alicerce da internet brasileira ocorreu de forma verticalizada, com quase nenhuma discussão pública ou participação da população. Desta forma, o acesso à internet permaneceu extremamente desigual ao final da década de 1990 e início dos anos 2000.

Sendo assim, o uso da internet à época revela um território compartilhado, antes de mais nada, em função de uma maior possibilidade de seu uso a partir das corporações e dos nichos familiares de alta renda encontradas nas maiores metrópoles nacionais, especialmente São Paulo. No restante do território brasileiro, mantinha-se a rarefação do acesso à rede e a dominância quase absoluta dos meios de comunicação tradicionais. (SILVA, 2019 p. 79)

Em 2000, é lançado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, o *Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil*, sintetizando a forma como o Estado brasileiro pensava sobre a sua atuação no desenvolvimento da internet no país. Patschiki (2012) aponta que a visão apontada no livro, é a de uma implementação de uma sociedade da informação como uma forma de superação histórica, uma profunda mudança na organização da sociedade e da sua economia e com uma marcante melhoria social ao promover integração, reduzir as distâncias entre as pessoas e aumentar o acesso à informação.

Entre os portais mais acessados nos primeiros anos da internet brasileira, a desigualdade regional também se faz presente. Silva (2019) aponta que o pioneirismo da exploração da audiência online no Brasil parte dos grupos de mídia concentrado em São Paulo, em especial por parte do Grupo Folha e Editora Abril, responsáveis pelo portal Universo Online, mais conhecido como UOL, fundado em 1996 e outros grupos de empresários como os do portal Internet Grátis, conhecido como iG, que posteriormente mudou seu nome para Internet Group, fundado por empresários como Paulo Leman e Nizan Guanaes, ambos portais atuavam concomitantemente como provedores de internet. Juntamente com os dois portais anteriores há o portal Terra, que também atuou como provedor e possui sede em São Paulo, mas de capital espanhol (a empresa espanhola Telefónica comprou a marca ZAZ, pertencente ao Grupo RBS e mudou o nome para Terra).

Durante a década de 2000 o aperfeiçoamento das tecnologias provocou ainda mais mudanças na internet, especialmente com o desenvolvimento da internet de banda larga. O termo banda larga refere-se a conexões de internet com alta velocidade e não possui uma definição consensual em si. Contudo, o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) elaborado em 2010, aponta que o Brasil considera a padronização de uma conexão de banda larga a partir de 2,048 Mb/s como a taxa inicial de acesso, embora o valor mínimo para ser considerado banda larga já tenha sido menor. (SOUTO; CAVALCANTI; MARTINS, 2010). Sobre a transição das conexões *dial-up* para banda larga, Silva (2019) aponta:

A transição da internet *dial-up* (que utilizava a rede telefônica e era cobrada por pulsos telefônicos) para a banda larga permitiu a conexão permanente à internet a um preço fixo. Para as empresas, isso autorizou o aumento do volume de transações de dados, ampliando exponencialmente os fluxos de informações possíveis de serem gerenciadas de forma automatizada. A ampliação do volume também permitiu a transmissão de informações em formatos sofisticados, como jogos eletrônicos e produtos audiovisuais. (SILVA, 2019 p. 97)

O aumento na velocidade das conexões, bem como o desenvolvimento de dispositivos com maior capacidade de armazenamento e processamento de dados cada vez mais em formatos diversificados, foi o que possibilitou a sedimentação de um novo elemento que modifica, mais uma vez, toda a estrutura das telecomunicações. A internet agora se confunde com as redes sociais, modificando a dinâmica do fluxo de informações na rede. Os portais de provedores de internet perdem pouco a pouco o seu protagonismo para outros sites como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter* entre outros. É sobre esse novo cenário que vamos nos ater agora.

1.4 A consolidação das redes sociais online no século XXI

O tema redes tem se tornado comum nas análises geográficas. Contudo, como aponta Santos (2006), o vocábulo de rede tem encontrado nas ciências no geral uma polissemia e um afrouxamento de sentido, causando imprecisões e ambiguidades. Portanto, antes de analisar as redes sociais online especificamente, é necessário definir qual o conceito de redes de que este trabalho parte.

Para Santos (2006), as diversas definições e conceituações de redes podem ser enquadradas em dois grupos distintos: as que consideram a rede em seu aspecto material, e as que consideram, junto da materialidade, o seu aspecto social. A primeira abordagem leva a definições formais, onde são analisadas as estruturas de transporte de matéria, energia ou informação sobre um território, debruçando-se sobre a morfologia dos pontos e suas formas de comunicação que tecem as

teias da rede. Contudo, deixar de considerar que as redes possuem uma dimensão social e política, e que seus processos são mediados por pessoas torna o conceito meramente abstrato¹⁵. Outra interpretação é apontada no Dicionário da Geografia (*Dictiònnaire de La Géographie*) de 1970 dirigido por Pierre George, que, conforme comenta Santos (2006), a rede pode ser compreendida sobre três sentidos, que são:

a) polarização de pontos de atração e difusão, que é o caso das redes urbanas; b) projeção abstrata, que é o caso dos meridianos e paralelos na cartografia do globo; c) projeção concreta de linhas de relações e ligações que é o caso das redes hidrográficas, das redes técnicas territoriais e, também, das redes de telecomunicações hertzianas, apesar da ausência de linhas e com uma estrutura física limitada aos nós. (SANTOS, 2006 p. 177)

Para Alves (2013), as redes têm sido compreendidas pela ciência geográfica como um “conjunto sociotécnico coerente que suporta outras redes que dela derivam, que colocam globalmente territórios e sociedades em rede” (ALVES, 2013 p. 34). A autora apresenta ainda o conceito de “rede geográfica” como um atributo de instância social do espaço que permite a interrelação dos lugares. Desta forma, as redes, assim como o espaço, são resultado da inseparabilidade dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações, sendo elas uma hibridização entre o “mundo da matéria” e o “mundo do significado humano”.

Portanto o conceito de rede pode ser interpretado de diversas maneiras distintas de acordo com a perspectiva com que se pesquisa e qual o objeto a ser estudado. Entretanto, este trabalho lidará com o conceito de redes sob a perspectiva de redes de comunicação via sites e aplicativos na internet, onde os usuários são, ao mesmo tempo, geradores e receptores de informações, consumidores de conteúdos e, ao mesmo tempo, um produto.

O ato de estar conectado na internet não é dissociado de espacialidades. As concepções de que o avanço da internet encerrou a importância do espaço para a troca de informações é ilusória. Para além

¹⁵ A polissemia que o conceito de rede possui levou a proposição de Dolffus de que o termo rede seja reduzido a análises de sistemas criados pelo homem, deixando que os sistemas naturais recebam o nome de circuitos (Santos, 2006).

da necessidade de toda uma infraestrutura técnica que permite a conexão de um indivíduo à internet (como as *backbones* e os serviços de provedoras de internet), o ato de acessar a internet é dotado de espacialidades.

A internet opera manifestadamente uma hibridização com o território, segundo uma imbricação crescente, já que a internet e estreitamente ligada aos espaços e territórios de nossa existência cotidiana. [...] A hibridização não se resume à localização das práticas, nem à localização das modestas infraestruturas de internet, comparadas à enorme e discreta espacialidade, feitas de *links* invisíveis que se tecem cada dia um pouco mais. A hibridização da internet com o território é evidente na renovação da relação entre o aqui e o alhures, porque a internet é multiescalar, ela é a abertura às relações em outras escalas territoriais de uma rara diversidade. (ALVES, 2013 p. 35)

Portanto, “uma vez que estamos na internet, nós estamos também no território, já que a internet não é um espaço material, mas não pode ser dissociado de seu ambiente material.” (ALVES, 2013 p. 38). A internet está intimamente atrelada aos indivíduos ou grupos que são, por si, grupos produtores de espacialidades. Embora muitas vezes funcione de forma automatizada, a rede não é uma existência autônoma, mas sim dependente dos sentidos que são produzidos pela materialidade.

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação e a massificação do acesso à internet, as redes de comunicação online deixaram de estar reduzidas a um contingente acadêmico e/ou militar, como ocorria nos primeiros passos da expansão da internet, para alcançar um público cada vez maior e diversificado que passou a ter acesso aos dispositivos eletrônicos necessários para o acesso a internet. Desta forma, o início do século XXI é marcado pela criação de novas redes sociais em forma de sites, e posteriormente em forma de aplicativos de *smartphone*, que promoveram um nível de alcance e um potencial de geração de dados que não poderia ser visto anteriormente na internet.

Para além da sua infraestrutura, é a informação a razão de ser da internet, é o fluxo de informações que a justifica, portanto, “A informação é o *core* da espacialidade da internet” (ALVES, 2013 p. 40). O principal

meio pelo qual essa informação é propagada é através dos navegadores de internet que possibilitam o acesso aos *websites*, cujo os principais tipos são classificados por Alves (2013) da seguinte forma: existem os grandes portais, que geralmente são associados aos provedores de internet (como apresentamos anteriormente os casos dos portais UOL, IG e Terra), e que foram por muito tempo os mais acessados da internet. Existem os motores de busca, como o Google, que são sites que se referenciam a outros sites a partir de uma pesquisa por palavras-chave, muitas vezes impondo o que é ou não relevante na internet, sendo, desta forma, sites que exercem muito poder nas relações da rede¹⁶. Existem as redes sociais, as diversas plataformas de contato que configuram os sites mais acessados, tanto em quantidade quanto em tempo de acesso, sendo então, para muitas pessoas, confundido com a internet como um todo. Por fim, existem os demais sites que englobam comércio eletrônico, sites de empresas, sites de instituições (governamentais ou não), e os sites de informação como blogs, fóruns¹⁷, enciclopédias entre outros.

Os primeiros meios de comunicação online que podemos traçar paralelos com as redes sociais atuais surgiram na década 1970 com a criação do Bulletin Board System (BBS), um sistema de comunicação virtual anterior ao WWW que se conectava via chamadas telefônicas de longa distância onde era possível se trocar mensagens diretas, participar de fóruns de discussão e compartilhar dados. Devido ao seu custo elevado, o acesso aos BBS permaneceu restrito a pequenos grupos. Durante a mesma década surgiu a Usenet, que inicialmente funcionava de forma semelhante aos BBS, mas que se diferenciava por se tratar de um sistema de fóruns agrupados por assuntos. (GNIPPER, 2018a).

¹⁶ Os sites que estão fora dos motores de busca e agregadores de sites compõem a chamada *Deep Web* (em oposição à *surface web*), *consistindo em* sites que estão acessíveis apenas via logins ou *paywalls*, como por exemplo o acesso a resultados de exame online restritos a um login, ou uma rede intranet corporativa de alguma empresa, restrita aos funcionários. Entretanto, existe também a chamada *Dark Web*, que consiste em um conjunto de conteúdos que são propositalmente ocultados e que requerem a utilização de softwares específicos para o seu acesso, como o navegador Tor Onion. Embora esse tipo de utilização da internet esteja muito vinculado a atividades criminosas, devido a maior possibilidade de anonimato, a utilização da *Dark Web* não se resume a criminosos, mas todos aqueles que, por algum motivo, desejam navegar sem serem rastreados. (AGUIAR, 2018)

¹⁷ Alguns sites de fóruns de amplo acesso podem ser considerados como redes sociais, como é o caso do Reddit e do 4chan.

Posteriormente, em 1988, é criado o protocolo IRC (*Internet Relay Chat*), criando as bases dos sites e softwares de mensagens instantâneas. O IRC permitia a troca de mensagens de texto em grupos ou entre duas pessoas, podendo contar com moderadores para garantir a organização das salas. Contudo, o formato de mensagens instantâneas ganha força a partir de 1997 com o lançamento do AOL *Instant Messenger* (AIM), oferecendo uma interface mais simples e fácil de se utilizar e permitindo, para além das mensagens de texto, a troca de mensagens de voz e de arquivos. Na mesma linha de mensagens instantâneas, rivalizando com o AIM, foi lançado também em 1997, o ICQ, um software de conversação que funcionava de forma semelhante ao AIM. Posteriormente, em 1999, foi lançado o MSN Messenger, o software de mensagens instantâneas que se tornou o mais utilizado no Brasil e apresentava algumas novidades em relação aos demais, como a exibição ao lado do nome de qual música o usuário estava ouvindo, e a possibilidade de enviar mensagens animadas e com som denominadas de *winks*. (GNIPPER, 2018b)

Entretanto, as redes sociais nos moldes como as conhecemos atualmente surgem a partir de 1997 com a rede chamada *Sixdegrees*, onde era possível os usuários criarem perfis próprios e adicionar amigos, porém, a rede não conseguiu superar a popularidade das redes de mensagens instantâneas. Posteriormente começaram a surgir as redes sociais temáticas, como a Xanga, destinada a discussões de leitura e cinema, o *MySpace*, que devido a possibilidade de postagem de arquivos de áudio acabou se tornando uma rede social voltada para música, o *LinkedIn* que é uma rede para contatos profissionais, o *Flickr* que é uma rede para divulgação de fotos e vídeos e o *Second Life*, que poderia ser considerado ao mesmo tempo um jogo e uma rede social, onde os usuários criaram personagens e interagiam entre si em um ambiente 3D. (GNIPPER, 2018b)

No Brasil, a primeira rede social a ser implementada oficialmente foi a rede Tantofaz.net, uma rede de origem estadunidense e lançada em 2000 que focou sua publicidade no público jovem do Brasil. A rede alcançou cerca de 370 mil usuários, mas acabou retirando seu

investimento no país no mesmo ano de seu lançamento (GNIPPER, 2018b). Mas foi com o *Orkut* que uma rede social se popularizou realmente no Brasil, a rede social fundada em 2004 chegou a ultrapassar a marca de 40 milhões de usuários brasileiros, e reinou no país durante a primeira década do século XXI. A participação de brasileiros era tão intensa que a empresa transferiu sua sede da Califórnia para o Brasil em 2008, ficando sob responsabilidade da Google Brasil. A rede perdeu o protagonismo apenas em 2012 quando foi ultrapassada em número de usuários pelo Facebook e acabou sendo descontinuada em 2014. (DÂMASO, 2016)

Contudo, a rede com maior número de usuários ativos atualmente é o *Facebook*, que possui mais de 2 bilhões de usuários e que foi fundado em 2004 pelos estadunidenses Marck Zuckerberg (atual presidente e CEO), Dustin Moskovitz, Chris Hughes e pelo brasileiro Eduardo Saverin. A rede inicialmente era voltada para a interação entre os estudantes de *Harvard* e se chamava *theFacebook*, sendo aberta para os demais usuários apenas a partir de 2006. As novidades trazidas pela rede foram o botão de curtida e a implementação de um *feed* de notícias, uma lista de publicações de fotos, vídeos e textos que se atualiza constantemente com os conteúdos postados pelas pessoas e páginas que o usuário acompanha. (GNIPPER, 2018c)

Outra rede de ampla popularidade, contando com mais de um bilhão de usuários é o *Twitter*, uma rede fundada em 2006 pelos estadunidenses Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass. A rede que se baseou nas comunicações via SMS (Short Message Service), possibilitava apenas 140 caracteres por postagem, sendo que o limite foi ampliado para 280 caracteres em 2017. Devido a seu formato de pequenos textos, a plataforma se tornou a principal rede social para o acompanhamento de eventos em tempo real, sejam eles eventos esportivos, tragédias, eventos políticos entre outros. (GNIPPER, 2018c). Outra rede relevante para este trabalho é o YouTube, uma plataforma de compartilhamento de vídeos fundada em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim e comprada pela Google em 2006. A plataforma foi ao longo do tempo incorporando novas tecnologias, adicionando

algoritmos de recomendação de vídeos (que discutiremos posteriormente neste trabalho) e se consolidando como a principal plataforma de vídeos da internet, criando celebridades que rivalizam com as da TV e do cinema no quesito influência, os chamados “youtubers”. (KLEINA, 2017)

As redes sociais são um elemento fundamental para se compreender as dinâmicas de propagação de teorias conspiratórias e fake news. Assim como o *Facebook*, o *YouTube* e o *Twitter*, outra rede extremamente popular no Brasil e de fundamental importância para esse processo é o *WhatsApp*. A rede foi fundada em 2009 pelos estadunidenses Brian Acton e Jan Koum, sendo vendido em 2014 para o *Facebook*. O aplicativo de mensagens instantâneas necessita de um smartphone para ser utilizado e permite também realizar ligações por voz e vídeo. A rede conta com mais de 120 milhões de usuários brasileiros. (CHEQUER, 2020).

CAPÍTULO 2 - AS RELAÇÕES DE PODER NO CYBERESPAÇO

2.1 As Tecnologias da Informação Como Instrumento de Poder

Assim como em outros momentos da história, onde as tecnologias são criadas a partir de determinadas relações de poder e, posteriormente, modificam as relações anteriores e inauguram novos cenários¹⁸, diferentes grupos podem ser fortalecidos ou enfraquecidos, ou mesmo novos podem passar a possuir influência. O desenvolvimento das tecnologias de informação, em especial a expansão da internet, herdeira dos investimentos militares por parte do governo dos Estados Unidos na

¹⁸ Nesse sentido, Israel (2019) aponta que o desenvolvimento tecnológico da internet é resultado de uma transformação econômica e social, e não o contrário. Pois “Esta ordem de encaminhamento importa para resguardar o princípio de intencionalidade subjacente a esse projeto tecnológico e para evidenciar que as condições materiais existentes eram já o fruto de uma política econômica e de uma estrutura social.” (ISRAEL, 2019 p.166).

II Guerra Mundial¹⁹, inaugurou, a partir do final do século XX e início do século XXI, uma nova geopolítica.

A evolução meteórica da internet suscitou, ao final da década de 90, entre os estudiosos que se interessaram pelo ciberespaço, uma discussão acerca dos impactos da internacionalização da rede na soberania dos países. Conforme aponta Pires (2012), duas linhas de argumentação predominaram no debate, em primeiro entre aqueles que enxergavam a internet como uma ameaça à soberania do Estado Nacional, em confronto com aqueles que, de forma utópica, acreditavam que o uso da internet fortaleceria a democracia e a liberdade de informação, e em segundo lugar, entre aqueles que acreditavam que a regulação da internet era quase impossível e aqueles que acreditavam que os mecanismos jurídicos do Estado dariam conta da questão.

O crescimento do comércio online e a expansão da internet, assim como outrora a exploração do espaço aéreo também o fez, tornaram o conceito de território ainda mais complexo. Afinal, controlar um fluxo de informações nunca antes visto, a uma velocidade de trocas nunca antes vista e que não depende de um ponto fixo para ser operado, oferecem novas configurações para a dinâmica das relações de poder.

A idealização de um ciberespaço sem fronteiras, independente do controle dos Estados, como reino da democracia e da liberdade de expressão, onde todos os usuários poderiam participar sem nenhuma forma de preconceito, nunca ocorreu de fato. A internet nunca conseguiu se desvencilhar da interferência de um país em específico, os Estados Unidos da América e, sob o argumento da liberdade de expressão, a internet possibilitou o crescimento de discursos racistas, neonazistas, misóginos e LGBTfóbicos.

¹⁹ Conforme aponta Israel (2019), é preciso desconstruir a narrativa linear de que a rede de comunicação de computadores não possuiu projetos paralelos e semelhantes ao da ARPANET em outros países do mundo. Desta forma “É fato perceptível e inegável que a história da Internet é comumente narrada a partir do desenrolar dos acontecimentos nos EUA. Isto decorre devido ao peso deste país no direcionamento dos acontecimentos, bem como em virtude de seu peso sobre a gestão da rede, desde sua origem até os dias de hoje. No entanto, é importante ressaltar que, de um ponto de vista técnico e histórico, a Internet foi o resultado do conjunto de conhecimentos computacionais que se desenvolveu à época em várias partes do mundo, bem como do intercâmbio entre pesquisadores.” (ISRAEL, 2019 p.77)

A internet, devido a sua dinâmica acelerada de fluxo de dados, se apresenta como um desafio jurisdicional complexo de se resolver, segundo aponta Israel (2019):

Em termos práticos, essa dinâmica se espacializa territorialmente com qualidades transfronteiriças de operação e circulação de dados. Assim, um simples e-mail enviado do Brasil para Índia, utilizando uma conta da empresa estadunidense Microsoft (Hotmail), cuja central de dados encontra-se na Irlanda, envolve minimamente quatro jurisdições distintas. Ou seja, a Internet é criadora de atividades, de atores e de espaços transfronteiriços que não se sobrepõem ponto a ponto sobre o território westfaliano tradicional, mas que tece uma rede de relações através de uma rede de objetos. (ISRAEL, 2019 p. 313)

A estrutura do funcionamento da internet foi e segue sendo extremamente centralizada. Conforme aponta Israel (2019), dez dos treze servidores-raiz do sistema de DNS se encontram nos Estados Unidos, onde são guardados todos os domínios de endereços de internet criados no mundo, sendo, portanto, “[...] um mecanismo real de aplicação da jurisdição e valores americanos sobre o espaço virtual da internet.” (ISRAEL, 2019 p. 186). Para Patschiki (2012), a arquitetura do sistema de DNS está intimamente ligada com a estrutura de defesa dos Estados Unidos, sendo uma estrutura ostensivamente centralizadora, reveladora de uma geopolítica unilateral de controle da Internet que impede a soberania dos Estados Nacionais, sendo assim, um elemento da atuação imperialista no território das redes.

Silva (2019) aponta para as contradições entre a ideologia da internet de promoção da liberdade, da democracia e da descentralização, frente a uma estrutura hierarquizada e centralizada.

A internet, tal como a conhecemos hoje, é um sistema técnico organizacionalmente rígido, o qual depende inteiramente da existência de uma família de objetos informacionais que atuam como um sistema técnico de base, os Domain Name Servers (DNS), os backbones, hubs, aparelhos de modem, roteadores). (SILVA, 2019 p. 54).

A internet é pensada como um elemento de modernização que visa trazer a troca de informações de forma imediata e horizontalizada, sendo assim um elemento de emancipação dos indivíduos, entretanto:

[...] não é o indivíduo comum, a pequena empresa ou a instituição de pequeno porte que usufrui das possibilidades máximas de organização oferecidas pela técnica, pois os recursos de poder oferecidos a estes minimizam seu potencial de ação. O poder, ou a política, é responsável pela seleção, concessão ou manutenção das mediações estruturais que existem entre o mundo e o indivíduo. Hoje, a possibilidade de eficácia e organização garantida pelas técnicas modernas são, estruturalmente falando, subalternas às mediações econômicas, que, por sua vez, criam correlatos dominantes nas instâncias culturais, sociais e geográficas. (SILVA, 2019 p. 56)

Portanto, não é possível compreender a mundialização da internet sem considerar que ela se deu em um contexto de capitalismo de dependência. Portanto, conforme aponta Breda (2018), interpretar o desenvolvimento tecnológico de forma neutra e unilateral oculta interesses concretos que movem a produção científica e tecnológica. Não é possível analisar o desenvolvimento e mundialização da internet sem considerar que ela foi desenvolvida por uma ciência essencialmente capitalista, submissa a um processo de acumulação ampliada do capital a partir dos países centrais do sistema.

O ponto de partida para qualquer discussão em torno da C&T (Ciência e Tecnologia) é reconhecer a existência de uma organização mundial do trabalho científico e tecnológico que concentra em todos os países centrais as etapas estratégicas, de vanguarda, da produção de conhecimento das tecnologias, enquanto as regiões subdesenvolvidas ou dependentes ocupam o lugar de consumidores de tecnologia importada ou produtores de etapas secundárias. A concentração é brutal, como mostram os informes da UNESCO e da Fundação Nacional de Ciências dos EUA. Segundo os informes, América do Norte, União Europeia, China, Japão e Coreia do Sul concentraram, em 2015, 82% dos gastos – públicos e privados

– mundiais em pesquisa e desenvolvimento (P&D). (BRED, 2018 n.p.)²⁰

O conjunto de documentos elaborados pela administração da gestão do presidente estadunidense Bill Clinton ao final da década de 90, revelam o esforço em transformar a internet de uma rede de utilização voltada para acadêmicos, para uma rede de exploração comercial. O objetivo era de promover, conforme aponta Pires (2014), a partir de uma perspectiva neoliberal²¹, uma reestruturação do regime de acumulação capitalista estadunidense através do que o autor chama de estrutura virtual de acumulação (EVA). Para isso foram traçadas cinco metas globais: 1) O setor privado deveria liderar a gestão política da internet e sua autorregulação deveria ser incentivada pelos governos; 2) Os governos deveriam evitar impor restrições desnecessárias sobre o comércio eletrônico; 3) Sempre que fosse necessária a intervenção governamental, esta deveria ocorrer para garantir a concorrência e proteger a propriedade intelectual e a privacidade; 4) Os governos deveriam reconhecer que os marcos regulatórios desenvolvidos para o setor de telecomunicações não se aplicam à internet; 5) Os governos deveriam facilitar o comércio eletrônico independente da jurisdição em que as partes envolvidas residem.

Foi nesse contexto que, visando a disputa pelo controle pelo gerenciamento do DNS, o governo dos EUA fundou o ICANN, de forma subordinada ao seu Departamento de Comércio. Desta forma, mesmo que a contragosto de diversos grupos que desejavam uma outra estrutura de governança da internet, consolida-se a hegemonia do governo dos Estados Unidos na gestão da internet.

Os processos de privatização, ao contrário de promover uma ampla concorrência nos serviços de internet, gerou concentração e desigualdades. Israel (2019) aponta que o processo de fusões e

²⁰ A citação não apresenta página pois foi retirada de um artigo publicado em *website*.

²¹ A consolidação de uma internet global, conforme aponta Israel (2019, p. 162), “[...] constituiu uma importante condição para a edificação do modelo político econômico sobre o qual a rede prosperaria, caracterizado por uma ressignificação do papel do Estado, por um avanço da esfera privada na lógica organizacional e pela expansão da forma mercado como imperativo social”.

aquisições de empresas de telecomunicação fez com que os mercados dos países “em desenvolvimento” fossem devorados pelas empresas dos países centrais do capitalismo. Warf (2003) aponta que o processo de expansão da internet ao final da década de 1990 e início dos anos 2000 é marcado por uma tendência a uma oligopolização desimpedida de grandes empresas, especialmente estadunidenses, como fica claro na Tabela 1.

Tabela 1 – Origem nacional das empresas compradoras e empresas alvo de compra ou fusão entre os anos de 1993 a 2000.

País	Nº de Compradores	Valor Total (em bilhões de dólares)	Nº de empresas Alvo de compra	Valor Total (em bilhões de dólares)
Estados Unidos da América	64	1.011,1	55	1.070,4
Canadá	4	10,8	3	6,6
Total Europa	13	310,7	20	252,3
Reino Unido	4	0,5	5	2,6
França	3	6,5	2	161,3
Alemanha	5	293,6	2	7,7
Outros da Europa	2	12,5	12	83,1
Japão	3	0,4	2	2,9
Terceiro Mundo	2	3,4	6	6,7
TOTAL	87	1.341,3	87	1.341,3

Fonte: WARF (2003)

Analisando o contexto brasileiro durante o período, Israel (2019) aponta para uma configuração desigual no processo de privatização da internet brasileira, onde as empresas estrangeiras se aproveitaram das regiões com uma infraestrutura da rede mais bem estabelecida, enquanto em outras regiões onde essa infraestrutura não estava tão bem

estabelecida, com a região Norte e Nordeste, o capital nacional possuía lugar de destaque, como é possível ver na Tabela 2.

Tabela 2 – Origem do capital da internet brasileira e porcentagem de participação por empresa

Empresa	Origem do Capital	Porcentagem de Participação
Telesp	Espanha	70,6%
	Portugal	23%
	Brasil	6,4%
Tele Centro Sul	Itália	81%
	Brasil	19%
Tele Norte Leste	Brasil	100%
Embratel	EUA	100%
Telesp Celular	Portugal	100%
Tele Sudeste Celular	Espanha	99,96%
	Japão	0,04%
Telemig Celular	Canadá	48%
	Brasil	52%
Tele Celular Sul	Itália	51,8%
	Brasil	48,2%
Tele Nordeste Celular	Itália	51,8%
	Brasil	48,2%
Tele Leste Celular	Espanha	100%
Tele Centro Oeste Celular	Brasil	100%
Tele Norte Celular	Brasil	52%
	Canadá	48%
CRT Celular	Espanha	83%
	Brasil	17%

Fonte: Silva (2015) apud. Israel (2019)

Por fim, conforme aponta Pires (2014), contradizendo todo o discurso, o modelo de gestão implementado pelo ICANN nunca deixou de

ser governamental e unilateral. O discurso de uma gestão da internet marcada pela liberdade e em transição para o setor privado internacional é deixado de lado quando, após o atentado de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas nos Estados Unidos, a administração de George W. Bush passa a tratar a internet como um campo estratégico da segurança do Estado no combate ao terrorismo.

É nesse contexto, sob administração de Stuart Lynn entre 2001 e 2003, que o ICANN passa por uma série de reformas que reconfiguram seu papel na governança da internet, tendo a cibersegurança como prioridade, de forma alinhada com os objetivos do governo, portanto, sob o argumento da luta contra o terrorismo, implementada na atuação do ICANN, a governança da internet se tornou ainda mais centralizada e subordinada aos Estados Unidos. Segundo Pires (2014).

A reforma radical produzida por Lynn, introduziu três importantes discursos: a) conceber uma nova forma de organização multinacional governamental da governança da Internet mantida pela ICANN; b) assegurar o controle pelo governo dos EUA das funções relacionadas à gestão global do DNS da Internet e não completar a transição dessas para o setor privado internacional; c) introduzir um novo modelo organizacional de gestão de conflitos, baseado em decisões consensuadas produzidas, de baixo para cima, pelas partes interessadas ou Stakeholders, do processo de GI. (PIRES, 2014 p.18)

O tema da cibersegurança seguiu como o principal elemento da governança da internet por parte dos Estados Unidos, o que refletiu nas medidas tomadas pela administração de Bush, como o *Patriot Act*, decreto assinado por Bush em 2001 que, segundo Junqueira e Moreira (2021), facilitou a vigilância eletrônica, fazendo com que os processos de espionagem de suspeitos de terrorismo por parte do Tribunal de Vigilância de Inteligência Estrangeira (*Foreign Intelligence Surveillance Court* ou FISC) e por parte da Agência Nacional de Segurança (*National Security Agency* ou NSA) se tornassem mais recorrentes, devido a redução de barreiras legais. Em 2007, a promulgação do *Protect America Act*, que seria revogado no ano seguinte, segundo Pires (2014), permitiu com que

o acesso a dados e metadados de usuários da internet fossem acessados sem a necessidade de mandado judicial, sob o argumento de serem considerados parte importante das investigações de combate ao terrorismo. Mesmo com o fim do governo Bush, a cibersegurança permaneceu como item primordial de defesa, sendo considerada, pela administração Obama “como o quinto domínio militar de guerra, depois da terra, do mar, do ar e do espaço” (PIRES, 2014 p. 30).

Em 2013, Edward Snowden, ex-funcionário da CIA (*Central Intelligence Agency* ou Agência Central de Inteligência) e da NSA, vazou documentos considerados como ultrassecretos, revelando que a agência de segurança realizava vigilância em massa de civis e espionagem de diversos governos, inclusive de governos considerados aliados. Segundo Bauman *et al* (2015), os documentos revelaram que as práticas de vigilância ocorriam através de programas da NSA como o PRISM, *Xkeyscore*, *Upstream*, *Quantuminert*, *Bullrun* e *Dishfire*, além de contar com a colaboração do *Government Communications Headquarters* (GCHQ), um serviço de inteligência do Reino Unido. A maioria destes programas coletavam dados através de interceptadores colocados em cabos de fibra óptica que conectam servidores de internet. Contudo, o *Xkeyscore*²² por exemplo, coletava informações pessoais de diversos

²² Desenvolvido para a NSA pela empresa estadunidense *Palantir Technologies*, consiste em “[...] un buscador capaz de atravesar correos, chats, historiales de navegación, fotos, documentos, webcams, análisis de tráfico, registros de teclado, claves de acceso al sistema con nombres de usuarios y contraseñas interceptados, túneles a sistemas, redes P2P, sesiones de Skype, mensajes de texto, contenido multimedia, geolocalización. Sirve para monitorizar a distancia a cualquier sujeto, organización o sistema, tirando de cualquier hilo: un nombre, un lugar, un número de teléfono, una matrícula de coche, una tarjeta. Siguiendo el patrón conocido, la tecnología que fue creada para vigilar «insurgentes» y «enemigos del mundo libre» en Irak y Afganistán fue rápidamente implementada en los estados federales para vigilar a los propios ciudadanos, especialmente en aquellos lugares donde hay mayoría afroamericana y en los más castigados por la pobreza o los huracanes, como Detroit o Nueva Orleans.” (PEIRANO, 2019 p. 132) Em tradução livre “[...] um mecanismo de busca capaz de atravessar *e-mails*, *chats*, históricos de navegação, fotos, documentos, *webcams*, análise de tráfego, logs de teclado, chaves de acesso ao sistema com nomes de usuários e senhas interceptados, túneis do sistema, redes P2P, sessões *Skype*, mensagens de texto, conteúdo multimídia, geolocalização. Serve para monitorar a distância qualquer sujeito, organização ou sistema, puxando de qualquer fio: um nome, um lugar, um número de telefone, uma placa de carro, um cartão. Seguindo o conhecimento padrão, a tecnologia criada para vigiar “insurgentes” e “inimigos do mundo livre” no Iraque e Afeganistão foi rapidamente implementada nos estados federais para vigiar seus próprios cidadãos, especialmente naqueles lugares de maioria afro-americana e os mais castigados pela pobreza e pelos furacões, como Detroit ou Nove Orleans.”

consumidores por meio de pressões exercidas sobre empresas privadas que possuem um extenso banco de dados para fins comerciais, como *Google, Microsoft, Apple e Skype*²³. Sobre o conjunto de métodos de interceptação de dados, que são recolhidos transnacionalmente, aponta o autor:

Estas diversas práticas de interceptação de comunicação são complexas e interligadas e são projetadas para processamento secreto de dados pessoais que consistem em conteúdo (gravações de chamadas telefônicas, mensagens de texto, imagens de webcams, teor das mensagens de e-mail, logins no Facebook, histórico de acesso a sites da web do usuário, e assim por diante) e metac conteúdo (registro dos meios de criação dos dados transmitidos, a hora e a data de sua criação, seu criador e o local onde foi criado). Uma vez reunidos, os dados e os metadados são conservados durante um determinado período de tempo (como no Tempora) e, em seguida, organizados através de plataformas de integração (tais como o PRISM) para se tornarem inteligíveis por meio da visualização de redes, começando por pessoas ou endereços de Internet que já estão sob suspeita. (BAUMAN *et al.* 2015 p.11)

O vazamento promovido por Snowden não foi bem recebido pelos governos de diversos países, conforme aponta Bauman *et al* (2015), diversos países parceiros da NSA, como Alemanha, Polônia, Suécia, Holanda e França se sentiram como instrumentos da agência e não como colaboradores. A espionagem de populações dos países membros da rede de colaboração *Five Eyes*²⁴ (cinco olhos) gerou um mal estar, levando a compreensão de que a colaboração para a segurança nacional dos Estados Unidos estava colocando em risco a sua própria segurança nacional.

Frente a esta estrutura que concentra poder nas mãos dos Estados Unidos, diversos países buscam afirmar sua soberania nacional

²³ No caso desta plataforma, Bauman *et. al* (2015) aponta “Um terceiro tipo de prática envolve a coleta de chamadas telefônicas, mensagens de texto, comunicações via Skype e diversos sinais de áudio e vídeo transmitidos através de computadores, smartphones, comunicações via satélite e telefones fixos tradicionais (como o Dishfire, para mensagens de texto). (BAUMAN *et al.* 2015, p. 11)

²⁴ Acordo para a colaboração em rede dos serviços de inteligência de cinco países: Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos.

e garantir a segurança dos seus dados, contudo, as estratégias empregadas são diferentes entre eles. Segundo Israel (2019), China²⁵, Rússia²⁶ e Irã lançam mão de mecanismos de controle e filtragem de conteúdos que podem ser acessados dentro de suas fronteiras, por meio de provedores de acesso próprio. Já outros países, como o caso da França,²⁷ demandam a filtragem do conteúdo, quando necessário, aos provedores externos, contactando diretamente a empresa ou atuando juridicamente.

O contexto dos vazamentos de Snowden que revelaram a espionagem estadunidense ao governo brasileiro de Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, foi fundamental para a aprovação da Lei nº 12.965/2014, mais conhecida como Marco Civil da Internet, sancionada pela então presidente em 2014. Embora o projeto estivesse aberto para consulta pública desde 2009, durante o mandato do então presidente Lula, do Partido dos Trabalhadores, é possível afirmar que “[...] a revelação de Edward Snowden sobre o sistema de vigilância do qual o Brasil era alvo foi um fator decisivo para o avanço e aprovação do Marco Civil da Internet.” (ISRAEL, 2019 p. 328). Foi a partir da relevância internacional que a temática ganhou com os escândalos que o projeto pode se tornar uma pauta urgente e ser aprovado sem alterações drásticas em seu texto.

A Lei do Marco Civil da Internet, possui como princípios, conforme apontado no Artigo 3º da Lei:

- I - garantia da liberdade de expressão, comunicação e manifestação de pensamento, nos termos da Constituição Federal; II - proteção dos dados pessoais, na forma da lei; III

²⁵ DNS CHINES

²⁶ “Embora não possua um DNS próprio, a Rússia é igualmente reconhecida por uma Internet nacionalizada, chamada Runet. [...] o sistema de filtragem de conteúdos na Rússia ocorre na última milha, entre o provedor de serviços de Internet e o usuário final.” (ISRAEL, 2019 pp. 317-318)

²⁷ “Representativo deste último caso, no começo dos anos 2000, por exemplo, uma organização francesa acionou a justiça deste país para que a empresa americana Yahoo não disponibilizasse o leilão de objetos nazistas em seu portal online dentro desta jurisdição, já que na França a apologia a crimes de guerra e a difusão de insígnias nazistas são proibidas. Neste caso, quando a filtragem ocorre a partir do provedor de conteúdo, utiliza-se como mecanismo a geolocalização dos IPs associados à jurisdição para a qual a filtragem deve ser realizada, tornando determinados conteúdos indisponíveis.” (ISRAEL, 2019 p. 316)

– preservação e garantia da neutralidade de rede; IV – preservação da estabilidade, segurança e funcionalidade da rede, por meio de medidas técnicas compatíveis com os padrões internacionais e pelo estímulo ao uso de boas práticas; VI – responsabilização dos agentes de acordo com suas atividades, nos termos da lei; VII – preservação da natureza participativa da rede; VIII - liberdade dos modelos de negócios promovidos na internet, desde que não conflitem com os demais princípios estabelecidos nesta Lei. (BRASIL, 2014 n.p)

Os princípios contidos na lei vão de acordo com a argumentação empregada por Dilma Rousseff em seu discurso proclamado na abertura da 68ª Assembleia-Geral das Nações Unidas (AGNU), em setembro de 2013 na Cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América. Na ocasião, Dilma expressou seu repúdio em relação às atividades de espionagem, alegando que o Brasil teria sido um dos maiores alvos do processo, além disso, Rousseff (2013), apontou que “redobrar os esforços para dotar-se de legislação, tecnologias e mecanismos que nos protejam da interceptação ilegal de comunicações e dados”. (ROUSSEFF, 2013 n.p.). Nesse sentido, foi dito que “o Brasil apresentará propostas para o estabelecimento de um marco civil multilateral para a governança e uso da internet e de medidas que garantam uma efetiva proteção dos dados que por ela trafegam.” (ROUSSEFF, 2013 n.p.) A proposta de um Marco Civil internacional continha os princípios da Lei que seria sancionada no ano seguinte.

2.2 As Redes Sociais Como Ferramenta De Manipulação De Pessoas

A massificação do uso de redes sociais, especialmente através de *smartphones*, fez com que as relações travadas *online* se tornassem tão importantes quanto as relações travadas *offline*. Isso ocorre pois estamos cada vez mais dependentes do acesso à internet, o que foi amplificado pelo cenário causado pela pandemia de coronavírus que, ao dificultar os encontros pessoais devido aos esforços de contenção da

forma de transmissão do vírus, que demanda um certo nível de isolamento social, alavancou os encontros *online*, além dos regimes de teletrabalho e do ensino remoto.

As principais redes sociais, tão importantes neste momento, são controladas por pouquíssimas empresas estadunidenses que compõem o que Peirano (2019) chama de Indústria da Atenção. O *Facebook* como empresa, para além da rede que leva o nome, controla o *Instagram* e o *WhatsApp*, a *Google*, para além do buscador de sites que praticamente define o que pertence a *Surface Web* ou a *Deep Web*, controla a plataforma de e-mails *Gmail*, o sistema operacional para *smartphones* *Android*, o navegador *Chrome* e a plataforma de vídeos *YouTube* e a *Apple* que, além de fabricar dispositivos, controla os sistemas operacionais utilizados nos *Iphones*, *Ipads* e, *MacBooks*.

Segundo dados do relatório “*Digital 2021 Global Overview Report*” da organização italiana *We Are Social* (2021), cerca de 5,22 bilhões de pessoas do mundo usam telefone celular e cerca de 4,66 bilhões de pessoas acessam a internet, dentre essas pessoas, cerca de 4,20 bilhões de pessoas utilizam redes sociais, o que corresponde a cerca de 53% da população mundial. Quanto ao Brasil, o relatório aponta para 160 milhões de usuários de internet e desse grupo 150 milhões utilizam redes sociais, correspondendo a 70,3% da população, estando 17,3% acima da média mundial. Além disso, o Brasil é o país com a segunda maior média de tempo de uso de internet, cerca de dez horas e oito minutos, sendo que cinco horas e dezessete minutos são via *smartphone*, ficando atrás apenas das Filipinas que possuem uma média de dez horas e cinquenta e seis minutos de uso diário de internet. A média mundial é de seis horas e cinquenta e quatro minutos.

Além do mais, o relatório aponta que os brasileiros estão na terceira colocação no quesito tempo de uso em redes sociais, com uma média de três horas e quarenta e dois minutos diários. Esse número extremamente alto só foi possível pois, conforme aponta Peirano (2019), cada aspecto do funcionamento dos aplicativos de redes sociais foi projetado para causar vício.

La tecnología que mantiene internet funcionando no es neutral, y la que encontramos o instalamos en nuestros teléfonos móviles tampoco. En la última década, todas han evolucionado de una manera premeditada, con un objetivo muy específico: mantenerte pegado a la pantalla durante el mayor tiempo posible, sin que alcances nunca el punto de saturación. Son capaces de hacer cualquier cosa para que sigas leyendo titulares, pinchando enlaces, añadiendo favoritos, comentando post, retuiteando artículos, buscando el GIF perfecto para contestar a un hater, buscando el restaurante ideal para una primera cita o escribiendo el hashtag que define exactamente la puesta de sol en la playa con tres daikiris de fresa y cucharas verdes en forma de palmera que estás a punto de compartir. Su objetivo no es tenerte actualizado, ni conectado con tus seres queridos, ni gestionar tu equipo de trabajo ni descubrir a tu alma gemela ni enseñarte a hacer yoga ni «organizar la información del mundo y hacerla accesible y útil». No es hacer que tu vida sea más eficiente ni que el mundo sea un lugar mejor. Lo que quiere la tecnología que hay dentro de tu móvil es engagement. El engagement es la cumbre de la felicidad de la industria de la atención.²⁸ (PEIRANO, 2019 p. 18)

Portanto, o objetivo principal das empresas de redes sociais é gerar engajamento, fazendo com que os indivíduos permaneçam conectados o maior tempo possível sem alcançar um ponto de saturação que os faça cansar e deixar os *smartphones* de lado, independente do teor do conteúdo que está sendo consumido na plataforma. Para isso, para cada aspecto da vida, existe um aplicativo no qual associamos a

²⁸ “A tecnologia que mantém a internet funcionando não é neutra, nem a que encontramos ou instalamos em nossos telefones celulares. Na última década, todos eles evoluíram de forma deliberada, com um objetivo muito específico: fazer as pessoas ficarem grudadas na tela o máximo possível, sem nunca chegar ao ponto de saturação. Eles são capazes de fazer qualquer coisa para mantê-los lendo manchetes, clicando em *links*, adicionando favoritos, comentando postagens, retweetando artigos, procurando o GIF perfeito para responder a um *hater*, procurando o restaurante ideal para um primeiro encontro ou escrevendo a *hashtag* que define exatamente o pôr do sol na praia com três *daikiris* de morango e colheres de palmeira verde que você está prestes a compartilhar. Seu objetivo não é mantê-lo atualizado, ou conectado com seus entes queridos, ou gerenciar sua equipe de trabalho, ou descobrir sua alma gêmea, ou ensiná-lo a fazer ioga, ou ‘organizar a informação do mundo e torna-la acessível e útil.’ Não é tornar sua vida mais eficiente ou tornar o mundo um lugar melhor. O que a tecnologia dentro do seu celular deseja é engajamento. O envolvimento é o auge da felicidade na indústria da atenção.” (PEIRANO, 2019 p. 18 tradução nossa)

determinadas atividades. Para se alimentar existe o *Ifood* ou aplicativos que indicam restaurantes, com numerosos cardápios e promoções, para se locomover o *Uber*, para se divertir, jogos e redes sociais, para ouvir música, usa-se aplicativos como o *Spotify* ou *Deezer*, até para dormir, aplicativos com sons relaxantes e de controle do tempo de sono. Desta forma, estamos constantemente fornecendo dados sobre nosso comportamento, nossas preferências, nossos medos e nossa rotina, oferecendo a empresas e partidos políticos um relatório detalhado sobre nós, compondo o imenso acervo de dados que se chama de *Big Data*.

A associação entre necessidades básicas da vida cotidiana e o amplo leque de aplicativos criados para satisfazê-las, para além de sequestrar a atenção dos usuários nas mãos de poucos grupos, promovem, conforme aponta Israel (2019), novas demandas de empregos e relações sociais que afetam a própria forma com que os governos lidam com os seus territórios, pois, ao ultrapassar a barreira das relações pessoais e passar a mediar relações de trabalho, aplicativos como *Uber*, *Ifood* e *Loggi*, constituem exemplos claros de como a internet globalizada, com a permissão de reformas trabalhistas realizadas por governos de agendas neoliberais, promovem a sobreposição de jurisdições e conflitos sobre as condições de vida e geração de renda de diferentes países. Um aplicativo que permite a contratação de motoristas particulares para viagens curtas (*Uber*) ou viagens longas (*Buser*), afetam diretamente a lógica do fluxo de pessoas de uma cidade e entre cidades, a regulação do trabalho e a geração de renda, consistindo em uma “Nova forma de exercício de multiterritorialidade transnacional empregando a internet, produzindo espaços com territórios múltiplos e plurijurisdicionais.” (ISRAEL, 2019 p. 321)

As redes sociais se estruturam de uma forma que, ao oferecerem, na maior parte do tempo, mais recompensas do que castigos, acostumam nosso cérebro a receber constantemente pequenas doses de dopamina, nos viciando de forma semelhante ao açúcar. Prática que Peirano (2019) descreve como *neurohacking* e a compara com o experimento do psicólogo behaviorista estadunidense Frederic Skinner da caixa do condicionamento operante²⁹. Além disso, a autora aponta que o

²⁹ “Uma caixa de Skinner, também conhecida como câmara de condicionamento

bombardeamento de informações e notificações que os *smartphone* oferecem 24 horas por dia e a necessidade de se arrastar um *feed* de notícias em busca de atualizações, novas postagens ou interações, causou uma síndrome chamada de *Fear of Missing Out* (medo de estar perdendo algo).

A día de hoy, con la realidad de las tecnologías sociales, han florecido los métodos para motivar a la gente a través de la aceptación o el rechazo social —explica Fogg en su ensayo *A Behavior Model for Persuasive Design*—. De hecho, Facebook tiene el poder de motivar y finalmente influir en los usuarios gracias a esta motivación. Desde subir fotos hasta escribir cosas en su muro, los usuarios de Facebook están motivados por su deseo de ser aceptados socialmente.» El único motivador más efectivo que ser aceptado socialmente es el miedo a ser rechazado socialmente. Ese es el motivo que empuja a miles de millones de personas a abrir cuentas de usuario e instalar aplicaciones para toda clase de cosas: para no quedarse atrás, fuera de onda, fuera del círculo. Tanto es así que ya se considera un síndrome: FOMO o *Fear of Missing Out*.³⁰ (PEIRANO, 2019 p. 29)

Portanto, os usuários de *smartphones* são bombardeados o tempo todo por notificações que geram mal estar caso sejam ignoradas. Um *e-mail* é recebido, uma nova mensagem, uma nova notícia, alguém que interagiu com sua conta, uma curtida na sua nova foto, um novo comentário, uma notificação do banco sobre uma dívida, um novo tema que está sendo comentado por todos os seus amigos no *Twitter*. Para Peirano (2019).

operante, é um aparelho fechado que contém uma barra ou chave que um animal pode pressionar ou manipular de modo a obter alimentos ou água como um tipo de reforço.” (AZEVEDO, 2016 n.p.)

³⁰ “Hoje, com a realidade das tecnologias sociais, os métodos de motivação das pessoas por meio da aceitação ou rejeição social floresceram – explica Fogg em seu ensaio *A Behavior Model For Persuasive Design*. Na verdade, o *Facebook* tem o poder de motivar e, em última análise, influenciar os usuários graças a essa motivação. Desde o *upload* de fotos a escrever coisas no seu mural, os usuários do *Facebook* são motivados pelo desejo de serem aceitos socialmente. – O único motivador mais eficaz do que ser socialmente aceito é o medo de ser socialmente rejeitado. Essa é a razão que leva bilhões de pessoas a abrir contas de usuário e instalar aplicativos para todos os tipos de coisas: não ficar para trás, fora do circuito, fora do círculo. Tanto que já é considerada uma síndrome: FOMO ou *Fear of The Missing Out*”. (PEIRANO, 2019 p. 29. tradução nossa)

Eso que te pasa docenas de veces al día se llama notificación push, y es rey de los reclamos. Funciona porque te recuerda inmediatamente el motivo por el que necesitas la aplicación: estar al día, contestar a tiempo, enterarte antes que nadie. Tuitear primero, contestar primero, llegar antes. Todo es importante, todo es urgente. O peor: todo podría serlo. No lo sabes hasta que lo miras (refuerzo de intervalo variable). Pero sabes que si no respondes a la llamada, el castigo es volverse innecesario y desaparecer. O, en palabras de Jeff Bezos a sus trabajadores: “Irrelevancia. Seguida de un insoportable, doloroso declive”³¹. (PEIRANO, 2019 p. 31-32)

Segundo Alter (2017), a presença constante dos aparelhos no dia a dia, faz com que diversos vícios como em compras, trabalho ou pornografia se tornem mais difíceis de serem superados, pois diferente de outros momentos, não é preciso estar em um horário comercial para realizar uma compra, por exemplo, possibilitando que ela seja realizada logo cedo ou tarde da noite, a presença constante de um celular junto a nós facilita a adoção de comportamentos compulsórios e obsessivos.

As redes sociais são poderosas ferramentas causadoras de ansiedades. Para além da sua grande capacidade de se criar vícios, as redes sociais reforçam pressões sociais para que as pessoas atendam determinados padrões sobre o que é considerado belo, bom ou uma vida de sucesso. Segundo Freitas (2018), ser feliz, ou pelo menos demonstrar felicidade, tornou-se uma condição primordial para que os indivíduos se sintam como parte útil da sociedade e que não se sintam como fracassados. Para isso é necessário buscar a saúde perfeita, o corpo definido, o sucesso financeiro, entre outros padrões. Analisando sob uma perspectiva freudiana, a felicidade consiste em “um objetivo humano irrealizável do ponto de vista do funcionamento psíquico e das exigências

³¹ O que acontece com você dezenas de vezes por dia é chamado de notificação *push* e é o rei dos anúncios. Funciona porque lembra imediatamente porque você precisa do aplicativo: mantenha-se atualizado, responda na hora certa, descubra antes de mais ninguém. *Tweet* primeiro, responde primeiro, chegue cedo. Tudo é importante, tudo é urgente. Ou pior: tudo poderia ser. Você não sabe até olhar para ele (reforço de intervalo variável). Mas você sabe que se não atender a ligação, a punição será se tornar desnecessário e desaparecer. Ou, nas palavras de Jeff Bezos a seus trabalhadores: ‘Irrelevância, seguida por um declínio excruciante e doloroso’” (PEIRANO, 2019 p. 31-32. tradução nossa)

culturais” (Freitas 2018, p. 101) no qual, por mais que se esforce para alcançar e manter um estado de felicidade, só é possível sua realização de forma episódica.

Portanto, os conteúdos que são postados em redes sociais consistem apenas naquilo que desejamos que seja visto de nossas vidas, geralmente de acordo com os padrões que se espera de uma vida feliz. Tais pressões funcionam como um filtro que faz com que publicações que retratem dias comuns, ou dias ruins, percam espaço nas redes para uma foto na natureza editada, fotos em momentos felizes, fotos em ângulos cuidadosamente escolhidos para exibir um corpo de acordo com o padrão. Todos esses conteúdos criam uma falsa sensação de que a vida das outras pessoas é mais interessante que a nossa. Sobre isso, Freitas (2018) aponta.

É exatamente na busca por comunicação em redes sociais virtuais que o internauta depara-se com uma “vitrine” que pode causar inveja, muita inveja! Há nesse meio uma corrida por maior e melhor status, o que leva as pessoas a compararem seu dia a dia com manifestações exageradas de felicidade editadas com o auxílio de Photoshop, o feed de notícias lotado de viagens para lugares paradisíacos, convites para baladas, likes supervalorizando a popularidade. Pode instalar-se, então, uma competitividade por um bem-estar irreal e inalcançável, produzindo uma geração frustrada e descontente consigo mesma como consequência de sentimentos invejosos. Hoje, a sociedade do espetáculo invadiu nossa realidade cobrando objetivos muitas vezes inconcebíveis que podem levar a uma vida de mentiras, sem entrar em contato com as emoções, e de dor sufocada, negada. (FREITAS, 2018 p.104-105)

Contudo, mesmo se mostrando nocivas ao bem-estar dos indivíduos, o poder de vício e a capacidade de gerar engajamento por parte das redes sociais compensa as experiências negativas e mantém os usuários conectados cada vez mais. Através da criação, por meio dos algoritmos, de interfaces personalizadas para cada usuário, se formam aquilo que Recuero, Zago, Soares (2017) apontam como filtros-bolha, onde os sujeitos “consomem conteúdos cada vez mais personalizados para si e alheios ao que acontece no mundo fora de seu contexto

particular e específico de interesse.” (RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017 p.7). Desta forma, segundo Muller e Schwarz (2020, p.2), “[...] social media platforms allow users to easily self-select into niche topics and extreme viewpoints. This preferential selection may limit the spectrum of information people absorb and create ‘echo chambers’ [...]”³², onde grupos de pessoas se fecham em torno de determinadas ideias, rechaçando ou até mesmo não tendo contato, com ideias conflitantes. Este processo gera uma falsa sensação de consenso pois, se determinado argumento ou notícia está sendo veiculado em todos os seus grupos das redes sociais e por diversas páginas em sua *timeline*, é bem provável que seja verdade, tornando-se um terreno fértil para a propagação de discursos de ódio, notícias falsas e teorias conspiratórias.

O problema piora quando levamos em conta que, segundo pesquisa realizada pela Kaspersky (2021), 71% dos brasileiros utilizam as redes sociais como fonte de informação, questão que é agravada quando analisamos a forma como as redes sociais são acessadas. A checagem dos fatos é prejudicada por um acesso desigual à informação em rede pois, os planos de internet móvel mais baratos possuem um limite de dados muito baixo e praticam, em determinados aplicativos, o *zero rating*, que consiste em

estratégias comerciais desenvolvidas por provedores de acesso de internet em parceria com provedores de aplicações em torno do objetivo de oferecer gratuidade no tráfego de dados para determinada aplicação e serviço específico. (ERHARDT 2016 p. 200)

Podemos perceber como a prática ocorre nos planos mais baratos das três operadoras de telefonia com maior número de clientes no Brasil³³,

³² “[...] as plataformas de mídia social permitem que os usuários selecionam facilmente tópicos de nicho e pontos de vista extremos. Essa seleção preferencial pode limitar o espectro de informações que as pessoas absorvem e criam ‘câmaras de eco’[...]” (MULLER E SCHWARZ 2020, p. 2. Tradução nossa).

³³ Segundo os números da agência regulatória, a Vivo mantém a liderança no mercado da telefonia móvel no Brasil com 33,4% do mercado. A Claro vem em seguida com 27,95% de participação, a terceira posição fica com a TIM (21,17%) e a Oi surge na sequência com 16,63% de market share. (TUDOCELULAR, 2021)

respectivamente, a Vivo, a Claro e a Tim. No caso da Vivo (FIGURA 11), o plano de 1GB de dados permite utilizar o *WhatsApp* sem descontar da internet, já o plano de 2GB da Claro (FIGURA 12), permite o acesso ao *WhatsApp*, a plataforma de estudos denominada Descomplica e os aplicativos Claro Música e Claro Cursos, por fim, a Tim (FIGURA 13) oferece, em seu plano de 1GB (com bônus de 3GB para ser usado de madrugada), acesso ilimitado para *Facebook*, *WhatsApp*, *Twitter* e *Facebook Messenger*.

FIGURA 11 – Plano pré-pago da empresa Vivo em 14 de março de 2022



The image is a screenshot of a Vivo mobile service advertisement. On the left, there is a vertical photo of a woman with curly hair looking at her smartphone. The main content area has a light purple background. At the top right is a close button (X). The section is titled 'BENEFÍCIOS' (Benefits) in purple. Below it is a bulleted list: 'Ligações e SMS ilimitados', 'Bônus de 1GB', and 'Serviços digitais inclusos'. To the right of this list, the price is shown as 'POR APENAS R\$9,99*/semana'. Below the price is an orange button with the number '0800 597 1515'. At the bottom left, it says 'Aplicativos ilimitados (sem descontar da internet):' followed by the WhatsApp logo.

BENEFÍCIOS

- Ligações e SMS ilimitados
- Bônus de 1GB
- Serviços digitais inclusos

POR APENAS R\$9,99*/semana

0800 597 1515

Aplicativos ilimitados (sem descontar da internet):



Fonte: VIVO (2022)

FIGURA 12 – Plano pré-pago da empresa Claro em 14 de março de 2022



FONTE: Claro (2022)

FIGURA 13 - Plano pré-pago da empresa Tim em 14 de março de 2022



FONTE: Tim (2022)

A prática se assemelha ao serviço *Free Basics* oferecido pelo Facebook em parceria com operadoras de telefonia de diversos países do mundo, que consiste em um acesso gratuito à rede social e a outros aplicativos, sem descontar do pacote de dados do usuário, destinados a países considerados como menos desenvolvidos na estrutura de

conectividade. Para Peirano (2019), os usuários do *Free Basics*, e adicione, dos planos de telefonia brasileiros que oferecem o serviço de *zero rating*, para além de aumentarem o tempo de uso de *smartphones* e, consequentemente se tornar mais propenso ao vício, são extremamente vulneráveis a notícias falsas devido a limitação checagem de fatos atrelada ao acesso limitado a outras plataformas da internet que vão além do que está incluso nos acessos gratuitos ou sem descontar dos dados.

A correlação entre uso excessivo de redes sociais e o aumento na propagação de discursos de ódio foi o alvo do estudo de Muller e Schwarz (2020), que buscaram compreender a correlação entre o sentimento de xenofobia com refugiados no *Facebook* com os crimes de ódio contra refugiados na Alemanha. Os autores analisaram semanalmente o uso do *Facebook* em escala municipal com base nas atividades relacionadas à página do partido de extrema-direita *Alternative für Deutschland* (AFD, em tradução livre, Alternativa Para Alemanha). O resultado obtido apontou que, durante os períodos onde ocorreram maior número de postagens de teor anti-refugiados, foi possível notar um aumento na quantidade de crimes de ódio, como agressão, nas regiões onde o *Facebook* é mais utilizado, demonstrando que os discursos de ódio que ecoam pelas plataformas *online* podem sim refletir no aumento de atos violentos fora da internet.

Outra rede social que é responsável pela manipulação de indivíduos e o crescimento de teorias conspiratórias e discursos de ódio é o *YouTube*. A plataforma de vídeos possui diversas estratégias para manter o usuário engajado, assistindo um vídeo após o outro, e a principal delas é o seu sistema de recomendação de vídeos feito sob medida para cada usuário. Para Peirano (2019)

La página que sirve a cada usuario es única, y se compone de varios menús de ofertas en diferentes formatos. Lo más importante es la playlist infinita basada en su algoritmo de recomendación. La lista es lo que se reproduce automáticamente si el usuario no hace nada para impedirlo. Un vídeo lleva a otro vídeo que lleva a otro vídeo, y así hasta que alguien cierra la página o apaga el ordenador. YouTube presume de que su algoritmo es responsable más del 70 por

ciento de los vídeos que se ven en la plataforma. (PEIRANO, 2019 p. 44)³⁴

Embora não seja possível saber ao certo como funcionam os algoritmos da plataforma, pois estas informações não divulgadas pela empresa, é possível analisar seu impacto através dos dados visíveis, que demonstram que a plataforma promove a radicalização dos usuários por meio do sistema de recomendação de vídeos em sequência, pois ao recomendar um vídeo que gerou engajamento entre os usuários que assistiram o vídeo anterior, promove o aprofundamento do usuário dentro de uma temática anteriormente pesquisada, favorecendo vídeos de teorias conspiratórias e extremistas, que, devido ao seu caráter apelativo, chamam bastante atenção. (PEIRANO, 2019; CÓRDOVA, 2019), favorecendo especialmente canais que produzam vídeos com conteúdos de extrema-direita (FISHER e TAUB, 2019). Portanto, conforme demonstrou Córdova (2019) em seu breve experimento, um inofensivo vídeo sobre construção de martelos pode encaminhar o usuário para um vídeo sobre armas e munições em apenas 13 passos, sendo guiado apenas pelo algoritmo de recomendação de vídeos da plataforma.

Desta maneira, segundo Córdova (2019), o *YouTube* é capaz de conectar diversos canais menores que abordam conteúdo conspiratório, que anteriormente, ou sem a atuação do algoritmo, estariam isolados. Cria-se, assim, várias redes de canais de maneira semelhante em diversos países, com diversas temáticas sendo abordadas mutuamente, quase sempre envolvendo vacinas, terraplanismo, pedofilia ou uma sociedade secreta internacional que planeja controlar o mundo, podendo ser comunista, islâmica, judaica ou qualquer outro grupo que caiba na conspiração. O formato, embora prejudicial para a população, fornece ganhos tanto para o *YouTube*, que garante números massivos de

³⁴ A página que é servida a cada usuário é única, e se compõe de vários menus de ofertas em diferentes formatos. O mais importante é a *playlist* infinita baseada em seu algoritmo de recomendação. A lista de reprodução é o que se reproduz automaticamente caso o usuário não faça nada para impedir. Um vídeo leva a outro vídeo que leva a outro vídeo, e assim até que alguém feche a página ou desligue o computador. O *YouTube* presume que seu algoritmo é responsável por mais de 70% dos vídeos que são vistos na plataforma (PEIRANO, 2019 p. 44. tradução nossa).

visualizações em seus vídeos, com bastante engajamento dos usuários, quanto para os canais que, segundo Peirano (2019).

A los productores de fake news les sale a cuenta porque es un buen retorno con mínima inversión. Suelen robar el contenido de otras redes sociales o de canales legítimos de noticias y no requieren investigación o comprobación de fuentes y datos, porque son mentira. (PEIRANO, 2019. P. 47)³⁵

2.3 As Redes Sociais Como Ferramenta de Manipulação de Processos Eleitorais.

Ao considerarmos o recente avanço nas tecnologias de comunicação que modificaram, através de novas técnicas, diversos aspectos das sociedades capitalistas, devemos compreender que não existe neutralidade no que se refere ao desenvolvimento e implantação das novas tecnologias (FIGUEIREDO, 2020). Os grupos que desenvolvem novos aparatos a serem utilizados para comunicação em grande escala, bem como os que possuem o controle dos principais meios de comunicação atualmente, os utilizam sempre de forma a realizar seus interesses e ampliar as suas possibilidades de lucro. Portanto, a internet é tanto um elemento de poder quanto de contrapoder, um elemento de transformação social, consistindo em cyberspaços de luta, mas também cyberspaços de domínio e manipulação (PINTO E MORAES, 2020).

O desenvolvimento técnico não ocorre desarticulado da história e, portanto, carrega em si todas as contradições que a realidade material impõe. Se existe dominação e desigualdade na sociedade, a tecnologia carregará consigo tal característica na forma como se manifesta como fenômeno. Para Milton Santos (2003) existe uma tendência de se separar o estado das técnicas e o estado da política.

³⁵ “Aos produtores de *fake News*, sai em conta, pois é um bom retorno com um investimento mínimo. Eles tendem a roubar conteúdo de outras redes sociais ou canais de notícias legítimos e não exigem investigação ou verificação de fontes e dados, pois são mentiras.” (PEIRANO, 2019. P. 47. Tradução nossa)

Há uma tendência a separar uma coisa da outra. Daí muitas interpretações da história a partir das técnicas. E, por outro lado, interpretações da história a partir da política. Na realidade, nunca houve na história humana separação entre as duas coisas. As técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso. É isso que faz a história. (SANTOS, 2003, p. 23).

As novas tecnologias de comunicação geraram expectativa de se tornarem uma ferramenta para o fortalecimento da democracia, oferecendo uma possibilidade de dar voz a grupos oprimidos, possibilitando uma maior participação política dos cidadãos, indo além da simples participação através do voto. Contudo, o cenário que vem se revelando se mostra contrário a essa expectativa positiva. Pinto e Moraes (2020) apontam que, através das táticas de marketing político digitais baseados em análise de dados que aparentam ser democráticas, o espaço de ação dos indivíduos está sendo cada vez mais limitado, pois, desta maneira, os cidadãos se tornam reféns dos grandes grupos que possuem os dados coletados via redes sociais e podem atingi-los através de campanhas publicitárias que “deturpam a visão dos temas para o cidadão e o moldam a decidir muitas vezes contrariamente às próprias demandas e necessidades.” (PINTO E MORAES, 2020 p. 5)

Desta forma, Figueiredo (2020) aponta que as redes sociais têm sido utilizadas pela extrema-direita não só em campanhas eleitorais para chegarem ao poder, mas também para promover a desestabilização de instituições democráticas. Este processo pode ser percebido em diversos países, como na campanha a favor do *Brexit*, no Reino Unido, e nas campanhas de Viktor Orban, na Hungria, Donald Trump, nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil (EMPOLI, 2019).

Entre as características que podemos extrair dos exemplos citados, temos o engajamento em redes sociais, utilizando páginas próprias ou perfis e canais pessoais nessas redes, a necessidade de estar sempre pautando a mídia através de falas polêmicas, seja sobre racismo, gênero ou sexualidade e a utilização do medo e da raiva como fonte de

energia para seu crescimento, mesmo que por trás de um discurso econômico, buscando estabelecer um inimigo definido, sejam eles refugiados, ciganos, mexicanos ou comunistas. Portanto, a recente expansão da extrema-direita pelo mundo é, ao mesmo tempo, “moderna” no que se refere aos seus métodos atualizados que utilizam da internet ao seu favor, e conservadora em seus propósitos e ideais, colocando em risco avanços científicos de décadas, como no caso do movimento antivacina³⁶.

Entretanto, as redes sociais alcançaram certa relevância para campanhas eleitorais já em 2008, quando, segundo Pinto e Moraes (2020), a equipe do então Senador estadunidense Barack Obama, contratou Chris Hughes, um dos fundadores do *Facebook* para desenvolver sua campanha *on-line*. Contudo, é posteriormente que o verdadeiro potencial de influência das redes sociais em campanhas é revelado. Podemos destacar como um marco nessa mudança de estratégia de marketing político a campanha a favor do *Brexit* “Vote Leave”. Conforme demonstra Pinto e Moraes (2020), a campanha investiu metade do seu orçamento em uma empresa de marketing político com base em análise de dados. A estratégia utilizada foi a do *microtargeting*.

A prática do *microtargeting* permite que partidos políticos possam identificar entre os eleitores quais são mais propensos a serem influenciados e que, a partir de um detalhado banco de dados, seja possível criar propagandas ou notícias que vão de encontro com os interesses e vulnerabilidades desses eleitores. Desta forma o marketing político é feito sob medida e se torna mais efetivo. (BORGESIU et al. 2018). Segundo Gorton (2016):

Microtargeting involves creating finely honed messages targeted at narrow categories of voters based on sophisticated combinatorial analysis of data garnered from individuals

³⁶ No que pese os movimentos antivacina estarem geralmente relacionados com ideologias de extrema-direita, principalmente exportada dos conspiracionistas estadunidenses, é necessário ressaltar que o ideário antivacina ecoa, também, entre grupos que se consideram como progressistas, especialmente dentre algumas vertentes do veganismo. (EIRAS, 2021)

demographic characteristics and consumer and lifestyle habits.³⁷ (GORTON, 2016 p. 62)

Essa técnica se torna viável através do uso das redes sociais onde é possível captar uma base de dados dos eleitores em potencial, contendo características demográficas, perfis de consumo, estilo de vida e hábitos, permitindo a ação de um marketing político direto e personalizado que entrega propagandas que mais fazem sentido a cada um individualmente (BORGESIU et al. 2018).

Desta forma, a nova prática possibilita realizar campanhas políticas mais eficientes do que as convencionais campanhas de massa, que se limitam à discussão dos grandes temas que são amplamente debatidos na grande mídia cotidianamente como economia, saúde e educação. Se determinada pessoa não gosta da discussão política tradicional realizada nos canais de televisão e nos portais de notícias, mas possui um interesse específico por armas de fogo, é possível realizar uma campanha eleitoral que exponha essa pessoa apenas a notícias e propagandas de seu interesse, causando a impressão de que essa pauta é central para o projeto político de determinado candidato, aumentando as chances de conseguir seu voto. Segundo Peirano (2019).

Hace cuarenta años, un político tenía que convencer a toda una nación con un solo mensaje mientras que ahora puede hablar al oído de millones de personas y decirle a cada una de ellas una cosa distinta. El mensaje no es emitido a través de un terminal genérico sino por el mismo canal por el que llegan los mensajes familiares, personales y privados de cada usuario por separado. Permite decirle a cada grupo exactamente lo que quiere oír, sin que los demás lo sepan. (PEIRANO, 2019 pgs. 301-302)³⁸

³⁷ “A prática de *microtargeting* envolve a criação de mensagens refinadas e direcionadas à categorias restritas de eleitores, baseando-se em análises combinatórias sofisticadas de dados coletados de características demográficas e hábitos de consumo e estilo de vida dos indivíduos” (GORTON, 2016 p. 62, tradução nossa)

³⁸ “Quarenta anos atrás, um político tinha que convencer uma nação inteira com uma única mensagem, enquanto agora ele pode falar aos ouvidos de milhões de pessoas e dizer a cada uma delas uma coisa diferente. A mensagem não é emitida por um terminal genérico, mas pelo mesmo canal pelo qual chegam separadamente as mensagens familiares, pessoais e privadas de cada usuário. Ele permite que você diga a cada grupo exatamente o que eles querem ouvir, sem que os outros saibam.” (PEIRANO, 2019 pgs.

Contudo essa prática, apesar de eficiente e de permitir com que partidos políticos que não possuem muito espaço nas mídias tradicionais consigam realizar campanhas de destaque, consiste em uma ameaça à democracia por diversos fatores. O principal deles está na possibilidade de manipular eleitores, seja para decidirem seu voto ou para ficarem em casa no dia das eleições, prejudicando a capacidade de um debate público livre e saudável pois individualiza, isola e distorce as informações. (BORGESIU et al. 2018). Como Gorton (2016) aponta, o *Microtargeting* é caracterizado pela corrosão e inibição do diálogo público.

First, microtargeting manipulates individuals' opinions by corroding and inhibiting public dialogue. That is, microtargeting undermines the public sphere. It does this by helping to shield potential voters from information or viewpoints that might challenge their beliefs and values. Microtargeting also makes it easier for campaigns to avoid contacting certain categories of citizens, thus helping to "redline" them out of political debate. **In addition, microtargeting enables the spread of false or misleading information.** Under the sway of microtargeting campaigns, citizens' opinions become increasingly manufactured and more tenuously anchored in reality.³⁹ (GORTON, 2016 p. 69 grifo nosso)

O *Microtargeting* pode facilmente atuar conjuntamente com a disseminação de notícias falsas, pois as mensagens são individualizadas e difíceis de serem rastreadas pelo radar da imprensa ou de órgãos de validação de informação, tornando a situação ainda mais crítica (GORTON 2016). Se determinada pessoa é preconceituosa com determinados grupos, é possível manipular o seu voto através de notícias, que não necessariamente precisam ser verdadeiras, vinculando o grupo

301-302. Tradução nossa)

³⁹ "Em primeiro lugar, a prática de *microtargeting* manipula as opiniões dos indivíduos, correndo e inibindo o diálogo público. Ou seja, o *microtargeting* prejudica a esfera pública. Isso ocorre através de uma blindagem de eleitores em potencial de informações ou pontos de vista que podem desafiar suas crenças e valores. O *microtargeting* facilita, também, para que as campanhas possam evitar o contato com algumas categorias de cidadãos, ajudando a "eliminá-los" do debate político. **Além disso, o *microtargeting* permite a divulgação de informações falsas ou enganosas.** Sob a influência das campanhas de *microtargeting*, as opiniões dos cidadãos tornam-se cada vez mais fabricadas e menos ancoradas na realidade." (GORTON, 2016 p. 69 grifo nosso, tradução nossa)

pelo qual ela nutre ódio com diversos tipos de mazelas da sociedade (crime, desemprego, “degradação moral”). Desta forma, determinado candidato pode parecer como a solução para resolver seu problema, aumentando a possibilidade de receber o seu voto.

Outro problema que o uso do microtargeting como estratégia de marketing político traz consigo consiste no fato de que oferece muito poder de influência em processos eleitorais a grupos intermediários. Segundo Borgesius et al. (2018):

[...] microtargeting could make new intermediaries more powerful. This shift in the underlying logics and infrastructures of political campaigning gave rise to a new class of intermediaries that connect political parties and the electorate. In recent years, a new industry has developed that provides datadriven services. Pollsters, digital strategists, social media experts, and big data consultancies measure public opinion, build and maintain voter profiles with voters interests and anxieties, to design and test the efficiency of personalised political messages, and deliver such messages to the screens of individual voters. [...] Some intermediaries, such as social media platforms, are in a near-monopoly position in providing certain services. This gives them unprecedented power to set prices, and dictate the terms upon political parties.⁴⁰ (BORGESIOUS et al. 2018, p. 88)

No caso do *Brexit*, a implementação do *Microtargeting* se deu por meio das empresas *AggregateIQ* e *Cambridge Analytica*. A estratégia utilizou o modelo Ocean (também conhecido como modelo das cinco personalidades, ou *Big Five*), que consiste em traçar um perfil psicológico (nesse caso utilizando Big Data) para analisar qual traço de personalidade

⁴⁰ [...] a prática de *microtargeting* poderia tornar novos intermediários mais poderosos. Essa mudança na lógica das infraestruturas subjacentes da campanha política deu origem a uma nova classe de intermediários que conectam os partidos políticos e o eleitorado. Nos últimos anos, uma nova indústria desenvolveu-se fornecendo serviços baseados em dados. Pesquisadores, estrategistas digitais, especialistas em mídia social e consultorias de *big data* medem a opinião pública, criam e mantêm perfis de eleitores com os seus interesses e ansiedades, para projetar e testar a eficiência das mensagens políticas personalizadas e entregar essas mensagens nas telas de eleitores individuais. [...] Alguns intermediários, como plataformas de mídia social, estão em uma posição quase de monopólio na prestação de determinados serviços. Isso lhes dá um poder sem precedentes para definir preços e ditar os termos aos partidos políticos.” (BORGESIOUS et al. 2018, p. 88. tradução nossa)

a pessoa se enquadra, sendo eles Abertura, Meticulosidade, Extroversão, Aceitabilidade e Neuroticismo. A coleta de dados se deu de diversas formas, uma das principais foi através do Facebook, onde os usuários respondiam a diversos tipos de *quizzes* que concediam acesso aos seus dados e de todos os seus amigos adicionados na rede social. Por fim, é efetuado o *Microtargeting* propriamente dito, quando a partir dos dados levantados, são disparadas mensagens personalizadas para cada grupo de acordo com a probabilidade de sucesso (PINTO E MORAES, 2020).

Contudo, para Cadwalladr (2017), a estratégia utilizada na campanha do *Brexit* não se trata apenas de análise de dados e psicologia social, mas sim do uso de estratégias militares na população civil, consistindo em um *PsyOp* (*Psychological Operation*). Para Korybko (2018), o *Facebook* consiste em uma plataforma muito útil para *PsyOps*, pois permite com que as organizações de inteligência encontrem informações importantes de seus possíveis alvos através de seus perfis na rede.

Os usuários do Facebook criam voluntariamente seu próprio perfil psicológico através de informações que publicam voluntariamente, das curtidas que produzem e dos amigos e grupos online aos quais se associam. As agências de inteligência podem então usar o fenômeno do Big Data para organizar, filtrar e acompanhar o perfil macrossocial do povo em países alvo a fim de potencializar seus mecanismos de projeção a eles. (KORYBKO, 2018 p. 56)

Posteriormente, a empresa Cambridge Analytica desenvolveu um importante papel na eleição de Donald Trump, especialmente através da figura de Steve Bannon, vice-presidente da empresa e principal estrategista da campanha do ex-presidente. A estratégia utilizada foi semelhante à do *Brexit*, e chegou a marca de 5,9 milhões de anúncios visuais no Facebook. A veiculação de Fake News foi massiva. Nos três meses anteriores à eleição, as notícias falsas alcançaram engajamento maior do que as notícias veiculadas por grandes jornais como o *The New York Times* e, em sua maioria, possuíam conteúdo favorável a Trump e contra Hillary Clinton (PINTO E MORAES, 2020).

Em 2018, um escândalo envolvendo a empresa *Cambridge Analytica* desvelou como a prática do *Microtargeting* através do *Big Data* estava sendo colocada em ação. Utilizando-se de uma brecha na regulamentação de permissões do *Facebook*, a empresa aplicou um teste de personalidade que coletava os dados não apenas das pessoas que respondiam o teste, mas também de todos os seus amigos na rede social, sem nenhuma forma de aviso. Desta forma, ao ter acesso a dados do perfil e mensagens privadas, a empresa analisou as informações e criou diversos perfis individuais bem detalhados, baseando-se em cinco mil pontos de análise que definiam diversas características como: O que a pessoa gosta e tem interesse em comprar; qual sua visão de mundo; quais os seus maiores medos; o quanto essas pessoas eram passíveis de manipulação. Esse banco de dados rico em detalhes foi vendido a diversos partidos políticos pelo mundo, permitindo a criação e disseminação de narrativas individualizadas desvinculadas da verdade e que ajudaram a eleger o presidente dos Estados Unidos Donald Trump em 2016. (FIGUEIREDO, 2020). Portanto, os processos eleitorais envolvendo a *Cambridge Analytica* consistem em estratégias militares de vigilância e manipulação em massa, utilizando-se do *Big Data* para obter vantagens em processos eleitorais por meio de campanhas de desinformação.

O Brasil também se inclui na tendência do crescimento de partidos de extrema-direita pois passa, até o presente momento, por um processo de ascensão de uma nova onda conservadora. O elemento fundamental desses partidos é o uso das redes sociais de forma estratégica, seja para aumentar a popularidade de seus candidatos e figuras públicas relevantes, seja para atacar as figuras públicas de discordância.

No entanto, se faz necessário retornar a 2013 e compreender o que foram as chamadas “Jornadas de Junho de 2013” e de que forma elas possibilitaram o crescimento de novos grupos (outros não tão novos assim) na política brasileira e gestaram o agitado cenário político brasileiro atual. Para Fernandes (2019), o período pós 2013 no Brasil consiste em um interregno - sob o sentido gramsciano do termo - onde haveria uma crise de hegemonia que afeta grupos distintos e contrários, mas que

sofrem conjuntamente com a perda de consentimento, como a esquerda em geral, principalmente na figura do Partido dos Trabalhadores (PT) e a direita tradicional, como demonstra o fraco desempenho político do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) nas eleições para presidente de 2018. As manifestações de junho de 2013 foram heterogêneas e são caracterizadas pela participação de jovens escolarizados e predominantemente de classe média, sendo alguns com ligação com partidos da esquerda e outros apartidários. (FIGUEIREDO, 2020; PINTO, 2019).

O esvaziamento de pautas ocorrido nos meses seguintes das manifestações se tornou uma oportunidade para alguns setores da direita brasileira reinventarem sua estratégia, investindo pesado em comunicação e se apropriando de movimentos anticorrupção, mas, contudo, promovendo um processo de despolitização. Desta forma, propiciou-se o crescimento de agentes políticos que se colocam como antissistema e de discurso antipartidário, propondo uma política a ser comandada de forma tecnocrata com o auxílio de empresários, buscando fugir da corrupção e burocracia que seriam atributos inerentes a classe política tradicional, o que os tornaria ineficazes para governar (TELLES, 2019; FERNANDES, 2019).

Um dos grupos de direita que mais alcançou relevância a partir desse cenário foi o Movimento Brasil Livre (MBL), criado em 2013, fruto da ação direta das *think tanks* liberais estrangeiras na América Latina. Conforme aponta Modesto (2018), o MBL surge a partir de membros da *think tank* Estudantes Pela Liberdade (EPL), espécie de franquia do grupo estadunidense *Students For Liberty* (SFL). Esses grupos estão presentes no Brasil em busca de exercer influência no cenário político. Dentre outros, podemos destacar o Instituto Liberal, Instituto Millenium e o Instituto Mises Brasil, todos ligados a *Atlas Network*, organização sem fins lucrativos que possui sede nos Estados Unidos e mantém mais de 400 *think tanks* ao redor do mundo. O MBL surge do desejo dos membros da EPL de participar dos protestos da “Jornada de Junho de 2013”, mas devido ao financiamento da *Atlas Network*, o grupo não poderia se envolver diretamente nos protestos para evitar problemas com a receita

estadunidense. Portanto, foi necessário criar uma marca fantasia para que pudessem participar efetivamente. Um dos nomes mais conhecidos do MBL, Kim Kataguirí, é membro da EPL e possui treinamento nos Estados Unidos através da SFL.

Para além do combate ao governo PT, o MBL também atuou na disseminação da ideologia neoliberal e possui como uma de suas principais bandeiras a redução da intervenção estatal na economia através da implantação de reformas de flexibilização, alegando que um Estado grande é burocrático, sendo mais propenso a corrupção e menos eficiente para tratar dos serviços essenciais para a população. Em 2014 o MBL se consolidou como um forte de grupo de oposição ao governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) e utilizou como seu principal meio de comunicação o Facebook, demonstrando já naquele momento que as estratégias de atuação da direita brasileira passariam pelas redes sociais. Para Pinheiro-Machado (2019), o ano de 2014 simbolizou um marco no avanço da extrema-direita no Brasil. As eleições de Celso Russomano (PRB) e Marco Feliciano (PSC) para deputados em São Paulo, Jair Bolsonaro (PP) em primeiro lugar no Rio de Janeiro e Luis Carlos Heinze (PP) no Rio Grande do Sul apontaram o início de uma guinada conservadora no país.

Contudo, a consolidação da guinada conservadora no país nos anos seguintes, culminando na eleição de Jair Bolsonaro para presidente, se deu a partir de um uso estratégico de outras redes sociais. Para além do *Facebook* que foi amplamente utilizado na campanha pelo impeachment, da então presidente Dilma Rousseff, e seguiu sendo utilizado na campanha eleitoral de Bolsonaro, e do *Twitter*, que constantemente apresentava *Hashtags* pró-Bolsonaro alimentada por

*bots*⁴¹ nos seus *Trend Topics*, destacamos a forma como outras duas redes sociais foram importantes, o *WhatsApp* e o *YouTube*.

A rede de mensagens instantâneas *WhatsApp* utiliza criptografia fim-a-fim ou criptografia ponta-a-ponta, que consiste criptografar as mensagens trocadas no aplicativo durante seu transporte, sendo decifradas apenas no dispositivo do destinatário, fazendo com que as mensagens não possam ser interceptadas ou modificadas durante o trânsito (CAISSIMI, 2016). Tal funcionalidade, que teve sua demanda fomentada a partir dos escândalos dos vazamentos de Edward Snowden (SANTOS *et al.* 2019), proporciona uma troca de mensagens mais segura e privada entre os usuários, entretanto, dificulta o rastreamento de mensagens encaminhadas em grupos que podem comportar até 256 pessoas, o que faz com que, somado ao fato de que o *WhatsApp* fazer parte da maioria dos programas de *zero rating* ofertados pelas operadoras de telefonia brasileira, o aplicativo seja uma máquina eficiente de espalhar notícias falsas de forma semelhante ao alastramento de um vírus.

O estudo realizado por Santos *et al.* (2019) acerca da forma com que as mensagens de teor político se espalharam através dos grupos de *WhatsApp*, demonstrou que a viralização de conteúdos nesta plataforma ocorre de forma distinta das demais redes sociais, como o caso do *Facebook* que viraliza seus conteúdos através de compartilhamentos centralizados em uma página ou perfil público. Entretanto, devido a sua estrutura de criptografia, a viralização de conteúdos na rede social de mensagens instantâneas depende especificamente da dinâmica de compartilhamentos de mensagens entre os grupos, mantendo a fonte

⁴¹ Os chamados perfis *bots* no *Twitter*, consistem em contas não-humanas que são automatizadas ou semiautomatizadas. Essas contas servem para o propósito de inflar o número de postagens de determinada *Hashtag* a fim de gerar certa ideia de consenso acerca de uma ideia. “De acordo com o levantamento realizado a partir dos compartilhamentos de mensagens no Twitter, mais de cinquenta por cento dos tuítes que usaram a hashtag *#bolsonaroday* no 15M foram postados por perfis automatizados ou robôs. A *#bolsonaroday* foi a mais compartilhada na plataforma no dia 15 de março de 2020, conforme levantamento das hashtags mais utilizadas no dia do evento por apoiadores do governo. A *hashtag* teve aproximadamente 1 milhão e duzentas mil menções e chegou a *trending topic* mundial no dia 15 de março. Os dados apontam uma ação expressiva de perfis não humanos (tanto de robôs, contas automatizadas, como de ciborgues, contas semiautomatizadas) nas postagens do Twitter, chegando a atingir picos de 55% de automatização das postagens no dia do evento. (KALIL e SANTINI 2020, p. 14)

primária da mensagem relativamente segura de qualquer investigação. Portanto, para os autores o *WhatsApp* dá um passo além na capacidade de difusão de materiais para grupos segmentados, permitindo uma estratégia de *Microtargeting* mais difícil de ser rastreada que em outras redes sociais.

[...] mais do que uma rede de pessoas conectadas através de grupos, o WhatsApp está sujeito à dinâmicas de uma rede bipartite de grupos interconectados por participantes em comum que regulam o intercâmbio de informações, permitem o aumento exponencial de visibilidade e lógicas de difusão viral de notícias falsas mesmo dentro de uma rede fechada (H1). Essa rede de grupos mantém um fluxo de informações criptografado, opaco ao escrutínio público e intenso em períodos eleitorais. Transitando rapidamente em diferentes grupos, essas notícias podem fomentar ondas de compartilhamento que invadem novas levas de grupos a cada etapa, fluxo passível de mapeamento a partir da aplicação de métodos de constituição estrutural e análise de redes. (SANTOS *et al.* 2019 p. 317)

Portanto, o *WhatsApp* possui uma estrutura em rede capaz de disseminar conteúdos de forma exponencial. Cada integrante de um grupo de até 256, podem ou não, encaminhar uma mensagem recebida com outros grupos, onde seus integrantes podem ou não repassar a mensagem, formando assim, uma rede de disseminação de correntes em progressão geométrica. Dentro da estrutura, alguns grupos desempenham um papel de centralidade no processo de viralização de uma mensagem. O estudo realizado por Santos *et al.* (2019) classificou os grupos estudados a partir de um índice de centralidade e constatou que as mensagens são difundidas “numa lógica policêntrica, quando outros grupos centrais são atingidos a dinâmica se repete, propagando a viralização.” (SANTOS *et al.* 2019, p. 325). Dentro desta hierarquia de grupos de *WhatsApp*, foi possível constatar que os grupos específicos de apoio a determinado candidato e os grupos específicos de debate político possuem alto índice de centralidade, em detrimento de grupos de baixo índice, como os grupos de família, amigos, trabalho, entre outros. Desta

maneira, “De etapa em etapa, a desinformação vai de nós centrais para nós periféricos ampliando seu alcance exponencialmente e se tornando viral.” (SANTOS *et al.* 2019, p. 332).

Deste modo, as mensagens que chegam aos grupos periféricos de *WhatsApp* que não possuem, *a priori*, a intenção de debater política ou apoiar determinado candidato ou partido, após uma estrutura de disseminação exponencial, faz com que a distância entre a fonte primária e o destinatário último, a validação social de uma mensagem que chega de algum membro da família ou amigo, causa a impressão de que o compartilhamento de determinada mensagem tenha sido totalmente orgânico, pois oculta toda uma cadeia de encaminhamentos que possibilitou a viralização de determinada mensagem. Foi sob esse molde de viralização que milhares de notícias falsas foram, e seguem sendo disseminadas pela plataforma. As medidas de combate a essa estrutura de disseminação de *fake news* por parte da administração do *WhatsApp*, - como o selo que demonstra que determinada mensagem foi encaminhada com frequência, colocado em prática em 2019 (LOUBAK 2019) e o botão de lupa, que a partir de 2020 permite uma busca rápida no google acerca do tema abordado nas mensagens encaminhadas com frequência (VENTURA, 2020) – foram tardias e podem ser facilmente burladas, utilizando a função de copiar e colar a mensagem ao invés do botão de encaminhar.

Por outro lado, o *YouTube*, cuja capacidade de direcionar os usuários para conteúdos extremistas, que já foi explanada anteriormente, aumentou a audiência de canais que disseminam conteúdo de extrema-direita às vésperas das eleições brasileiras de 2018, conforme demonstra Ghedin (2019). O autor aponta que canais que antes eram irrelevantes, não tendo aparecido nenhuma vez no *ranking* dos vídeos “em alta” da plataforma, explodiram em audiência durante o período eleitoral, sendo impulsionados pelo algoritmo da rede. Os dados levantados demonstram que os canais de direita dominaram a audiência durante o período. Entre os cem canais que mais cresceram, apenas dois produziam conteúdo de esquerda, enquanto quinze produziam conteúdo de direita, sendo que oito deles figuravam entre os 20 principais. Dentre eles, figuram canais

divulgadores de *fake news*, como o canal “Folha Política”, que divulgou notícias falsas sobre as urnas eletrônicas e sobre o atentado ao então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Os vídeos com o termo “Bolsonaro” no título figuraram entre os vídeos “em alta” de forma dispare, contando com 248.652 menções, contra 83.962 com o termo “Lula” e 51.314 com o termo “Haddad” (GHEDIN, 2019).

Os esforços do *YouTube* de combater a desinformação durante o período foram escassos, se intensificando apenas com o início da pandemia de covid-19 em 2020. Entretanto, mesmo com as medidas de enfrentamento à desinformação, Ribeiro (2021) demonstra que diversos canais disseminadores de inverdades não apenas continuaram no ar, mas seguiram sendo remunerados pela plataforma. Diversos canais que foram punidos pela plataforma por espalharem *Fake News* seguiram entregando seu conteúdo para milhões de pessoas e arrecadando milhões de reais.

CAPÍTULO 3 – Os Desafios do Conspiracionismo em Rede

Compreender as condições da existência humana em um contexto marcado pelo neoliberalismo que, para além de um modelo econômico, compreende “um modo de produção de subjetividades, governamentalidade dos corpos e de gestão do sofrimento psíquico” (LIMA, 2022 p.9), consiste em uma tarefa árdua que lança os indivíduos em uma busca incessante por explicações que façam sentido num mar de incertezas e desilusões. Nesse contexto, as teorias conspiratórias, segundo Butter (2021) aparecem como uma alternativa frente ao chamado “*Agency Panic*” (pânico de agência), que consiste no medo dos seres humanos frente a situações onde os indivíduos são apenas uma bola de um jogo de forças que vai além do seu controle. Segundo o autor, as teorias conspiratórias vão de encontro à tendência humana, resultado do processo evolutivo, de reconhecimento de padrões

Our brains are inclined to see connections even where there are none, for example when two phenomena occur simultaneously or in quick succession by coincidence. They

are also wont to perceive intent where none exists.⁴² (BUTTER, 2021, p. 5)

Para Aupers (2012), as tensões causadas pelo desencantamento do mundo que ocorreu com o advento da modernidade - que deixa de lado as grandes explicações religiosas e lança seus holofotes para o racionalismo - e uma busca por respostas, frente a um contexto de incertezas e de desvalorização das comunidades de autoridade epistêmicas institucionalizadas, faz com que alguns indivíduos, adeptos das narrativas conspiratórias, construam seus argumentos através de uma combinação entre racionalismo e pensamento religioso presente em algumas das teorias conspiratórias contemporâneas que iremos explorar neste capítulo. Para o autor, é impossível definir um conspiracionista como meramente um cético exacerbado ou como um crente religioso, pois estes indivíduos desafiam a distinção entre ceticismo e crença.

I argue instead that conspiracy culture is not the antidote to modernity. Quite the contrary: it is a radical and generalized manifestation of distrust that is deeply embedded in the cultural logic of modernity and is, ultimately, produced by ongoing processes of modernization in contemporary society.⁴³ (Aupers, 2012, p. 3)

Entretanto, embora tenha encontrado na *internet*, uma forma eficiente de propagação, o fenômeno do pensamento conspiracionista não é algo novo, ou uma exclusividade contemporânea. Para alguns autores, as teorias conspiratórias surgiram, na humanidade, a partir da transição das populações nômades para o sedentarismo, quando uma delimitação mais clara de fronteiras espaciais passou a definir de forma mais evidente quem eram os habitantes do lado de dentro e do lado de fora. Contudo, pela ausência de fontes, este argumento é apenas

⁴² “Nossos cérebros estão inclinados a ver conexões mesmo quando não há nenhuma, por exemplo quando dois fenômenos ocorrem simultaneamente ou em rápida sucessão por coincidência. Eles também costumam perceber a intenção onde ela não existe” (BUTTER, 2021 p. 5, tradução nossa)

⁴³ “Argumento que a cultura da conspiração não é o antídoto para a modernidade. Muito pelo contrário: é uma manifestação radical e generalizada de desconfiança profundamente embutida na lógica cultural da modernidade e é, em última análise, produzido por processos de modernização na sociedade contemporânea.” (AUPERS, 2012, p. 3, tradução nossa)

especulativo. De forma documentada, podemos encontrar fenômenos semelhantes a teorias conspiratórias na Atenas Antiga, em Roma Antiga e durante a idade média, com acusações de conluíus de judeus, muçulmanos e leprosos na França. (MCKENZIE-MCHARG, 2020).

Segundo Butter (2021), a crença em teorias conspiratórias no mundo ocidental costumava ser algo considerado normal até a segunda metade do século XX. Para o autor, embora com o desenvolvimento da internet, exista de fato um aumento no número de pessoas que acreditam em pelo menos uma teoria conspiratória. Não estamos inseridos em uma era de pensamento conspiracionista no ocidente, ao menos não da forma como isso era estruturado em outros tempos, quando a crença neste tipo de explicações para a realidade não era estigmatizada na sociedade.

Segundo Pereira (2021), a Roma Antiga⁴⁴, no ano de 64 d.C. sofreu um incêndio de grandes proporções que, segundo a versão tida como oficial, foi alastrado devido ao tipo de construção das habitações da cidade, feitas de madeira e o uso de fogo para se aquecer no interior das casas. Contudo, versões alternativas, que alcançam relevância até os dias de hoje e que são defendidas inclusive por alguns historiadores, acusavam o imperador Nero de atear fogo na cidade, demonstrando que o ato de buscar compreender e explicar fatos complexos é realmente uma prática antiga.

Segundo Butter (2021), as teorias conspiratórias fizeram parte de diversos processos históricos, especialmente no que se refere a história estadunidense, a começar pelo seu processo de independência durante a Revolução Americana no século XVIII, quando a luta de George Washington e Thomas Jefferson era legitimada pela convicção da existência de um complô por parte da Inglaterra contra a liberdade dos povos da colônia, ou, no século seguinte, durante os conflitos da Guerra Civil Americana, quando a conspiração do *Slave Power* (Poder Escravo), que era a ideia de que os grandes escravagistas dos estados do sul possuíam planos de dominação nacional, estava presente, por exemplo, nos discursos de Abraham Lincoln.

⁴⁴ Para mais informações sobre as conspirações no império romano, ler “*Conspiracy theories in the roman empire*” de Pagán (2020).

Do outro lado do Atlântico, na Europa, segundo o autor, as teorias conspiratórias foram igualmente populares e influentes. Desde acusações de que a Revolução Francesa fez parte de um complô organizada pela Maçonaria e pelos *Illuminati*⁴⁵, até as desconfianças frente aos jesuítas na França e aos Católicos na Alemanha. Entretanto, os casos mais relevantes ocorreram a partir do final do século XIX e início do século XX, com as teorias conspiratórias envolvendo socialistas, comunistas e judeus, especialmente a teoria conspiratória contida no livro “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, que influenciaram o Nazismo e, consequentemente, o Holocausto.

Segundo Motta (1998), o livro, que foi escrito no início do século XX, e que foi vendido como um documento verídico⁴⁶, conta um mito de uma conspiração judaico-coletivista-internacionalista e consiste em uma intersecção entre o antissemitismo e o anticomunismo, dois fenômenos norteadores da trama. O livro “revela” o plano de dominação mundial dos judeus mais poderosos pela dominação do mundo e destruição dos valores cristãos para a implantação do “Reino de Israel”. A ligação entre comunistas e judeus ocorre a partir da Revolução Russa de 1917, quando o livro passa a alcançar notoriedade mundial, ecoando, para além da influência sobre o Nazifascismo, também no Brasil, especialmente através do movimento Integralista.

O autor aponta que, a partir da década de 1930, no Brasil, o discurso antissemita e anticomunista ganha força a partir da ação do movimento Integralista (FIGURA 14), especialmente através da figura de Gustavo Barroso, admirador de Hitler e divulgador do antissemitismo. Barroso acusava seus inimigos de trabalhar em prol da destruição dos

⁴⁵ Os *Illuminati* (iluminados), segundo Alves (2015), consistem em um conjunto de grupos que se reuniam de forma secreta, a partir da sua fundação, durante o século XVIII por Adam Weishaupt na Baviera. A “sociedade secreta”, segundo diversas teorias conspiratórias, existiria até os dias de hoje e controlaria os principais assuntos dos Estados mais ricos do mundo. Entretanto, historicamente, os *Illuminati* não tiveram vida longa e foram rapidamente dissolvidos devido a perseguição por parte de seus opositores e da Igreja Católica.

⁴⁶ “Não há dúvidas atualmente quanto ao fato dos ‘Protocolos’ serem uma falsificação, provavelmente elaborada por agentes da polícia secreta czarista, com o intuito de combater as idéias liberais e revolucionárias que grassavam na Rússia naquele momento. A falsificação foi comprovada na década de 1920 por um repórter do jornal The Times, que descobriu ser a obra uma adaptação de um livro do francês Maurice Joly, escrito na década de 1860” (MOTTA, 1998, p. 4).

pilares de uma boa sociedade: família, pátria, religião e propriedade individual. A argumentação antissemita e anticomunista estava presente no chamado “Plano Cohen”, um documento carregado de xenofobia e antissemitismo que supostamente relatava um plano dos comunistas para a conquista do poder no país e que teria sido descoberto pelo Exército as vésperas do golpe de 1937, sendo o estopim para a instauração da ditadura do Estado Novo.

FIGURA 14- Sedes da Ação Integralista e do Partido Nazista dividindo o mesmo prédio em Rio do Sul (SC) na década de 1930



FONTE: DIETRICH (2012)

Para Butter (2021), a crença conspiratória, embora possa ter um efeito em um tribunal de opinião pública, não possui esse mesmo efeito, atualmente, em um tribunal de justiça, exemplificado por ele no caso onde as alegações conspiratórias de Donald Trump de uma possível fraude eleitoral na eleição de Joe Biden, em 2020, que foram rapidamente descartadas pelo poder judiciário do país. Entretanto, ao analisar a forma com que diversos países pautaram suas estratégias de combate à pandemia de Covid-19, a partir de 2020 baseando-se diversas vezes em teorias conspiratórias completamente infundadas, e colocando em risco

a vida de suas populações, nos faz questionar se tal argumento permanece verdadeiro.

Importantly, from their first appearance in the fourteenth and fifteenth century until the late 1950s, it was perfectly normal to believe in them [conspiracy theories] throughout the western world. That half of the American population and a third of the German one are drawn to conspiracy theories may strike us as a lot, but had there been polls in 1921 or 1821, they would probably have found that more than 90 percent on both sides of the Atlantic believed in them. Conspiracy theories were not part of a counter-discourse that challenged officially accepted versions of events but part of the official discourse. They were believed by ordinary people as well as by elites and had a significant effect on events⁴⁷. (BUTTER, 2021, p. 9)

Entretanto, para analisar o fenômeno, é necessário percorrer de forma mais detalhada acerca do conceito de teoria conspiratória. Por se tratar de uma temática que muitas vezes é deixada de lado pelos cientistas, a conceituação de teoria conspiratória se torna um pouco vaga e imprecisa, variando de definições que as consideram produto de indivíduos que possuem patologias que os levam ao pensamento paranoico, a definições que as consideram um produto cultural saudável de exercício de ceticismo.

Partindo de uma análise semântica do termo, Pereira (2021) aponta que o termo “teoria” possui primordialmente um sentido relacionado à noção de enxergar o que é visto como verdadeiro. Atualmente o termo estaria relacionado ao discurso científico, sendo, portanto, um modo de organização e explicação dos fatos de forma que seja possível realizar prognósticos e previsões acerca da realidade. Por outro lado, o termo “conspiração” se refere a um trabalho em grupo

⁴⁷ “É importante ressaltar que, desde sua primeira aparição no século XIV e XV até o final da década de 1950, era perfeitamente normal acreditar nelas [teorias da conspiração] em todo o mundo ocidental. Que metade da população americana e um terço da alemã são atraídas por teorias da conspiração pode parecer muito, mas se houvessem pesquisas em 1921 ou 1821, elas provavelmente teriam descoberto que mais de 90% da população em ambos os lados do Atlântico acreditavam nelas. As teorias da conspiração não faziam parte de um contradiscurso que desafiava as versões oficialmente aceitas dos eventos, mas faziam parte do discurso oficial. Elas eram acreditadas por pessoas comuns, bem como pelas elites, e tiveram um efeito significativo nos eventos.” (BUTTER, 2021, p. 9, tradução nossa)

planejado em prol de determinado objetivo, muitas vezes atrelado ao campo jurídico como uma ação criminosa ou de ataque a determinada ordem.

Portanto, uma definição semântica inicial para a expressão ‘teoria da conspiração’ poderia se configurar nos seguintes termos: um conjunto organizado de supostas evidências que revelam um conluio criminoso contra algo. A consequência da ordenação e da demonstração dessas supostas evidências, constituindo uma teoria (ou, como veremos adiante, uma narrativa), levariam os sujeitos a enxergar a realidade como ela deveria ser vista se não fosse ocultada pelos conspiradores interessados. (PEREIRA, 2021, p. 19)

De acordo com Filho (2020), é possível dividir a abordagem acadêmica a respeito do assunto em duas grandes linhas. A primeira consiste em uma condenação moral e política que inicia com os trabalhos de Hofstadter, durante a guerra fria, que entende o chamado “estilo paranóide” como uma forma de percepção e expressividade, que compartilha algumas características com o paranoico clínico, como o sentimento de hostilidade e perseguição, só que neste caso, contra um grupo de pessoas, uma nação, uma cultura e não um indivíduo isolado. Para Hofstadter, o estilo paranoico não é marcado pela ausência de fatos verificáveis, pois seus defensores passam grande parte do tempo em uma busca ávida por fatos que validem sua ideia, mas sim pelos “saltos de imaginação” que são realizados em algum momento durante a argumentação. Sua característica consiste em apresentar fatos de forma meticulosa e detalhista a partir de um exaustivo trabalho de acumulação de provas para, ao final, apresentar uma conclusão fantasiosa e que pouco tem a ver com os fatos apresentados.

Resumidamente, a partir destes autores, há um entendimento dos discursos conspiratórios como lutas entre o bem e o mal, cujas características em comum aos fenômenos ou eventos aos quais descrevem seriam: nada é coincidência ou contingência; sempre há forças secretas operando; o resultado aparente de uma situação esconde intencionalidades que o produzem; há relações entre elementos aparentemente desconexos. (FILHO, 2020, p. 85)

Por outro lado, a segunda abordagem, que surge ao final da década de 1990 e início dos anos 2000, defende que a “ênfase na negatividade e em uma leitura patológica das teorias da conspiração não davam conta do entendimento mais complexo e detalhado delas enquanto um elemento da cultura pop e de massa” (FILHO, 2020 p. 86). Esta concepção surge com o crescimento, em popularidade, de obras artísticas que possuem com elemento de suas tramas, uma narrativa conspiratória, como a série de TV “Arquivo-X” e a trilogia de filmes “*Matrix*”, consideradas como “produções de sentido que negociam com o processo de globalização econômico e de políticas neoliberais, bem como com o crescente avanço tecnológico e de ferramentas massivas de vigilância” (FILHO, 2020 p. 87). Dentro dessa linha de pensamento, o conspiracionismo não se restringe aos complôs realizados por grupos específicos, com judeus ou comunistas, mas sim a uma variedade ampla de agentes do controle social, incluindo empresas, políticos, polícia entre outros.

[...] o conspiracionismo deixa de privilegiar temores alarmistas sobre eventuais irrupções que provocariam uma ruptura na "ordem natural das coisas", para expressar uma suspeita não totalmente infundada de que a própria "ordem natural das coisas" é similar a uma conspiração. Há o deslocamento de uma obsessão por inimigos fixos, própria da atmosfera política e cultural da guerra fria, para uma suspeição generalizada acerca de forças conspiratórias. (FILHO, 2020 p. 87)

Segundo Peltier (2019), a conspiração é, antes de tudo, uma forma de ver o mundo, e é acima de tudo uma imaginação que nos permeia. Uma postura de dúvida sistemática e desconfiança no que é percebido como a “palavra oficial”. Para a autora, a partir do atentado de 11 de setembro de 2001 presenciamos um retorno do conspiracionismo, que foi fortalecido com o advento da internet, onde alguns ideólogos reciclam uma antiga literatura conspiracionista e adicionam elementos contemporâneos à trama. Com o 11 de setembro surge um movimento

civilizacional contra a “barbárie”, em uma espécie de novas cruzadas a serem travadas pelo ocidente contra a “destruição” dos seus costumes.

Para Butter (2021), as teorias conspiratórias presumem que os eventos são secretamente manipulados por trás dos panos por forças poderosas, assumindo três características: (1) que nada acontece por acidente e tudo é planejado; (2) nada é o que parece e os conspiradores agem em segredo; (3) tudo está conectado. Para Sunstein e Vermeule (2008), elas são um esforço para explicar eventos e práticas a partir de maquinações de pessoas poderosas que manipulam tudo para esconder sua ação. Já para Fenster (2008), as teorias conspiratórias não são necessariamente nocivas e consistem em um aspecto integral da vida estadunidense⁴⁸, para o autor:

Conspiracy theory is thus an aspect of the longstanding populist strain in American political culture—an especially intense strain, to be sure, and one that can have violent, racist, and antidemocratic effects (as well as salutary and democracy-enhancing ones) on the political and social order, but a strain that is neither independent from nor necessarily threatening to the country’s political institutions or political culture.⁴⁹ (FENSTER, 2008, p. 15).

Quanto às características dos indivíduos que acreditam em teorias conspiratórias, para Rezende (2019), sob a ótica da Psicologia Social, as teorias conspiratórias são atraentes devido ao fato de que elas satisfazem três necessidades psicológicas: “social (necessidade de manter a imagem positiva de si mesmo ou do grupo)⁵⁰, epistêmica (necessidade de entender e dar sentido ao ambiente social) e existencial

⁴⁸ Seu trabalho é voltado para a análise das teorias conspiratórias nos Estados Unidos.

⁴⁹ A teoria da conspiração é, portanto, um aspecto da antiga tendência populista na cultura política americana – uma tensão especialmente intensa, com certeza, e que pode ter efeitos violentos, racistas e antidemocráticos (bem como os saudáveis e promotores da democracia) na ordem política e social, mas uma tensão que não é independente nem necessariamente ameaçadora às instituições políticas ou à cultura política do país. (FENSTER, 2008, p. 15 tradução nossa).

⁵⁰ Nesse sentido, as teorias conspiratórias atraem indivíduos que desejam pertencer a determinado grupo, ou manter uma imagem positiva de si frente ao grupo, pois “as teorias de conspiração valorizam o eu e o grupo, ao permitir que a culpa de resultados negativos seja atribuída a outros. Nesse sentido, pode-se esperar que as teorias da conspiração sejam particularmente atraentes para as pessoas que consideram que a imagem de si ou do grupo esteja sendo ameaçada.” (REZENDE, 2019, p. 36).

(necessidade de controle cognitivo sobre o meio social).” (REZENDE, 2019 p. 27). Para o autor, elas atraem indivíduos que procuram ordem e entendimento em seu ambiente ou indivíduos com níveis mais baixos de educação, satisfazendo a necessidade de certeza sobre o meio social. Indivíduos que se sentem incapacitados ou ansiosos são mais propensos a acreditar em teorias conspiratórias, buscando satisfazer a necessidade de segurança e controle social. Neste sentido, as ideias conspiracionistas oferecem explicações simples e casuais para eventos complexos e difíceis de serem compreendidos em sua totalidade, especialmente quando são eventos de grande impacto, como uma tragédia.

Nesse íterim, a motivação epistêmica inclui a necessidade de reduzir a incerteza e desconforto do indivíduo frente a uma informação que não está disponível, proporcionando de tal forma significado e sentido aos eventos. A partir disso, as teorias da conspiração parecem fornecer explicações amplas e internamente consistentes que possibilitam que as pessoas preservem as crenças diante de situações que envolvem incerteza e contradição. (REZENDE, 2019 p. 35)

Para Butter (2021), as teorias conspiratórias atraem pessoas que se sentem sem controle das situações e se sentem impotentes, com a sensação de que não estão sendo ouvidas. Essa percepção é subjetiva, portanto, grupos que não necessariamente sofrem grandes pressões sociais podem se sentir desta maneira e aderir a explicações conspiracionistas, como os grupos de supremacistas brancos que acreditam que estão se tornando impotentes devido a ações afirmativas de combate ao racismo ou ao crescimento de movimentos negros de combate ao racismo. Para o autor, o fornecimento de respostas diretas e a redução da complexidade dos fatos fornecida pelas narrativas conspiratórias atraem pessoas que possuem dificuldade em aceitar inseguranças e ambiguidades. Em situações como a pandemia de COVID-19, quando em seu início, pouco se sabia sobre o comportamento do vírus e diversas vezes a comunidade científica entrava em contradição, a argumentação conspiratória parecia, para algumas pessoas, uma resposta mais fácil para resolver as contradições e inseguranças.

Considero, neste trabalho, que as teorias conspiratórias não são meramente resultado de patologias da mente humana, mas sim uma forma conservadora de compreender a realidade frente a períodos de intensas mudanças na sociedade, que são amplificadas quando, em momentos de crise, a ciência nos fornece prognósticos de possíveis futuros distópicos, como um provável colapso climático, cenários pandêmicos, aumento da desigualdade e da pobreza. A busca por explicações simples e casuais frente ao cenário complexo de diversas transformações e crises no qual vivemos no capitalismo neoliberal, ao invés de analisar a realidade em sua materialidade, considerando toda a complexidade dos fenômenos é, para além de alienante, uma posição imobilizadora para possíveis ações de mudanças estruturais para o enfrentamento das crises.

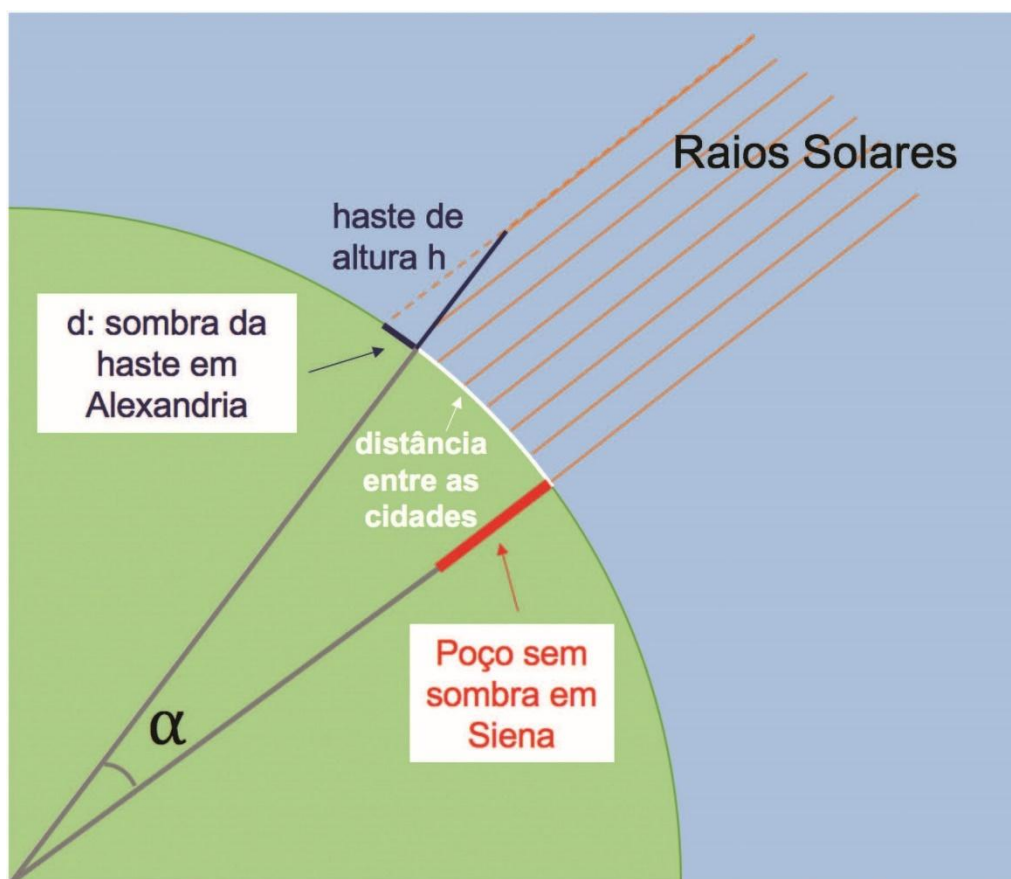
Na construção das teorias conspiratórias, o espaço é constantemente utilizado como meio de contestação da explicação tida como “oficial”, estando presente no discurso de diversas teorias conspiratórias diferentes, como a teoria conspiratória do terraplanismo e do globalismo, sobre as quais discorreremos com mais atenção, e que possuem o espaço, cada qual de sua maneira, como cerne de sua argumentação, seja questionando o próprio formato do planeta Terra, seja questionando as relações de poder travadas entre os países do mundo.

A teoria conspiratória que defende que a Terra é plana parte de um pressuposto de que todos os estudos e experimentos que comprovem ou considerem a forma da Terra como um geóide estão completamente equivocados, e que toda pesquisa espacial realizada pela humanidade, seja ela organizada de forma estatal ou privada, em qualquer espectro político ou ideológico possível, seria, na verdade, nada mais do que falsificações da realidade, e que a comunidade científica estaria conscientemente inserida na conspiração ou completamente alienada.

A forma da Terra tem interessado inúmeros cientistas ao longo da história, tendo realizado experimentos para sanar essa dúvida desde a Grécia Antiga. Entre os séculos VI e IV a.C. Aristóteles, dentre outros filósofos gregos, buscaram provar a esfericidade da Terra através da

observação de eclipses. No século III a.C., o grego Eratóstenes (FIGURA 15) calculou as dimensões da Terra com uma precisão significativa através da observação de como a sombra era projetada de forma diferente nas cidades de Alexandria e Siena, além da posição do Sol nessas duas localidades (ROSA, DARROZ, TYBURSKI, 2018).

FIGURA 15 – Ilustração do experimento realizado por Eratóstenes no século III a.C.



FONTE: AZEVEDO *et al* (2021)

Em 150 d.C. Ptolomeu representou o ecúmeno situado na superfície de uma esfera, sendo o centro a cidade de Siena, que foi escolhida de forma mais “cosmográfica” do que religiosa, devido a um poço nesta cidade que tinha seu fundo iluminado durante o solstício de verão. A geografia ptolemaica não é obtida através de termos casuísticos, mas sim a partir de termos matemáticos, distanciando-se da explicação a partir do sagrado que colocava Jerusalém como centro do ecúmeno. A obra de Ptolomeu influenciou, no século XV, o espanhol Jacob Perez, que

buscou, através de comentários sobre salmos da Bíblia, oferecer uma explicação baseada em características do clima e do relevo para a escolha do local que era tido como a localização do “Paraíso das delícias” (RANGLES, 1994).

Segundo Bauab (2005), a obra “Geografia Geral”, escrita no Século XVII por Bernhard Varenius, pode ser considerada como a primeira obra moderna de Geografia, devido às abundantes alusões à matemática, colocando, inclusive, a Geografia como um ramo da matemática, que se ampara nos cálculos para estudar a Terra em sua forma, tamanho e peculiaridades. Nas obras de Varenius aparece uma Geografia da precisão locacional, pautada na espacialização precisa, uma Geografia que clama pela aplicabilidade de seus estudos.

Desta forma é possível compreender que a Geografia possui uma herança científica que se documenta desde a Grécia Antiga, passando pela Idade Média, até chegar na Idade Moderna e posteriormente na sistematização científica contemporânea da Geografia. Segundo Bauab (2005), durante a Idade Média, onde apesar de se proliferar uma Geografia elaborada a partir dos preceitos religiosos dominantes, “os olhos da fé” não substituíram a realidade empírica pela divinização do corpo do mundo. As necessidades de se suprimir as vicissitudes do meio permaneceram fundamentais.

A ciência, embora não seja produtora de verdades absolutas, é capaz de construir conhecimentos extremamente sólidos, carregando consigo séculos e séculos de acúmulos de pesquisas. A suplantação de um conhecimento científico tão sólido quanto o formato do planeta só poderia ocorrer a partir da existência de uma teoria mais sólida que a anterior, o que definitivamente não é o caso da conspiração terraplanista. A concepção defendida por alguns teóricos de que o ceticismo empregado pelos teóricos da conspiração possa ser algo até benéfico, afinal a dúvida é importante para a construção do conhecimento científico, não se aplica aqui, o que está posto nesse caso é uma negação da ciência, uma produção anticientífica, e não um simples exercício de ceticismo. Segundo Hempel (1981) discutindo acerca da investigação científica, as hipóteses podem ser livremente propostas, mas não podem ser aceitas sem passar

pelo escrutínio crítico. Parte da verificação de uma hipótese consiste em apurar se ela faz sentido perante ao que já fora estabelecido antes de sua formatação, outra parte consiste em derivar novas implicações para submetê-las a observações e experiências apropriadas. Já para Popper (1972), para que uma teoria possua o status de científica é necessário que ela confirme o critério da “testabilidade”, ou seja, ela precisa oferecer meios para que possa ser testada e ser colocada em xeque para uma possível refutação.

Entretanto, mesmo sendo uma ideia completamente infundada, o terraplanismo encontrou através das redes sociais, uma forma muito eficiente de ressonância. Para Costa (2021), ao acessar o *YouTube* e consumir vídeos sobre teorias conspiratórias no geral, eventualmente o usuário será direcionado para vídeos sobre a Terra Plana, devido às características da plataforma que já discutimos anteriormente, na rede social é possível destacar o canal de Mark Sargent, defensor da Terra plana e que possui aproximadamente 99.300 inscritos, seu vídeo mais popular sobre o assunto possui mais de um milhão de visualizações. Contudo, apesar de ter ganhado força com a internet, para Bonfim e Garcia (2021), mesmo o assunto tendo sido academicamente superado há séculos, o terraplanismo moderno surge no século XIX através da figura de Samuel Birley Rowbatham, um fundamentalista religioso britânico, fundador da *Universal Zetetic Society* (Sociedade Zetética Universal), que defendia uma nova forma de se fazer astronomia, realizando experimentos para provar a planicidade da Terra. A sociedade fundada por Rowbatham entrou em decadência no início do século XX, entretanto serviu de inspiração para a fundação da *International Flat Earth Society* (Sociedade Internacional da Terra Plana) nos Estados Unidos, que seguiu defendendo a conspiração até o início do século XXI.

Com o advento da internet, a *International Flat Earth Society* ressurgiu como fórum online em 2004 e foi oficialmente reinaugurada em 2009. O seu alcance foi impulsionado pelas redes sociais, como pode ser percebido pelas buscas pelos termos “Flat Earth” e “Terra plana” no motor de buscas Google, segundo a ferramenta Google *Trends*, que demonstra um crescimento exponencial a partir de 2015. O crescimento nas

buscas é reflexo do aumento dos adeptos da teoria conspiratória da Terra plana, o que motivou a realização da primeira Conferência Internacional da Terra plana (*Flat Earth International Conference*), nos Estados Unidos em 2017, tendo a sua versão brasileira (Flat Con) ocorrido em novembro de 2019, contando com cerca de 400 participantes. (BONFIM E GARCIA, 2021 p.6)

FIGURA 16 – Integrantes da primeira conferência brasileira de terraplanista “FLAT COM BRASIL 2019” em São Paulo.



FONTE: MOREIRA (2019)

Atualmente, no *Facebook*, é possível encontrar diversos grupos de discussão terraplanista, como o “*Flat Earth Awakening/ A Christian Flat Earth Group*” (Despertar da Terra Plana/ Um Grupo Cristão da Terra Plana), que conta com cerca de 7.300 membros, o grupo é descrito como um espaço para reunião de provas da Terra plana e que o conhecimento desta verdade pode tornar os cristãos mais livres para ver Deus e sua criação de uma forma nova e demonstrar aos incrédulos que existe um criador. Outro grupo ativo é o “*Flat Earth Friends*” (Amigos da Terra Plana), que conta com 24 mil membros e é descrito como um espaço seguro para discussão do tema, onde não é permitido tirar sarro dos membros e nem utilizar palavrões. Em português, é possível destacar o grupo “Debates Sobre a Terra Plana x Globo” que possui cerca de 11.100

membros e não conta com uma descrição própria, e o grupo “**B R** Brasil Terra Plana **B R**”, que conta com cerca de 10.800 membros e é descrito como um grupo destinado aos amantes da Terra Plana, com o intuito de fortalecer o movimento e mostrar a verdade por trás da mídia. O caráter religioso e a intersecção com outras teorias conspiratórias é notável no grupo “Criacionismo Brasil – Terra Plana, Tecnologia e História do Mundo Antigo” que conta com cerca de 16.900 membros, onde é possível encontrar publicações sobre a existência de seres extraterrestres, juntamente com as publicações sobre criacionismo e terraplanismo.

Diversas características apontadas anteriormente sobre a conspiração terraplanista podem ser comprovadas por meios das publicações que retiramos do grupo de *Facebook* “**B R** Brasil Terra Plana **B R**”, como a tendência dos terraplanistas em acreditarem em diversas teorias conspiratórias ao mesmo tempo, na Figura 17, postado pelo usuário Vino Caldeira, moderador e membro ativo do grupo, é possível destacar referências à teoria conspiratória do globalismo na figura do bilionário húngaro-estadunidense George Soros, figura constante na trama desta conspiração e conspirações acerca da maçonaria e dos *Illuminati* ao demonstrar diversos líderes políticos do mundo e ao demonstrar diversos artistas tampando um dos olhos, alegando ser uma referência ao “olho que tudo vê”.

FIGURA 17 – Imagem Retirada do Grupo de *Facebook* “**B R** Brasil Terra Plana **B R**”



FONTE: Caldeira (2022)

Já a Figura 18, postada pelo mesmo usuário, é possível ver uma correlação entre o terraplanismo e o criacionismo, ao apontar que, da mesma forma com que fabricaram a “mentira” sobre o formato da Terra, mentiram também sobre a teoria da evolução de Charles Darwin, como dá a entender pela imagem, mesmo com a representação da evolução estando completamente equivocada, dando a entender um progresso direto a partir dos macacos e um futuro progresso ao que parecem ser seres extraterrestres.

FIGURA 18 - Imagem Retirada do Grupo de Facebook “**B R** Brasil Terra Plana **B R**”

FONTE:



CALDEIRA (2022)

Por sua vez, a Figura 19, postada pelo usuário denominado Samyo Kobayashi, demonstra claramente o quanto a questão religiosa, especificamente cristã, faz parte do conjunto de elementos que compõem o terraplanismo. Na imagem em questão, são utilizadas diversas passagens bíblicas que supostamente explicariam diversos elementos da estrutura da Terra plana.

FIGURA 19 - Imagem Retirada do Grupo de Facebook “**B R** Brasil Terra Plana **B R**”

FONTE: KOBAYASHI (2021)

Segundo Costa (2021), embora os números de membros que as comunidades de terraplanistas possuem não sejam tão grandes assim, quando comparados ao absoluto da população, a simples existência de comunidades que reúnem milhares de pessoas para negar um conhecimento científico tão básico como o formato do planeta demonstra que não existe limite para o quão longe a negação científica consegue ir e o quanto as pessoas conseguem negar a realidade para criar uma visão de mundo que seja mais satisfatória para si. A autora aponta que os terraplanistas questionam não apenas o trabalho realizado pelos

cientistas, mas também o ensino escolar, considerado como uma arma para desviar as crianças da cosmologia bíblica.

Public education is bad, because it puts ideas on children's heads that are government mandated; these ideas are shaped to alienate kids from biblical cosmology, as Thompson⁵¹ points out, by inventing an Earth that is round, billions of years old, and once had dinosaurs, denying the intelligent design of biblical teachings. This public education is also supposed to make children passive and gullible (different from the independent, questioning flat-Earthers, as again Thompson mentioned), and they will accept any type of manipulation or interference to their lives and bodies: from taking vaccines that will actually make them sick, to eating toxic GMO foods without questioning, to accepting the idea of a supposedly absurd terrorist attack from airplanes to make people so afraid they will never question the government that claims to protect them. Flat Earth is only one piece of a huge puzzle, that starts with hiding something as gigantic as the shape of the planet itself, and that has complete control of innocent lives as its end goal.⁵² (COSTA, 2021 p. 87)

Conforme aponta a autora, os terraplanistas, assim como conspiracionistas em geral, possuem a tendência de acreditar em diversas teorias conspiratórias ao mesmo tempo. Desta forma, a partir desta característica, surge na segunda metade da década de 2010 a teoria do “QAnon”⁵³, englobando elementos de diversas teorias anteriores e ultrapassando-as em popularidade.

⁵¹ Nathan Thompson é um dos teóricos da conspiração terraplanista que participa do documentário “Behind the Curve” de 2018 que é analisado no trabalho de Costa (2021)

⁵² A educação pública é ruim, porque coloca na cabeça das crianças ideias que são mandatadas pelo governo; essas ideias são moldadas para alienar as crianças da cosmologia bíblica, como aponta Thompson, ao inventar uma Terra redonda, com bilhões de anos, e que já teve dinossauros, negando o design inteligente dos ensinamentos bíblicos. Essa educação pública também deve tornar as crianças passivas e ingênuas (diferente dos independentes e questionadores Terraplanistas, como novamente Thompson mencionou), e elas aceitarão qualquer tipo de manipulação ou interferência em suas vidas e corpos: de tomar vacinas que realmente deixá-los doentes, comer alimentos tóxicos transgênicos sem questionar, aceitar a ideia de um ataque terrorista supostamente absurdo de aviões para deixar as pessoas com tanto medo que nunca questionarão o governo que afirma protegê-las. A Terra Plana é apenas uma peça de um enorme quebra-cabeça, que começa escondendo algo tão gigantesco quanto a forma do próprio planeta, e que tem como objetivo final o controle total de vidas inocentes. (COSTA, 2021 p. 87, tradução nossa)

⁵³ “QAnon” é uma abreviação para a junção da letra “Q” com a palavra anônimo.

Segundo Vrzal (2020), os adeptos do QAnon defendem a narrativa de que existe uma conspiração secreta de satanistas e pedófilos composta por celebridades e liberais⁵⁴, nessa trama, estariam em conluio diversas pessoas conhecidas como Hillary Clinton, Barack Obama, George Soros e Tom Hanks, que além de dominarem a política do mundo, realizariam rituais de adoração ao diabo e tráfico de crianças para práticas de pedofilia. O QAnon combina diversas teorias conspiratórias e consiste em uma narrativa dualista com teor religioso cristão, que para o autor, são uma variação de antigas teorias conspiratórias que compuseram os diversos fenômenos classificados como *Satanic panic* (Pânico Satânico), que consiste em uma forte onda de acusações de práticas cruéis realizadas em cultos satânicos durante a década de 1980 e 1990, iniciada nos Estados Unidos mas que depois alcançou diversos países do mundo, entretanto nenhum crime foi comprovado e o fenômeno é considerado como uma explosão de pânico moral. No caso do QAnon, a conspiração “demonizou” diversos políticos do Partido Democrata e ajudou no aumento de popularidade de Donald Trump⁵⁵, e mobilizou diversos eleitores para a eleição de 2020, quando foi derrotado por Joe Biden. Ponto central da trama, Trump é considerado pelos conspiracionistas como o político que está combatendo as forças malignas de forma secreta.

Segundo o autor, a teoria conspiratória surgiu em 28 de outubro 2017, quando um perfil anônimo chamado “Q” (o nome QAnon se refere a esse usuário anônimo “Q”) do fórum de discussão *online 4chan*, iniciou

⁵⁴ O termo “liberais” é utilizado aqui com a conotação que possui na política estadunidense, onde as ideias se aproximam ao que é considerado como esquerda no Brasil.

⁵⁵ É importante ressaltar que antes do surgimento do Qanon, em março de 2016, a campanha que levou Donald Trump a vencer as eleições contra Hillary Clinton foi favorecida por uma teoria conspiratória semelhante, a denominada *pizzagate* foi uma teoria conspiratória baseada em *e-mails* vazados do chefe da campanha de Hillary que continham a palavra *pizza* e *cheese* (queijo) em contextos que supostamente não faziam sentido. O vazamento dos *e-mails* levou usuários de fóruns da internet e criarem uma teoria conspiratória de que existiria uma rede de tráfico sexual de crianças que seria operada em uma pizzaria de fachada. A pizzaria em questão, chamada “*Comet Ping Pong*” chegou a ser alvo de investigações da polícia em Washington, que nada encontraram. Em dezembro de 2016, um homem chamado Edgar Welch foi a pizzaria armado a fim de realizar uma investigação por conta própria, chegando a disparar três tiros. (CANOSSA, 2020)

um tópico chamado “*Calm Before the Storm*” (Calma Antes da Tempestade) dizendo que Hillary Clinton seria presa na manhã do dia 30 do mesmo mês. Em sequência, o usuário passou a revelar os “segredos” da conspiração, gerando uma onda de diversas interpretações individuais de suas postagens por parte de seus seguidores. No ano de 2020, um número considerável de candidatos republicanos ao congresso estadunidense divulgou conteúdos da conspiração QAnon, incluindo Donald Trump que chegou a compartilhar *tweets* de contas relacionadas à conspiração.

A alta popularidade da conspiração QAnon pode ser vista também fora das redes sociais. No dia 6 de janeiro de 2021, centenas de apoiadores de Donald Trump invadiram o Capitólio dos Estados Unidos, na cidade de Washington, protestando contra uma suposta fraude que teria causado a derrota de Trump nas urnas. Durante a invasão, assim como nos comícios de toda a campanha de Trump, era possível ver cartazes e camisetas com a letra Q em alusão a teoria conspiratória (FIGURA 20), para além dos cartazes em defesa do ex-Presidente e de bandeiras de movimentos da *alt-right*⁵⁶ (direita alternativa), como a bandeira do movimento anarcocapitalista. Dentre os invasores, uma figura se destacou, conhecido como “Xamã do Qanon” (FIGURA 21), Jacob Anthony Angeli Chansley, sem camisa, trajando um chapéu com chifres de búfalo, com o rosto pintado com as cores da bandeira estadunidense e portando um megafone, Chansley furou o bloqueio da segurança e adentrou o capitólio, gerando imagens que se tornaram símbolo da invasão. (TORTELLA, 2022)

⁵⁶ Para Costa (2021), a chamada *alt-right* é um amalgamento de movimentos e comunidades online de direita que começou a crescer a partir de 2008 com o início do mandato de Obama se concentrando em redes sociais de fóruns, como *4Chan* e *Reddit*. Dentro deste “guarda-chuva” é possível incluir conspiracionistas, ultranacionalistas, supremacistas brancos e neonazistas.

FIGURA 20 – Homem utilizando uma camisa em alusão a teoria conspiratória “Qanon” durante invasão do Capitólio em 2021



FONTE: FOLEY (2021)

FIGURA 21 – Jacob Anthony Angeli Chansley, o “Xamã do Qanon” durante invasão do Capitólio em 2021.



FONTE: GARCÍA (2021)

No Brasil, mesmo o país não tendo sido mencionado na conspiração, foi possível ver cartazes ostentando a letra “Q” durante uma manifestação a favor do governo do Presidente Bolsonaro no dia 21 de junho de 2020 (VALFRÉ, 2020). Em outra manifestação, dessa vez em

favor do deputado bolsonarista Daniel Silveira, figurou entre os manifestantes uma “versão brasileira” do Xamã do QAnon (FIGURA 22), protagonizada por Julio Monteiro, que pintou o peito e o rosto de verde e amarelo e, na cabeça, o chapéu de caçador ocupava o espaço juntamente com um cocar verde e amarelo.

FIGURA 22 – Julio Monteiro, a versão brasileira do “Xamã do Qanon” durante manifestação em Niterói em 2022



FONTE: MOURA (2022)

Contudo, outra teoria conspiratória, que de certa forma é alinhada com o QAnon, ganhou força no Brasil a partir da segunda metade da década de 2010. Trata-se da conspiração do “globalismo” ou do “marxismo cultural”. Também proveniente dos Estados Unidos, o globalismo como conspiração surge com o autor conservador William Lind que o insere dentro do fenômeno do marxismo cultural, que consiste em uma estratégia adotada pelos marxistas, especialmente por parte de Gramsci, Lukács e dos marxistas da Escola de Frankfurt, que supostamente notaram que a partir do fracasso da internacionalização da União Soviética, a estratégia mais efetiva a ser empregada seria implantar o pensamento marxista a partir da cultura, moldando o inconsciente coletivo. Desta forma, as sociedades ocidentais estariam sendo manipuladas para se distanciarem dos valores da fé cristã branca e dos valores da família tradicional. A estratégia estaria sendo colocada em prática por meio de “políticas esquerdistas” financiadas por ONGs e por bilionários filantropos como George Soros, e ocorreriam através da

educação sexual nas escolas e da “ditadura do politicamente correto” (PENA, 2019).

Essa conspiração se popularizou no Brasil a partir da figura de Olavo de Carvalho, um pensador conservador que por diversas vezes disseminou teorias conspiratórias, inclusive a do terraplanismo citado anteriormente. Adepto da teoria do globalismo, e figura importante na consolidação da nova direita brasileira, Olavo influenciou diversos alunos através de seus cursos *online* e de seus livros, e vários de seus discípulos compuseram o governo de Jair Bolsonaro, exercendo cargos de alto escalão, como os ex-ministros da educação Ricardo Vélez e Abraham Weintreub, o atual assessor para assuntos internacionais da presidência, Filipe Martins e o ex-chanceler Ernesto Araújo, que se destaca pela quantidade de obras produzidas sobre o assunto.

Em um artigo escrito para os Cadernos de Política Exterior do Itamaraty, Araújo (2017) aponta com teor alarmista que a sociedade ocidental está ameaçada de extinção por inimigos visíveis, como o “terrorismo islâmico radical” e por inimigos invisíveis que ameaçam culturalmente a identidade do ser ocidental, formando, para ele uma Europa e um Estados Unidos pós-modernos que não se orgulham mais de seus “heróis” e abandonam a ideia de alma, de nação de família e de Deus.

O Ocidente pós-moderno é um Ocidente que não quer olhar para si mesmo, que tem um forte impulso de autocontestação e por vezes até mesmo celebra a substituição de sua cultura por aquela dos imigrantes não ocidentais que chegam em número crescente. Não o faz por ser altruísta, por ter compaixão ou tolerância, estas são apenas uma máscara: no fundo o Ocidente escancara as portas para milhões de imigrantes porque se nega a si mesmo, porque está psiquicamente doente. (ARAÚJO, 2017 p. 334)

Para ele, o marxismo cultural globalista atua incessantemente com o objetivo de enfraquecer o ser humano, reduzindo a questão dos imigrantes refugiados a uma mera estratégia de enfraquecimento da ideia de nação e hostilizando toda e qualquer luta que aborde sexualidade de

uma forma não cis e heterossexual, segundo o ex-chanceler, o objetivo é tornas as pessoas inseguras e desconectadas para que se tornem “uma paçoca maleável incapaz de resistir ao poder do estado” (ARAÚJO, 2017 p. 341)

Não por acaso o marxismo cultural globalista dos dias atuais promove ao mesmo tempo a diluição do gênero e a diluição do sentimento nacional: querem um mundo de pessoas “de gênero fluido” e cosmopolitas sem pátria, negando o fato biológico do nascimento de cada pessoa em determinado gênero e em determinada comunidade histórica. (ARAÚJO, 2017 p. 341)

Sua concepção de Ocidente e ancestralidade é completamente deturpada e contraditória, ao mesmo tempo que defende que o Ocidente não deseja impor seu patrimônio maior, que é a sua ancestralidade e sua cultura, pois, segundo ele, é impossível compartilhar sua própria ancestralidade e sua identidade, o ex-chanceler ignora em sua análise qualquer vestígio do processo colonialista que impôs, a partir de genocídio e etnocídio, sua lógica de vida perante as colônias. Ao inserir o Brasil dentro deste ocidente, mesmo se contradizendo ao defender que a ancestralidade não pode ser compartilhada, ele considera como ancestrais do povo brasileiro, não os povos originários que já habitavam essas terras muito antes do “descobrimento” do Brasil, não os povos que foram traficados e escravizados que para cá vieram e marcaram, geneticamente, grande parte da população brasileira. Para ele, os ancestrais dos brasileiros são os habitantes da Grécia antiga e os colonizadores portugueses.

[...] o Brasil, [...], tem uma origem profunda e sagrada, ligada aos mais profundos arcanos da alma ocidental tal qual manifestados na nação portuguesa. Também o Brasil é o filho em que aquele Portugal envelhecido, mas eterno infante, se transforma. Os brasileiros, entretanto, ao longo de décadas, abandonamos a tal ponto a nossa conexão com a velha alma lusa que já não conseguimos perceber-nos como parte desse drama e, imitando os povos europeus, abandonamos qualquer

sentimento do sagrado na leitura de nossa história. (ARAÚJO, 2017 p. 354)

Entretanto, para o ex-chanceler, assim como para os conspiracionistas do QAnon, o remédio para combater os inimigos secretos seria Donald Trump, para o autor, Trump seria uma fagulha de esperança para reavivar o fogo da sociedade ocidental que se apagou na Europa após as guerras mundiais, mas que foi mantido aceso pelos Estados Unidos, mas que, desde a eleição de Barack Obama vem perdendo força. Portanto, tanto o globalismo quanto o QAnon, para além de teorias conspiratórias, são elementos unificadores da extrema-direita pelo mundo que vem causando impactos diretos, chamando seus apoiadores para a ação, seja para uma invasão ao capitólio, seja para “retomar esse combate dramático contra os novos inimigos, não podendo esquecer-se jamais de que como os heróis nos recordam ‘o Ocidente foi salvo com o sangue dos patriotas’” (ARAÚJO, 2017 p. 332). Desta forma, esse nacionalismo exacerbado vem crescendo e se tornando uma ameaça à democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é necessário compreender que a temática abordada neste trabalho ainda não recebeu a atenção devida por parte da comunidade científica brasileira, especialmente por parte da ciência geográfica. A escassez de produções sobre a disseminação de teorias conspiratórias foi uma dificuldade enfrentada durante grande parte da elaboração desta monografia. Entre as poucas dissertações e teses produzidas sobre o assunto, grande parte foi publicada recentemente, dificultando, por questão de tempo, uma leitura criteriosa que com certeza seria enriquecedora para o texto. Contudo, acredito que a partir dos desdobramentos que pandemia de covid-19 acarretou, escancarando o quanto as teorias conspiratórias são perigosas e o seu poder destrutivo, a temática passe a ser cada vez mais estudada. Entretanto, mesmo se tratando de um trabalho que de certa forma apenas introduz a temática, acreditamos que este trabalho possa contribuir para trazer para a Geografia elementos da atualidade que precisam ser estudados com mais atenção.

O crescimento recente de narrativas conspiratórias, que negam até os conhecimentos mais sólidos da ciência, como o formato do planeta, faz com que seja necessário compreender melhor o fenômeno da disseminação de teorias conspiratórias. Desta forma, o pensamento conspiratório, que de forma alguma é recente na humanidade, encontrou por meio do desenvolvimento da internet, um meio propício para uma ampla disseminação.

É necessário compreender aqui, inicialmente, como o desenvolvimento da internet modificou diversos aspectos da sociedade, forjando o que chamamos neste trabalho de ciberespaço, que consiste em uma dimensão contida no espaço geográfico - e que da mesma maneira carrega consigo as contradições inerentes a suas relações sociais de produção - que foi possibilitada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e de comunicação, em especial da internet. Compreendemos aqui que o ciberespaço surge a partir do

desenvolvimento de tecnologia militar por parte dos Estados Unidos e que essa relação íntima com o governo estadunidense perdurou desde o desenvolvimento tecnológico que possibilitou a criação dos computadores até a internacionalização e popularização da internet como a principal rede de comunicação do século XXI, desmascarando a ideia de que a internet é uma rede com uma estrutura descentralizada e horizontal, livre de interferência de governos.

Nesse contexto, consideramos a internet como um dos principais mecanismos do exercício de poder por parte do imperialismo estadunidense. A forma como a internet se espalha globalmente - mas conserva suas estruturas críticas em posse dos Estados Unidos - é, para além de um elemento de promoção da lógica neoliberal para os países “em desenvolvimento”, um empecilho para a criação de redes internas soberanas e seguras, permitindo, conforme foi revelado através do caso Snowden, a espionagem desenfreada por parte de órgãos de segurança estadunidenses.

A disseminação de teorias conspiratórias por meio da internet ocorre principalmente através das redes sociais, que figuram entre os sites mais acessados de toda rede e concentram grande parte do tempo de uso dos usuários de internet, muitas vezes influenciados por pelos planos de operadoras de telefonia que permitem o acesso aos aplicativos sem descontar do limite mensal de internet. A estrutura na qual foram projetadas as redes sociais, visam o engajamento dos usuários, fazendo com que passem o maior tempo possível buscando por novos conteúdos dentro de seus sites ou aplicativos, e é por meio desta característica que os vídeos sobre teorias conspiratórias tendem a se tornarem virais no YouTube, que por meio do seu algoritmo de recomendação de vídeos com base no engajamento do vídeo anterior, tende a aprofundar cada vez mais o usuário em determinado assunto, alcançando vídeos de conteúdo cada vez mais extremo sobre o assunto dos vídeos anteriores.

A facilidade com que uma notícia falsa ou uma teoria conspiratória é disseminada pelas redes sociais e o pouco caso que as plataformas

fizeram no combate a esse tipo de conteúdo permitiu a realização de campanhas de *marketing* político de campanhas eleitorais através da prática do *microtargeting* pelo Facebook, no caso da eleição estadunidense de 2016, e o disparo de mensagens via WhatsApp no caso da eleição brasileira de 2018. As campanhas segmentadas demonstraram o poder que as redes sociais possuem de influenciar processos eleitorais, tornando ferramentas de campanhas políticas tradicionais, como o tempo disponível para determinado candidato em TV aberta, menos relevantes do que em eleições anteriores. Desta forma, é possível realizar campanhas eleitorais mais baratas e efetivas, entretanto trata-se de um formato extremamente propício para a veiculação de notícias falsas e teorias conspiratórias.

Por fim, analisamos especificamente o fenômeno das teorias conspiratórias, que consideramos como um processo histórico de longa data mas que vem adquirindo um novo modelo de disseminação a partir da popularização das redes sociais, e que consiste em uma forma conservadora de compreensão do mundo frente a processos sociais complexos, especialmente em períodos de mudanças intensas na sociedade que impactam de forma direta a vida das pessoas, principalmente quando este impacto tende a ser negativo e apresenta uma previsão pessimista de futuro. Portanto, os indivíduos que possuem uma relação alienada frente aos processos e relações que são materializadas no espaço, perdendo, portanto, seu poder de intervenção e produção efetiva de espacialidades, e compreendendo este espaço de forma limitada, encontram dificuldade em discernir entre o verdadeiro e o falso, tornando-se vulneráveis a explicações conspiratórias.

Neste sentido, a partir da análise de três teorias conspiratórias que alcançam relevância a partir da atuação de seus defensores nas redes sociais e, em alguns casos, também fora delas. A partir da conspiração do terraplanismo foi possível compreender o quão longe o pensamento conspiratório pode chegar, levando os indivíduos a questionar um conhecimento tão sólido construído pela ciência durante séculos que é o formato da Terra. A partir de publicações retiradas de

grupos terraplanistas foi possível compreender o quanto o pensamento religioso está presente nos argumentos deste grupo, que por diversas vezes utilizam trechos da bíblia para tentar buscar provar seus pontos de vista. Entretanto, é necessário ressaltar que este trabalho não visa reduzir o fenômeno religioso aos exemplos que foram citados anteriormente, mas respeitá-lo pela sua complexidade como uma forma de se compreender a realidade, assim como é o pensamento científico. Outra característica notável é a tendência que indivíduos adeptos de determinada teoria conspiratória possuem em acreditar em outras conspirações afins.

A partir desta característica, analisamos as teorias conspiratórias do QAnon e do globalismo, ou marxismo cultural. Com base nestas duas conspirações, podemos compreender diversas características do avanço de uma nova onda conservadora que, partindo dos Estados Unidos, atravessa diversos países pelo mundo, utilizando tais narrativas a seu favor como um elemento para favorecer a popularidade de determinado candidato ou como parte integrante de governos. As teorias conspiratórias romperam a barreira dos fóruns de internet e das redes sociais e alcançaram uma perigosa relevância política. Quando conspiracionistas deixam de se resumir a grupos exóticos de internet, que por vezes são considerados motivo de piada, e passam a ocupar cargos políticos de grande importância, orientando-se por meio de tais visões deturpadas da realidade, tornam-se um risco real para a democracia e para as populações.

Por fim, acreditamos que novas pesquisas sobre os temas abordados neste trabalho podem aprofundar a discussão acerca da ação de diferentes grupos por meio das redes sociais, sejam eles grupos de teóricos da conspiração, sejam eles grupos de ação política. A compreensão das dinâmicas ofertadas pelo avanço das redes sociais é fundamental para avaliar os impactos que o ciberespaço causa na materialidade do espaço geográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Andrey José. **Qual é a diferença entre Dark Web e Deep Web?** [S. l.]: TECMUNDO, 9 mar. 2018. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/128029-diferenca-entre-dark-web-deep-web.htm>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ALECRIM, Emerson. **O que é SATA?** Conheça as versões I, II e III. [S. l.]: INFOWESTER, 28 set. 2020. Disponível em: <https://www.infowester.com/serialata.php>. Acesso em: 5 ago. 2021.

ALECRIM, Emerson. **Processadores de 64 bits x Processadores de 32 bits.** [S. l.]: INFOWESTER, 1 maio 2006. Disponível em: <https://www.infowester.com/64bitsx32bits.php>. Acesso em: 3 ago. 2021.

ALTER, Adam. **Irresistible: The Rise of Addictive Technology and the Business of Keeping US Hooked.** 2. ed. Nova Iorque: Penguin, 2017.

ALVES, Ludmila Girardi. **Redes de Comunicação e Território: A formação e a organização socioespacial da internet no Brasil.** Orientador: Profa. Dra. Fernanda Padovesi Fonseca. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ALVES, Walter Vinnícius Oliveira da Silva. **ILLUMINATI E PROCESSOS SIMBÓLICOS: Coincidência?** Orientador: Úrsula Diesel. 2015. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - UniCEUB, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/6995>. Acesso em: 2 maio 2022.

ARAÚJO, Ernesto. **Trump e o Ocidente.** Cadernos de Política Exterior. ano III, nº 6, 2017. <https://doi.org/10.61623/cpe.v3n6.a10>

ASSIS, Emanuel Cesar Pires de. **Ciberespaço e Pós-Modernidade em Neuromancer de William Gibson.** In: VI ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2010, Salvador. Salvador: UFBA, 2010.

AUPERS, Stef. **‘Trust no one’**: Modernization, paranoia and conspiracy culture. *European Journal of Communication*, Roterdã, p. 22-34, 2012. DOI 10.1177/0267323111433566. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0267323111433566>. Acesso em: 27 abr. 2022. <https://doi.org/10.1177/0267323111433566>

AZEVEDO, Levi Oliveira Araújo et al. **Revisitando o Experimento de Eratóstenes**: medida do raio de Terra. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 44, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/cZBNSFdKprSQRwZRkfLrnQL/#>. Acesso em: 7 maio 2022. <https://doi.org/10.1590/1806-9126-rbef-2021-0354>

AZEVEDO, Tiago. **Caixa de Skinner**: O centro do Condicionamento Operante. [S. l.]: PSICOATIVO, 6 ago. 2016. Disponível em: <https://psicoativo.com/2016/08/caixa-de-skinner-o-centro-do-condicionamento-operante.html>. Acesso em: 31 ago. 2021.

BAUAB, F. P. **Da Geografia Medieval às origens da Geografia Moderna: contrastes entre diferentes noções de natureza, espaço e tempo**. 2005. 304 f. 2005. Tese de Doutorado. (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BAUMAN, Zygmunt et al. **Após Snowden**: Repensando o Impacto da Vigilância. *EcoPós*, Rio de Janeiro, v. 18, ed. 2, 17 out. 2015. DOI <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v18i2.2660>. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2660. Acesso em: 16 fev. 2022.

BONFIM, Carolina Santos; GARCIA, Pedro Maciel de Paula. **Investigando a “Terra plana” no YouTube**: contribuições para o ensino de Ciências. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, v. 12, n. 3, p. 1-25, 23 maio 2021. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/2892>. Acesso em 12 mai. 2022. <https://doi.org/10.26843/rencima.v12n3a21>

BORGESIUUS, Frederik Zuiderveen et al. **Online political microtargeting: Promises and threats for democracy.** Utrecht Law Review, v. 14, n. 1, p. 82-96, 2018. <https://doi.org/10.18352/ulr.420>

BOZZA, Claudia. **Saiba o que é um navegador e um sistema operacional.** [S. l.], 22 ago. 2013. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2011/08/saiba-o-que-e-um-navegador-e-um-sistema-operacional.html>. Acesso em: 9 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014.** Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12965.htm. Acesso em: 22 fev. 2022.

BREDA, Diógenes Moura. **Ensayo sobre la ceguera:** la industria 4.0 en América Latina. [S. l.]: Hemisferio Izquierdo, 20 jun. 2018. Disponível em: <https://www.hemisferioizquierdo.uy/single-post/2018/06/17/Ensayo-sobre-la-ceguera-la-industria-40-en-Am%C3%A9rica-Latina>. Acesso em: 11 ago. 2021.

BUTTER, Michael. **Why Do We Believe in Conspiracy Theories?.** CICERO FOUNDATION GREAT DEBATE PAPER, Alemanha, p. 1-15, 21 mar. 2021. Disponível em: https://www.cicerofoundation.org/wp-content/uploads/Butter_Conspiracy_Theories.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

CADWALLADR, Carole. **The great British Brexit robbery: how our democracy was hijacked.** The Guardian, [S. l.], 7 maio 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/07/the-great-british-brexite-robbery-hijacked-democracy>. Acesso em: 21 mar. 2022.

CALDEIRA, Vito. **Imagem sem título.** Santos, 17 de abr. 2022, Facebook: **B R** Brasil Terra Plana **B R**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=653741889023475&set=g.863993470667643>

CALDEIRA, Vito. **Imagem sem título**. Santos, 6 de mai. 2022, Facebook: **B R** Brasil Terra Plana **B R**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=665194024544928&set=g.863993470667643>

CANOSSA, Carolina. **Pizzagate**: o escândalo de fake news que abalou a campanha de Hillary. Super Interessante, [S. l.], 14 fev. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/pizzagate-o-escandalo-de-fake-news-que-abalou-a-campanha-de-hillary/>. Acesso em: 17 maio 2022.

CARISSIMI, Leonardo. **Criptografia fim-a-fim**: disponível no WhatsApp, mas não na sua empresa. TI INSIDE. [S. l.], 19 abr. 2016. Disponível em: <https://tiinside.com.br/19/04/2016/criptografia-fim-fim-disponivel-no-whatsapp-mas-nao-na-sua-empresa/>. Acesso em: 29 mar. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 22. ed. rev. e aum. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CHEQUER, Victor. **WhatsApp no Brasil**: como o app se tornou a principal forma de comunicação digital? [S. l.]: TAKE, 6 jul. 2016. Disponível em: <https://www.take.net/blog/whatsapp/whatsapp-no-brasil/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

CIPOLI, Pedro. **O que é SSD?** [S. l.]: CANALTECH, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/hardware/o-que-e-ssd/>. Acesso em: 5 ago. 2021.

CLARO. **Escolha seu Preço**. In: Planos e Promoções. [S. l.], 14 mar. 2022. Disponível em: <https://www.claro.com.br/celular/planos-pre/prezao>. Acesso em: 14 mar. 2022.

CÓRDOVA, Yasodara. **COMO O YOUTUBE SE TORNOU UM CELEIRO DA NOVA DIREITA RADICAL**. The Intercept Brasil, [S. l.], p. 10 jan. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/01/09/youtube-direita/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

COSTA, Israel Reis. **A EVOLUÇÃO DOS DISPOSITIVOS DE ARMAZENAMENTO DE DADOS NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA.**

Orientadora: Dr.^a Liliane Faria Corrêa Pinto. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Informática) - Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó, 2017. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/2830>. Acesso em: 3 ago. 2021.

COSTA, Karla Resende da. **Science as feeling: the emotions of the Flat Earth movement and its political alignments.** Orientador: Prof^a. Paula Orrico Sandrin. 2021. 117 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/53684/53684.PDF>. Acesso em: 5 abr. 2022.

DÂMASO, Livia. **A história do Orkut.** [S. l.]: TECHTUDO, 5 jul. 2014. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/historia-do-orkut.html>. Acesso em: 25 ago. 2021.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIAS, Guilherme. **Como eram os computadores e mainframes na década de 1980.** [S. l.]: TECMUNDO, 4 set. 2014. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/supercomputadores/58611-computadores-mainframes-decada-1980-falta-imagens.htm>. Acesso em: 3 ago. 2021.

DIETRICH, Ana Maria. **NAZISMO VERSUS INTEGRALISMO NO SUL DO BRASIL: ALGO EXTRAORDINÁRIO” NA AVALIAÇÃO DO III REICH.** Boletim do Tempo Presente, [s. l.], ed. 3, p. 1-16, 2012. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente/article/view/4154>. Acesso em: 6 maio 2022.

DUAYER, Mario. Crítica ontológica em Marx. In: JOSÉ PAULO, Netto. **Curso livre Marx-Engels: a criação destruidora.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. cap. 6, ISBN 9788575594698. E-book.

EIRAS, Natália. **Testada em animais, vacina contra covid-19 divide opiniões entre veganos**. UOL, Lisboa, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/17/testada-em-animais-vacina-contracovid-19-divide-opinioes-entre-veganos.htm>. Acesso em: 25 mar. 2022.

EMPOLI, Giuliano Da **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

ERHARDT, A. **A prática do Zero Rating e o Princípio da Neutralidade de Rede previsto na Lei nº 12.965/14**: reflexões sobre o fenômeno da inclusão digital e o desenvolvimento de novas tecnologias. *Journal of Law and Regulation*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 343–358, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rdsr/article/view/19262>. Acesso em: 14 mar. 2022. <https://doi.org/10.26512/lstr.v8i1.21532>

ESTES, Adam Clark. **Macintosh, o controverso computador que mudou o mundo, completa 30 anos**. [S. l.]: Glzmodo - UOL, 24 jan. 2014. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/macintosh-30-anos/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos**: a encruzilhada da esquerda brasileira. Autonomia Literária, 2019.

FIGUEIREDO, Wellington dos Santos. **O Fio de Ariadne e o labirinto da internet**: geografia e tecnologia: a dialética virtual x real, as redes e as ruas: o ciberespaço como dimensão socioespacial. 2020.

FILHO, Paulo Faltay. **MÁQUINAS PARANOIDES E SUJEITO INFLUENCIÁVEL: CONSPIRAÇÃO, CONHECIMENTO E SUBJETIVIDADE EM REDES ALGORÍTMICAS** Rio de. Orientador: Dra. Fernanda Glória Bruno. 2020. 213 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://medialabufrj.net/publicacoes/2021/tese-maquinas-paranoides-e-sujeito-influenciavel-conspiracao-conhecimento-e-subjetividade-em-redes-algoritmicas-de-paulo-faltay/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

FISHER, Max; TAUB, Amanda. **How YouTube Radicalized Brazil**. The New York Times, [S. l.], 11 ago. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html>. Acesso em: 17 mar. 2022.

FOLEY, Ryan. **FBI: QAnon backer from Iowa was among 1st to breach Capitol**. Abc News, Mission, Kansas, p. a, 12 jan. 2021. Disponível em: <https://abcnews.go.com/US/wireStory/fbi-qanon-backer-iowa-1st-breach-capitol-75209458>. Acesso em: 16 maio 2022.

FRANZÃO, Luana. **Do ENIAC ao notebook**: confira a evolução dos computadores nas últimas décadas. São Paulo: CNN, 23 fev. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/2021/02/23/do-eniac-ao-notebook-confira-a-evolucao-dos-computadores-nas-ultimas-decadas>. Acesso em: 2 ago. 2021.

FREIRE, Raquel. **Dez curiosidades sobre disquetes, que fizeram sucesso nos PCs dos anos 90**. [S. l.]: TECHTUDO, 10 jun. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2019/06/dez-curiosidades-sobre-disquetes-que-fizeram-sucesso-nos-pcs-dos-anos-90.ghtml>. Acesso em: 4 ago. 2021.

FREITAS, Denir Camargo. **A tristeza e a inveja na obrigação de ser feliz**. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 40, n. 65, p. 97-107, jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062018000100009&lng=pt&nrm=iso. acesso em 09 mar. 2022.

FREUD, Sigmund. **Freud (1930-1936) o mal-estar na civilização e outros textos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 496 p. v. 18.

GHEDIN, Rodrigo. **CINCO DOS DEZ CANAIS QUEEXPLODIRAM NO RANKING DOYOUTUBE DURANTE ASELEIÇÕES SÃO DE EXTREMA DIREITA**. The Intercept Brasil, [S. l.], 28 ago. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Editora Aleph, 2016.

GNIPPER, Patrícia. **A evolução das redes sociais e seu impacto na sociedade – Parte 1**. [S. l.]: CANALTECH, 6 fev. 2018a. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-1-107830/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GNIPPER, Patrícia. **A evolução das redes sociais e seu impacto na sociedade – Parte 2**. [S. l.]: CANALTECH, 13 fev. 2018b. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-2-108116/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GNIPPER, Patrícia. **A evolução das redes sociais e seu impacto na sociedade - Parte 3**. [S. l.]: CANALTECH, 6 mar. 2018c. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-3-109324/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

GORTON, William A. **Manipulating citizens**: How political campaigns' use of behavioral social science harms democracy. *New Political Science*, v. 38, n. 1, p. 61-80, 2016.

<https://doi.org/10.1080/07393148.2015.1125119>

HEMPEL, C. G. Investigação científica: invenção e verificação. _____. **Filosofia da Ciência Natural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua 2019**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=30362&t=resultados> Acesso em: 14 jul. 2021.

GARCÍA, Iker. **“Xamã do QAnon”, símbolo do ataque ao Capitólio, é condenado a mais de 3 anos de prisão**. *El País*, Washington, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-11-17/xama-do-qanon-simbolo-do-ataque-ao-capitolio-e-condenado-a-mais-de-3-anos-de-prisao.html>. Acesso em: 16 maio 2022.

ISRAEL, Carolina Batista. **Redes digitais, espaços de poder**: sobre conflitos na reconfiguração da internet e as estratégias de apropriação

civil. Orientador: Maria Mónica Arroyo. 2019. 381 p. Tese (Doutorado) - USP, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-24052019-102927/en.php>. Acesso em: 7 jan. 2022.

JUNQUEIRA, Karina; MOREIRA, Ana Camila. **Estado de exceção permanente pós 11/09**: as implicações da legislação de emergência estadunidense. Mural Internacional, Rio de Janeiro, v. 12, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/muralinternacional/article/view/54038>. Acesso em: 9 fev. 2022. <https://doi.org/10.12957/rmi.2021.54038>

KALIL, Isabela. & SANTINI, Rose Marie “**Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política**”. Relatório de pesquisa. Divulgado em 01 de abril de 2020. 21p. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP / UFRJ. Disponível: <https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf> Acesso em: 29 mar. 22.

KASPERSKY. **Redes sociais são usadas por 71% dos brasileiros como fonte de informação, mostra Kaspersky**. In: KASPERSKY. Comunicado à Imprensa. [S. l.], 7 out. 2021. Disponível em: https://www.kaspersky.com.br/about/press-releases/2021_redes-sociais-sao-usadas-por-71-dos-brasileiros-como-fonte-de-informacao-mostra-kaspersky. Acesso em: 14 mar. 2022.

KLEINA, Nilton. **A história do YouTube, a maior plataforma de vídeos do mundo**. [S. l.]: TECMUNDO, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>. Acesso em: 25 ago. 2021.

KOBAYASHI, Samyo. **Assim nosso criador criou a terra linda e plana**. S.l., 16 de set. 2021, Facebook: **B R** Brasil Terra Plana **B R**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=114462314301902&set=g.863993470667643>

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LASAR, Matthew. **UNIVAC**: the troubled life of America's first computer. [S. l.]: Ars Technica, 18 set. 2011. Disponível em: <https://arstechnica.com/tech-policy/2011/09/univac-the-troubled-life-of-americas-first-computer/?comments=1>. Acesso em: 2 ago. 2021.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

MEHL, Ewaldo Luiz de Mattos, **Do Transistor ao Microprocessador**. S/d. Coletânea online de artigos acadêmicos, prof. Mehl. Disponível em: http://professorpetry.com.br/Bases_Dados/Apostilas_Tutoriais/historia_transistor.pdf Acesso em: 02 ago. 2021.

LIMA, Dassayeve Távora. Prefácio. In: MAIA, Heribaldo. **Neoliberalismo e Sofrimento Psíquico**: O Mal-Estar Nas Universidades. Recife. Editora Ruptura, 2022.

LOUBAK, Letícia. **WhatsApp começa a mostrar se mensagem foi encaminhada muitas vezes**. In: TECHTUDO. Notícias. [S. l.], 3 ago. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/08/whatsapp-comeca-a-mostrar-se-mensagem-foi-encaminhada-muitas-vezes.ghml>. Acesso em: 29 mar. 2022.

MCKENZIE-MCHARG, Andrew. Conceptual History And Conspiracy Theory. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Handbook of Conspiracy Theories**. Abingdon: Routledge, 2020. cap. 5.1, p. 531-541. https://doi.org/10.4324/9780429452734-1_1

MODESTO, Salem Edrey. **Globalização, neoliberalismo e redes sociais**: a ascensão do movimento brasil livre (MBL). 2018.

MOREIRA, Matheus. **Convenção em São Paulo reúne quem duvida de que a Terra seja redonda**. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 nov. 2019. Ciência, p. 2. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/11/convencao-em-sao-paulo->

reune-quem-duvida-de-que-a-terra-seja-redonda.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996.

Acesso em: 12 maio 2022.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. Editora Contexto, 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O MITO DA CONSPIRAÇÃO JUDAICO-COMUNISTA**. Revista de História FFLCH-USP, São Paulo, v. 138, p. 93-105. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i138p93-105>

MOURA, Matheus de. **‘Esse é branco mesmo’**: ato pró-Silveira tem sócia de ‘viking do Capitólio’. UOL, Niterói, p. a, 1 maio 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/05/01/ato-por-daniel-silveira-em-niteroi-reune-em-torno-de-3000-e-maioria-branca.htm>. Acesso em: 18 maio 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18845>. Acesso em: 29 abr. 2022.

NASCIMENTO, Paulo Meyer et al. **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia**. Brasília: Ipea, 2020. 16 p. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10228>. Acesso em: 26 jul. 2021.

OXFORD. **Oxford Dictionaries word of the year 2016**. OxfordWords blog, 2016. Disponível em <<https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>> Acesso em: 14 set. 2020.

PAGÁN, Victoria Emma. Conspiracy theories In The Roman Empire. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Handbook of Conspiracy Theories**. Abingdon: Routledge, 2020. cap. 5.1, p. 531-541. https://doi.org/10.4324/9780429452734-5_1

PALMEIRA, Carlos. **Windows**: Veja a evolução do principal sistema operacional do mundo. [S. l.]: TECMUNDO, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/219912-windows-veja-evolucao-principal-sistema-operacional-do-mundo.htm>. Acesso em: 3 ago. 2021.

PATTSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. 2012. 419 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

PEIRANO, Marta. **El Enemigo Conoce El Sistema: Manipulación de ideas, personas e influencias después de la Economía de la atención**. Barcelona: Debate, 2019.

PELTIER, Marie. **Le Conspirationnisme – Marie Peltier**. Youtube, 10 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KFrSZx6MnrY&t=2s>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

PENA, Lara Pontes Juvencio. **“Globalismo”**: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. Fronteira, Belo Horizonte, v. 18, ed. 36, p. 371-386, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/19677>. Acesso em: 18 maio 2022.

PEREIRA, Israel Vieira. **TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: FUNCIONAMENTO DISCURSIVO E EFEITOS DE VERDADE**. Orientador: Dra. Silvânia Siebert. 2021. 270 p. Tese (Doutorado) - UNISUL, Tubarão, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/17489/1/Teorias%20da%20Conspira%C3%A7%C3%A3o%20-%20Funcionamento%20discursivo%20e%20efeitos%20de%20verdade.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2022.

PINTO, Céli Regina Jardim. A Trajetória Discursiva Das Manifestações De Rua Do Brasil (2013-2015). In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila. **As Direitas na Rede e nas Ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

PINTO, Danielle Jacon Ayres; MORAES, Isabela. **As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit**. Revista de Estudios Sociales, n. 74, p. 71-82, 2020. <https://doi.org/10.7440/res74.2020.06>

PIRES, Hindenburgo Francisco. **Reflexões sobre o advento da cibergeografia ou o surgimento da geografia política do ciberespaço:** contribuição a crítica à geografia crítica. II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, p. 1-15, 2009. Disponível em: <<https://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/hindenburgo-pires.pdf>> Acesso em 26 março 2020.

PIRES, Hidenburgo Francisco. **Estados Nacionais, Soberania E Regulação Da Internet.** Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 16, 2016. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/14861>. Acesso em: 7 fev. 2022.

PIRES, Hidenburgo Francisco. **O Controle da Governança da Internet:** A rearticulação do discurso nas redes sociais. Scripta Nova, Barcelona, v. 18, 2014. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/15042>. Acesso em: 7 fev. 2022.

POPPER, Karl R. **Conjecturas e refutações:(o progresso do conhecimento científico).** Ed. Universidade de Brasília, 1972.

RANDLES, William GL. **Da terra plana ao globo terrestre: uma mutação epistemológica rápida,** 1480-1520. Papirus, 1994.

RECUERO, Raquel da Cunha; ZAGO, Gabriela da Silva; SOARES, Felipe Bonow. **Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter.** Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Encontro Anual (COMPÓS).(26.: 2017 jun. 06-09: São Paulo, SP).[Anais]. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017., 2017.

REZENDE, Alessandro Teixeira. **ENTENDENDO AS CRENÇAS EM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO:** CONTRIBUIÇÃO DOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE E VALORES HUMANOS. Orientador: Valdiney Veloso Gouveia. 2019. 219 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

RIBEIRO, Victor. **COMO A EXTREMA DIREITA BURLA PUNIÇÕES DO YOUTUBE – E O GOOGLE FINGE QUE NÃO VÊ**. The Intercept Brasil, [S. l.], 19 abr. 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/04/19/como-a-extrema-direita-burla-punicoes-do-youtube-e-o-google-finge-que-nao-ve/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

ROSA, Cleici Teresinha Werner; DARROZ, Luiz Marcelo; TYBURSKI, Letícia. **A forma da Terra no ensino fundamental: a qual fonte de informação os alunos outorgam maior autoridade epistêmica?** Revista Thema, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 1019-1033, 2018. DOI: 10.15536/thema.15.2018.1019-1033.980. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/980>. Acesso em: 9 set. 2020. <https://doi.org/10.15536/thema.15.2018.1019-1033.980>

ROSA, Daniel Aparecido. **A Concepção de corpo em René Descartes**. Mariana - MG: EMPORIUM, 3 out. 2017. Disponível em: <http://famariana.edu.br/blog/2017/10/03/a-concepcao-de-corpo-em-rene-descartes/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SANTOS, Bruno Pereira. et al. **Internet das coisas: da teoria à prática**. Minicursos SBRC-Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos, v. 31, p. 16, 2016.

SANTOS, João Guilherme Bastos et al. **WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018**. Comunicação & Sociedade, v. 41, n. 2, p. 307-334, 2019. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v41n2p307-334>

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2003.

SEIXAS, Paulo Renato Lopes. **Uma análise do protocolo DNS e suas extensões**. In: SIMPOETS, 2008, Goianésia - GO. Anais [...] CEFET-GO, 2008. p. 161-171.

SILVA, Carlos Aalberto; TANCAMAN, Michéle. **A Dimensão Socioespacial do Ciberespaço**: uma nota. GEOgraphia, Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, p. 55-66, 1999.
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i2.a13351>

SILVA, Guilherme Carvalho da. **O ciberespaço como categoria geográfica**. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Raphael Curioso Lima. **A Disseminação da Internet e Suas Implicações Para a Dinâmica Territorial Brasileira**. Orientador: Prof. Dra. Adriana Maria Bernardes da Silva. Tese (Doutorado) - UNICAMP, Campinas, 2019. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/335885/1/Silva_RaphaelCuriosoLima_D.pdf. Acesso em: 9 ago. 2021.

SILVA, Sandra. **Sedução e Resistência a partir da Literacia Mediática**. 2010. 114 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/55681>. Acesso em: 14 set. 2020.

SILVEIRA, Richard Batista. **HISTÓRIA DO MICROSOFT® WINDOWS®**. [S. l.]: UENP, 2009. Disponível em: http://ccp.uenp.edu.br/centros/d_matematica/jcoelho/txt/ap-jc01-windows.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

SOUTO. Átila Augusto; CAVALCANTI, Daniel B; MARTINS, Roberto Pinto (Org). **Um plano nacional para banda larga**: o Brasil em alta velocidade. Brasília: Ministério das Comunicações, 2010. 197 p.

SUNSTEIN, Cass R.; VERMEULE, Adrian. **Conspiracy Theories**. Harvard University Law School Public Law & Legal Theory Research Paper Series. 2008. Disponível em:

https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1084585. Acesso em: 28 abr. 2022.

TELLES, Helcimara. Corrupção, Legitimidade Democrática E Protestos: O Boom Da Direita Na Política Nacional. In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila. **As Direitas na Rede e nas Ruas: a crise política no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

TERAN, Jorge. Almacenamiento de datos. [S. l.], [2020?]. Disponível em: <https://www.timetoast.com/timelines/dispositivos-de-almacenamiento>. Acesso em: 4 ago. 2021.

TIM. **Tim Pré Top**. In: Tim Planos. [S. l.], 14 mar. 2022. Disponível em: <https://planos.tim.com.br/celular/pre/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

TORTELLA, Tiago. **Invasão do Capitólio completa um ano: relembre o ataque à democracia dos EUA**. CNN Brasil, [S. l.], p. 6 jan. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-ao-capitolio-completa-um-ano-relembre-o-ataque-a-democracia-dos-eua/>. Acesso em: 16 maio 2022.

TUDOCCELULAR, **Claro aumenta base de clientes e TIM registra perda de usuários no primeiro semestre de 2021**. [S. l.]: TUDOCCELULAR, 3 ago. 2021. Disponível em: <https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n177785/claro-aumenta-base-clientes-tim-registra-perda.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.

VALFRÉ, Vinicius. **QAnon ganha força no Brasil com teorias conspiratórias e apoio a Bolsonaro**. Estadão, [S. l.], 29 ago. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,qanon-ganha-forca-no-brasil-com-teorias-conspiratorias-e-apoio-a-bolsonaro,70003418110>. Acesso em: 17 maio 2022.

VENTURA, Felipe. **WhatsApp ganha botão Pesquisar para checar fatos no Google**. In: TECNOBLOG. Notícias. [S. l.], 3 ago. 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2020/08/03/whatsapp->

ganha-botao-pesquisar-para-checar-fatos-no-google/. Acesso em: 29 mar. 2022.

VIVO. **Vivo Pré**. In: Planos Vivo. [S. l.], 14 mar. 2022. Disponível em: <https://telefonevivo.com.br/planos-vivo/pre/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

VIAN, Henrique Caetano. **O Ciberespaço Como Produto E (Re)Produtor Do Espaço Geográfico**. Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, v. 11, n. 03, p. 2-33, 29 abr. 2021. <https://doi.org/10.14393/OREG-v11-n03-2020-60750>

WARF, Barney. **Mergers and Acquisitions in the Telecommunications Industry**. RePEc, Kansas, 2003. DOI 10.1111/1468-2257.00221. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/4990722_Mergers_and_Acquisitions_in_the_Telecommunications_Industry. Acesso em: 8 fev. 2022.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2021 Global Overview Report**: The Latest Insights Into How People Around The World Use The Internet, Social Media, Mobile Devices, And Ecommerce. [S. l.]: We Are Social, 2021. Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2021>. Acesso em: 30 ago. 2021.